

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

KATE FABIANI RIGO

VAMOS COMEÇAR PELO FIM?
A PEDAGOGIA CEMITERIAL COMO PROJETO EDUCATIVO NO
ESPAÇO ESCOLAR

SÃO LEOPOLDO
2015

KATE FABIANI RIGO

VAMOS COMEÇAR PELO FIM?
A PEDAGOGIA CEMITERIAL COMO PROJETO EDUCATIVO NO
ESPAÇO ESCOLAR

Tese de doutorado
Para obtenção de grau de
Doutora em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós Graduação
Área de Concentração: Religião e Educação

ORIENTADOR: Prof. Dr. Wilhelm Wachholz

São Leopoldo

2015

Ficha catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R572v Rigo, Kate Fabiani

Vamos começar pelo fim?: a pedagogia cemiterial como projeto educativo no espaço escolar / Kate Fabiani Rigo ; orientador Wilhelm Wachholz. – São Leopoldo : EST/PPG, 2015.

208 p. : il. ; 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2015.

1. Adolescentes e morte. 2. Morte – Aspectos religiosos. 3. Ciberespaço – Aspectos sociais. 4. Adolescentes – Comportamento suicida. 5. Redes sociais on-line – Aspectos sociais. 6. Facebook (Rede social on-line). 7. Ensino religioso I. Wachholz, Wilhelm. II. Título.

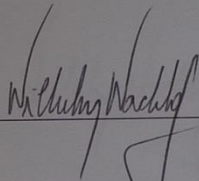
KATE FABIANI RIGO

**VAMOS COMEÇAR PELO FIM? A PEDAGOGIA CEMITERIAL COMO PROJETO
EDUCATIVO NO ESPAÇO ESCOLAR**

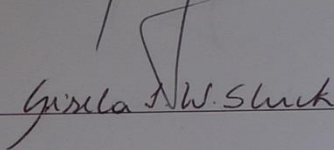
Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de
Doutora em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Religião e Educação

Data de Aprovação: 07 de agosto de 2015

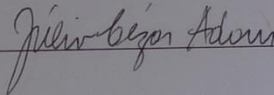
Prof. Dr. Wilhelm Wachholz (Presidente)



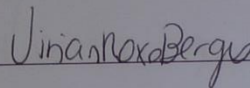
Prof.^a Dr.^a Gisela Isolda Streck (EST)



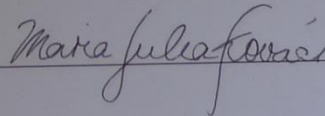
Prof. Dr. Julio Cezar Adam (EST)



Prof.^a Dr.^a Vivian Roxo Borges (PUCRS)



Prof.^a Dr.^a Maria Júlia Kovács (USP)



Dedicatória

Dedico este trabalho ao grupo que me ajudou a provar que a morte pode ser encenada e que o cemitério pode ser transposto para os palcos. Ao Grupo Cemiterium toda a minha gratidão por terem feito parte da minha vida por sete, intensos, anos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Faculdades EST por acolher o projeto e por proporcionar intensos momentos de aprendizado, trocas e por incentivar constantemente seus discentes a participarem de Congressos dentro e fora do Brasil. Este comprometimento institucional e o PROEX possibilitaram a divulgação da pesquisa em universidades como: USP, Faculdades EST, Universidade Católica de Minas Gerais, Universidade Federal do Maranhão, Unisinos, Universidade Católica de Pernambuco, Universidade de Braga, Universidade de Lisboa, Universidade Sapienza de Roma, Universidade de Oxford e Universidade de Cambridge.

Agradeço ao Prof. Dr. Wilhelm Wachholz que aceitou o desafio de orientar a pesquisa de forma tão presente, entusiástica e criteriosa. Agradeço a todos docentes do PPG da EST por partilharem com seus/suas discentes o conhecimento e por enxergarem o potencial em cada pesquisa desenvolvida neste espaço acadêmico. Em especial, agradeço a Prof^a. Dr^a Laude Brandenburg por me ensinar que a educação deve ser pensada por pessoas que vivem a educação; agradeço ao Prof. Dr. Remi Klein que mostrou o quanto Paulo Freire e o Ensino Religioso são temas convergentes, ao Prof. Dr. Flávio Schmitt por suas reflexivas aulas de Hermenêutica.

Agradeço de forma especial aos professores que, além de terem contribuído com o desenvolvimento da pesquisa também aceitaram participar da banca de avaliação da tese: Prof^a. Dr^a. Gisela Streck que dividiu comigo o seu amor ao tema da adolescência e Prof. Dr. Júlio Adam que permitiu a minha participação em seu grupo de pesquisa sobre Juventude e Fé.

Agradeço ao Pr. Walmor Ari Kanitz que sempre foi muito solícito e atencioso nas questões relativas ao PROEX e nos tramites do Doutorado Sanduiche. Agradeço ao Prof. Dr. Rudolf von Sinner pelas conversas informais nos intervalos das aulas ou dos grupos de pesquisa. Agradeço a simpatia, ao café e aos bolos maravilhosos da D. Marta que foram vitais durante os dias intensos e inteiros de aula da EST.

Agradeço a disponibilidade, o interesse e o aceite da Prof^a. Dr^a. Maria Julia Kovács e da Prof^a. Dr^a. Vivian Roxo Borges em participarem da banca de avaliação desta pesquisa de doutorado.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que financiou o desenvolvimento desta pesquisa no Brasil e na Alemanha a partir do Programa de Doutorado sanduiche.

Agradeço o Programa de Teologia da Georg-August-Universität Göttingen em parceria com as Faculdades EST, em especial ao meu co-orientador Prof. Dr. Fritz Heinrich que acolheu o projeto.

Agradeço a disponibilidade e a atenção recebida pela Dr^a. Caterina Indolfo e Dr^a. Daniela Rokoss-Heiss, responsáveis pelo acervo da Mapoteca do Ibero-Amerikanisches Institut em Berlim.

Agradeço ao grupo Cemiterium e a todos (as) que se engajaram neste projeto, em especial aos integrantes que estiveram ao meu lado no início e no fim do Grupo: Kenya, Guilherme (Ozzy), Vinícius, Camila, Andressa, Sabrina, Gabriel, Éder,

Raphaela, Bruna, Bernardo, Maithe, Eduardo, Emmanoel, Keller, Tharcila, Anna, Brenda.

Agradeço as minhas amigas e irmãs do coração, Miriam e Monica, que acompanharam todo o processo de desenvolvimento e envolvimento desta pesquisa, e principalmente, por dividirem comigo o sonho de difundir uma educação mais humana e significativa. Agradeço ao amigo Anderson pelas conversas pedagógicas e por ter se disponibilizado a realizar a revisão final da tese.

Agradeço as pessoas que sempre se fizeram presentes mesmo na minha ausência: dinda Mari, Gleyds, Angelo, as *Psicogatas* (Bruna, Daniela, Gabriela, Gabriela J., Luana, Larissa), Liseane, Tamara, Simone, Clarissa, Gisele, Salete, Ronel, Carla, Ruben, Sonia, Glauco, Ana Rita, Rita, Alex, Paula, Anelise. Por fim, agradeço Luciane Zimerman e Marcely Pereira que aceitaram desenvolver a Pedagogia Cemiterial em seus espaços escolares.

Agradeço aos colegas e pesquisadores Cemiteriais, em especial ao Prof. Harry Bellomo que nos apresentou o cemitério como um lugar de arte e de múltiplas pesquisas.

Agradeço aos meus familiares e aos familiares do meu marido por sempre estarem ao nosso lado incentivando e nos apoiando na busca de nossos projetos, deve ter sido difícil aguentar dois doutorandos ao mesmo tempo.

Por fim, agradeço as duas pessoas que tornam meus dias mais completos, que estão comigo nos momentos de alegria, tristeza, de vida e de morte. As duas pessoas que dividem comigo sonhos, constroem comigo planos, pesquisam comigo cemitério e que compartilham comigo o cotidiano. Agradeço a vocês Thiago e Raphaela pela felicidade de tê-los como minha família. Ich liebe euch.

*Carrego comigo o descanso, muitas
pessoas temem quando me aproximo.
Tenho em minhas mãos uma tocha que
representa o fogo da vida. Não me tema,
já que seu fim, certamente será comigo!
Afinal sou a única certeza da vida!*

Medo do que?
Grupo Cemiterium - 2010

RESUMO

A tese tem o objetivo de apresentar a Pedagogia Cemiterial como proposta de ação a ser desenvolvida no ensino básico. A metodologia escolhida fundamenta-se na metanálise de dados do Censo de 2010, referentes ao perfil religioso dos/das adolescentes brasileiros e na pesquisa etnográfica virtual, através do monitoramento de Páginas Comunitárias do *Facebook* ligadas ao incentivo e extinção do comportamento autolesivo e suicidário entre adolescentes brasileiros (as) de 13-17 anos de idade. A estrutura foi dividida em quatro capítulos distintos. O primeiro apresenta o indivíduo, na fase da adolescência, a partir do modelo bioecológico de Bronfenbrenner e como este se insere nos estágios da fé e o Deus *Google*. O segundo verifica a percepção de morte e morrer do/da adolescente virtualizado (a), bem como sua interação com as Páginas Comunitárias do *Facebook* associadas ao incentivo e extinção do comportamento autolesivo. O terceiro analisa a importância do Ensino Religioso como componente curricular compatível ao desenvolvimento do tema da morte e do morrer no espaço escolar através da Pedagogia Cemiterial. Por fim, o último capítulo propõe um modelo de ação para a aplicação da Pedagogia Cemiterial com adolescentes no espaço escolar.

Palavras-chave: Pedagogia Cemiterial, Comportamento autolesivo, suicídio juvenil, *Facebook*, Adolescente Virtualizado.

ABSTRACT

ABSTRACT

The goal of this dissertation is to present the Cemeterial Pedagogy as a proposal for action to be developed in primary education. The methodology chosen is founded on the meta-analysis of data from the 2010 Census, regarding the religious profile of Brazilian adolescents and on the virtual ethnographic research, through the monitoring of Community Facebook pages connected to the encouragement and extinction of self-injurious and suicidal behavior among Brazilian adolescents ages 13 to 17. The structure was divided into four distinct chapters. The first presents the individual, in the adolescent phase, based on the bio-ecological model of Bronfenbrenner and how this adolescent inserts him/herself in the faith stages and the Google God. The second verifies the perception of death and dying of the virtualized adolescent as well as his or her interaction with Community Facebook pages associated to the encouragement and extinction of self-injurious behavior. The third analyzes the importance of Religious Education as a curricular component that is compatible to the development of the theme of death and dying in the school space through the Cemeterial Pedagogy. Finally, the last chapter proposes a model of action for the application of the Cemeterial Pedagogy with adolescents in the school space.

Keywords: Cemeterial Pedagogy. Self-injurious Behavior, Juvenile Suicide, Facebook, Virtualized Adolescent..

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Post “a culpa é minha”	22
FIGURA 2: Post “3 ódios”	31
FIGURA 3: Post “Você é feia”	41
FIGURA 4: Post “Ei, Deus!”	42
FIGURA 5: Post “Por que alguém me amaria?”	43
FIGURA 6: Post “Acho que tô feliz”	47
FIGURA 7: Post “Deus x Wi-fi”	48
FIGURA 8: Post “Jogo da fé em Deus”	49
FIGURA 9: <i>Print</i> de tela durante busca no <i>Facebook</i>	53
FIGURA 10: <i>Print</i> de tela com visão geral das postagens feitas pela Página Comunitária <i>Deus</i>	54
FIGURA 11: Post “Adore a Deus”	55
FIGURA 12: Post “Deus nunca”	56
FIGURA 13: Post “Ah, fumarás demais...”	61
FIGURA 14: Post “Morre que passa”	65
FIGURA 15: Post “Espero que sua morte seja lenta e dolorosa”	66
FIGURA 16: Post “Covinhas”	67
FIGURA 17: Imagem da Revista <i>Veja</i> alusiva a Alteração de Humor.....	69
FIGURA 18: Imagem da Revista <i>Veja</i> alusiva ao Desinteresse por coisas Prazerosas.....	70
FIGURA 19: Imagem da Revista <i>Veja</i> alusiva aos Problemas relacionados ao sono.....	70
FIGURA 20: Imagem da Revista <i>Veja</i> alusiva a Mudança no apetite.....	71
FIGURA 21: Imagem da Revista <i>Veja</i> alusiva a Perda ou Ganho de peso.....	72
FIGURA 22: Imagem da Revista <i>Veja</i> alusiva a Falta de concentração.....	72
FIGURA 23: Imagem da Revista <i>Veja</i> alusiva ao Cansaço.....	73
FIGURA 24: Imagem da Revista <i>Veja</i> alusiva aos Pensamentos recorrentes sobre morte.....	74
FIGURA 25: Post “Meus pais não sabem”	75
FIGURA 26: Post “Adolescência”	76
FIGURA 27: Post “A balança diz que eu estou gorda”	77
FIGURA 28: Post “Você nunca faz nada certo”	78
FIGURA 29: Post “Sabe aquela garota...”	79
FIGURA 30: Post “Ai eu choro a noite toda”	80
FIGURA 31: Post “Eu morri faz tempo...”	85
FIGURA 32: Post “Mas eles não conhecem você”	85
FIGURA 33: Post “Eu sei como é...”	88
FIGURA 34: Post “Deixa Deus curar as feridas...”	88
FIGURA 35: Post “Fisicamente esgotada...”	89
FIGURA 36: Post “Guarda os pulsos pro final”	90
FIGURA 37: Post “Cemitério”	90
FIGURA 38: Post “O suicídio”	93
FIGURA 39: Post “Você vê sangue...”	94
FIGURA 40: Post “Quando me notaram...”	95
FIGURA 41: Post “Eu não vou fazer falta”	95
FIGURA 42: Post “Quando uma pessoa pensa em suicídio...”	96
FIGURA 43: Post “Vai, deixe-me só”	100

FIGURA 44: <i>Print</i> de tela do Portal da saúde do governo federal brasileiro.....	103
FIGURA 45: <i>Print</i> de tela do Portal da saúde do governo do Distrito Federal e do Rio Grande do Sul.....	104
FIGURA 46: <i>Print</i> de tela dos comentários do <i>Twitter</i> em relação às aulas de Ensino Religioso.....	109
FIGURA 47: Foto do arquivo pessoal da autora - Saída de estudos ao Cemitério da Santa Casa de Porto Alegre, 2006.....	117
FIGURA 48: Foto do arquivo pessoal da autora - Saída de estudos ao Cemitério da Santa Casa de Porto Alegre, 2006.....	118
FIGURA 49: Foto montagem produzida pela autora com imagens do Grupo Cemiterium, 2006-2013.....	119
FIGURA 50: Foto do arquivo pessoal da autora – Exposição interativa de história “Conflitos torturantes, Cemitérios fascinantes”, 2006.....	120
FIGURA 51: Foto montagem produzida pela autora com imagens da Exposição interativa de história “O início do fim”, 2012.....	121
FIGURA 52: Folhetim da Imprensa de Antonio Vanegas Arroyo. s/p. s/a.....	129
FIGURA 53: Foto montagem produzida pela autora com imagens comparativas entre as Caveiras de Posada antes e depois do processo de alteração digital.....	130
FIGURA 54: Foto montagem produzida pela autora ilustrando o processo de criação digital das Caveiras de Posada.....	131
FIGURA 55: Capa do livro “Vamos começar pelo fim?”.....	143
FIGURA 56: Sumário do livro “Vamos começar pelo fim?”.....	144
FIGURA 57: Página 4 do livro “Vamos começar pelo fim?”.....	145
FIGURA 58: Página 5 do livro “Vamos começar pelo fim?”.....	146
FIGURA 59: Página 6 do livro “Vamos começar pelo fim?”.....	147
FIGURA 60: Página 7 do livro “Vamos começar pelo fim?”.....	148
FIGURA 61: Página 8 do livro “Vamos começar pelo fim?”.....	149
FIGURA 62: Página 9 do livro “Vamos começar pelo fim?”.....	150
FIGURA 63: Página 10 do livro “Vamos começar pelo fim?”.....	151
FIGURA 64: Página 11 do livro “Vamos começar pelo fim?”.....	152
FIGURA 65: Página 12 do livro “Vamos começar pelo fim?”.....	153
FIGURA 66: Página 13 do livro “Vamos começar pelo fim?”.....	154
FIGURA 67: Página 14 do livro “Vamos começar pelo fim?”.....	155
FIGURA 68: Página 15 do livro “Vamos começar pelo fim?”.....	156
FIGURA 69: Página 16 do livro “Vamos começar pelo fim?”.....	157
FIGURA 70: Página 17 do livro “Vamos começar pelo fim?”.....	158
FIGURA 71: Página 19 do livro “Vamos começar pelo fim?”.....	159
FIGURA 72: Post “Eu poderia aparecer...”.....	163
FIGURA 73: Post “Coisas que algumas pessoas deveriam saber”.....	167

LISTA DE ESQUEMAS, GRÁFICOS E TABELAS

ESQUEMA 1: Representação esquemática do Modelo bioecológico de Brofenbrenner.....	36
ESQUEMA 2: Representação esquemática do Modelo bioecológico de Brofenbrenner e o adolescente virtualizado.....	37
ESQUEMA 3: Representação esquemática do adolescente virtualizado e seus grupos de influência e interação.....	39
ESQUEMA 4: Representação esquemática dos Estágios da Fé de James Fowler.....	44
GRÁFICO 1: Visão geral das Páginas Catalogadas.....	83
GRÁFICO 2: Dados referentes ao número de integrantes das Páginas de incentivo ao comportamento autolesivo.....	84
GRÁFICO 3: Dados referentes ao número de integrantes das Páginas de apoio a extinção do comportamento autolesivo.....	86
GRÁFICO 4: Dados referentes a porcentagem de Páginas dedicadas ao incentivo do comportamento autolesivo, Páginas dedicadas ao apoio da extinção do comportamento autolesivo e Páginas de apoio à extinção do comportamento autolesivo ligadas a uma instituição religiosa confessional.....	87
TABELA 1: Tabela comparativa do desenvolvimento cognitivo entre crianças e adolescentes.....	49
TABELA 2: Tabela comparativa entre as características da adolescência e da figura mítica do vampiro.....	92

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	21
1. A FÉ EM CONEXÃO E DEUS SENDO GOOGLE: IMPRESSÕES DE FÉ NA ADOLESCÊNCIA A PARTIR DOS COMPARTILHAMENTOS NO FACEBOOK.....	31
1.1. Entre sistemas de “in”formação e dados para a conexão: o modelo bioecológico de Bronfenbrenner frente aos adolescentes virtualizados.....	31
1.2. Fé em conexão: Aspectos da fé na adolescência a partir de Fowler.....	39
1.3. E quando Deus vira <i>Google</i> ? Deus conectado e Deus compartilhado no <i>Facebook</i>	48
2. IMORTALIZADOS PELA REDE.....	59
2.1. O/A Adolescente e seus compartilhamentos sobre a morte e o morrer no <i>Facebook</i>	59
2.2. Estou morrendo por dentro, mas ninguém vê: “ <i>Comentando</i> ” a depressão juvenil nas páginas do <i>Facebook</i>	68
2.3. Pulsos que choram: “ <i>Curtindo</i> ” o comportamento autolesivo nas Páginas do <i>Facebook</i>	75
2.3.1. Adolescentes que sofrem e Páginas que sangram.....	81
2.3.2. Guarda os pulsos pro final: “ <i>Compartilhando</i> ” a ideação suicida juvenil nas Páginas do <i>Facebook</i>	90
3. FALANDO SOBRE A MORTE PARA ALIVIAR AS DORES DA VIDA.....	99
3.1. O tema da morte no espaço escolar.....	99
3.2. Ressignificando a escola desconectada: o Ensino Religioso protagonista na discussão da morte e do morrer no espaço escolar.....	107
3.3. A escola vai até o cemitério ou o cemitério vai até a escola? A Pedagogia Cemiterial e sua inserção no espaço escolar.....	115
4. PEDAGOGIA CEMITERIAL.....	125
4.1. O cemitério e seu potencial educativo.....	126
4.2. As caveiras de Posada como recurso introdutório da temática da morte em sala de aula.	127
4.3. Propostas pedagógicas para a inserção da temática da morte no Ensino Básico.....	131
4.3.1. A morte como instrumento de resgate e valorização da vida e da comunidade.....	132

4.3.2. Vivendo a partir de minhas mortes diárias.....	137
4.4. Vamos começar pelo fim?.....	142
CONCLUSÃO.....	161
REFERÊNCIAS.....	169
ANEXO I.....	179

INTRODUÇÃO

Todos os dias milhares de adolescentes recebem em suas “*timeline*”¹ atualizações de dor, sofrimento, desesperança, abandono e de deslocamento social. As atualizações são promovidas por centenas de páginas que, possuem como tema principal, o comportamento autolesivo e a ideação suicida. Estas páginas são abastecidas por pensamentos, histórias de vida e por imagens que ilustram o sofrimento psicológico que muitos (as) jovens vivem cotidianamente. A depressão atinge uma quantidade alarmante de adolescentes² que, por falta de um direcionamento ou atendimento especializado, recorrem ao comportamento autolesivo³ ou a ideação suicida⁴ para aliviar suas dores e frustrações emocionais.

Frente a este contexto, a tese discute os temas citados sob a ótica do/da adolescente a partir da apresentação e análise dos *posts*⁵ compartilhados por eles (as) no *Facebook*⁶ e dos *tweets* postados no *Twitter*⁷ referentes à sua percepção em relação às aulas de Ensino Religioso. Com base nestas análises foi desenvolvida uma proposta didática utilizando o espaço cemiterial como ferramenta de ensino nas aulas de Ciências Humanas, dando ênfase no de Ensino Religioso. Justifica-se a ênfase, pois este componente curricular prevê em seus parâmetros, a abordagem de temas relacionados à fé e o morrer em diferentes perspectivas culturais.

¹ Termo utilizado para identificar as atualizações recebidas *Feed* de notícias do usuário do *Facebook*.

² No Brasil, oito milhões de crianças e de jovens de até 17 anos sofrem do problema. De acordo com a OMS, a depressão é a principal causa de incapacidade de realização de tarefas cotidianas na faixa etária de dez a 19 anos. Disponível em: <<http://cmais.com.br/jornalismo/saude/depressao-infanto-juvenil-atinge-8-milhoes-no-brasil>> Acesso em: 11 nov. 2015.

³ O aumento da prática do comportamento autolesivo no ambiente escolar está sendo tema de discussão e de alerta na imprensa nacional. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/dicas-para-pais-e-filhos/2014/01/27/automutilacao-entre-jovens-precisa-ser-vista-com-seriedade-por-familias/>> Acesso em: 11 fev. 2015.

⁴ Em 2014 o relatório anual da Organização Mundial de Saúde constatou que o suicídio é a segunda principal causa de morte em 15-29 anos de idade no mundo todo. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/131056/1/9789241564779_eng.pdf?ua=1&ua=1> Acesso em: 11 fev. 2015.

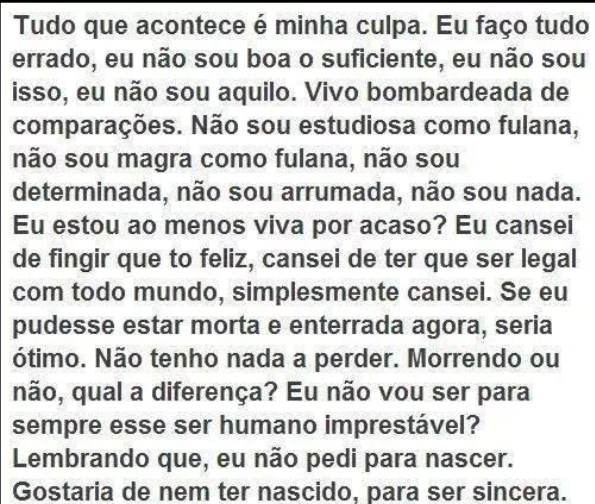
⁵ Texto ou imagem gráfica publicada ou enviada para ser publicado numa página da Internet. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/post>> Acesso em: 11 de fevereiro de 2015.

⁶ Facebook é uma rede social lançada em 2004. O Facebook é gratuito para os usuários e possui várias ferramentas, como o mural, que é um espaço na página de perfil do usuário que permite aos amigos postar mensagens para ele ver. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/facebook/>> Acesso em: 09 fev. 2015.

⁷ Twitter é uma rede social que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, em textos de até 140 caracteres. As atualizações são exibidas no perfil de um usuário em tempo real. O twitter foi criado em 2006 por Jack Dorsey. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/twitter/>> Acesso em: 13 maio 2015.

Quem está inserido na rotina do ensino básico ou quem tem filhos (as) que ainda frequentam o espaço escolar, sabe o quão desafiador é ser docente e discente nesta época pautada pela conectividade e pela volatilidade das relações interpessoais. Ao docente cabe o desafio de ser mais atrativo do que as telas brilhantes que estão “praticamente” acopladas nas mãos dos/das adolescentes, e a eles/elas cabe o comprometimento de atualizar e compartilhar suas rotinas nas redes sociais. Além disso, fora dos muros escolares temos a família⁸, que é consumida por uma exaustiva rotina de trabalho que a afasta de um diálogo, com a escola de seu (sua) filho (a) e muitas vezes de seu (sua) próprio (a) filho (a).

O distanciamento da família, uma rotina escolar ajustada apenas na cobrança de conteúdos curriculares, uma realidade virtual pautada na aparência atinge a estabilidade emocional do/da adolescente virtualizado (a)⁹, como se pode perceber neste *post*:



Tudo que acontece é minha culpa. Eu faço tudo errado, eu não sou boa o suficiente, eu não sou isso, eu não sou aquilo. Vivo bombardeada de comparações. Não sou estudiosa como fulana, não sou magra como fulana, não sou determinada, não sou arrumada, não sou nada. Eu estou ao menos viva por acaso? Eu cansei de fingir que to feliz, cansei de ter que ser legal com todo mundo, simplesmente cansei. Se eu pudesse estar morta e enterrada agora, seria ótimo. Não tenho nada a perder. Morrendo ou não, qual a diferença? Eu não vou ser para sempre esse ser humano imprestável? Lembrando que, eu não pedi para nascer. Gostaria de nem ter nascido, para ser sincera.

Figura 1¹⁰

⁸ Compreende-se que não há como falar no termo família como uma unidade rígida e representada apenas por laços naturais, desta forma a tese irá se valer pela definição jurídica que se encontra na LEI nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Em seu artigo 5º, II e parágrafo único declara que: “no âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa” – “As relações pessoais enunciadas neste artigo independem de orientação sexual.” Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm> Acesso em: 11 fev. 2015.

⁹ RIGO, Kate Fabiani. E quando Deus vira Google. O adolescente e sua percepção sobre Deus no Facebook. In: *1º Simpósio Sudeste da ABHR - Diversidades e (in) Tolerâncias Religiosas*. São Paulo: ABHR, 2013. v. 1. p. 1832-1842. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/09/Anais-simp%C3%B3sio-da-ABHR-Sudeste.pdf>> Acesso em: 02 maio 2015.

¹⁰ Página Comunitária *Apenas uma Garota que Sofre Calada*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/221730914676886/photos/a.224378751078769.1073741829.221730914676886/327975747385735/?type=1&theater>> Acesso em: 11 fev. 2015.

A tese foi elaborada por uma pesquisadora que viveu o cotidiano do ensino básico de 2001-2012, como docente de História, Arte, Geografia, Teatro e Ensino Religioso. Tanto nas esferas do ensino público e quanto no ensino privado laico e confessional. Durante sua atuação direta na educação básica, não foram raras as vezes que ela se deparou com repetidas reclamações: “Os alunos não querem nada com nada”; “Não aguento mais a falta de respeito dos alunos”, “Essa geração está perdida”, “Eles não tiram as caras dos celulares”, “Vamos proibir o uso do celular na escola”, “A culpa toda é da família”, “Ninguém mais se interessa por ter aula”, “Quantos feriados têm neste ano?”, “Eu não acredito, todos eles vieram, mesmo com chuva”. Estas falas sempre provocaram a inquietação e a vontade de fazer algo que mudasse esta realidade, que em não contribuía no desenvolvimento cognitivo dos/das discentes e muito menos na saúde emocional dos/das colegas docentes. Considera-se importante mencionar, que nos momentos de estresse e excesso de horas-aulas ministradas semanalmente, o mesmo sentimento de desesperança e de frustração atingiram a pesquisadora. No entanto, a crença de que era impossível existir pré-adolescentes e adolescentes sem alguma vontade de aprender foi propulsora na busca de uma dinâmica que chamasse a atenção de seus/suas discentes.

Ao pensar em maneiras de estimular o aprendizado dos/das discentes, a docente/pesquisadora iniciou a prática de projetos em sala de aula. Assim, o espaço vazio existente entre o fazer docente e o ser discente na educação básica estavam sendo preenchidos com atividades e ideias colaborativas. Através dos projetos, os/as discentes tiveram a oportunidade de falar e a docente/pesquisadora de ouvir.

Na graduação, a pesquisadora participou de um grupo de pesquisa que trabalhava com a temática cemiterial. O grupo tinha por objetivos a difusão da Arte Cemiterial no meio acadêmico, e transformar os Cemitérios em Museus a Céu aberto. Entretanto, ao longo das pesquisas de campo foi constatado o recorrente abandono e depredação nos Cemitérios das mais variadas regiões do Rio Grande do Sul. Também foi observado que a depredação era realizada por adolescentes, já que para eles, o cemitério não possuía significado e muito menos significância. A partir destas verificações, a pesquisadora iniciou um trabalho pedagógico com a temática da morte e do patrimônio cemiterial no espaço escolar, a fim de discutir a depredação dos campos santos e de proporcionar uma experiência diferenciada de

ensino aprendizagem nas aulas de História, Arte, Ensino Religioso e até mesmo em Geografia.

A temática cemiterial no ambiente escolar é aplicada, pela pesquisadora, desde o ano de 2006 com o enfoque na questão estética do cemitério. A partir de 2011, foi constatada a necessidade de trabalhar a temática cemiterial como meio de valorizar a vida através do estudo da temática da morte.

Pensar em projetos que motivem o/a discente a pensar no seu entorno e sobre a sua própria finitude é uma necessidade da sociedade pós-moderna, que apresenta em sua realidade, uma juventude conectada na virtualidade e desconectada da religiosidade institucionalizada.¹¹ O espaço escolar deve buscar e criar mecanismos didáticos que promovam a interação e reflexão sobre a fé dos/das adolescentes do século XXI, considerando suas ideias, ansiedades e dúvidas a respeito do campo do sagrado.

A presente tese tem o objetivo de apresentar o espaço cemiterial como um recurso de ação didática a ser utilizado no ensino básico, considerando o cemitério como mecanismo de confronto do/da adolescente com a temática da morte, a partir da reflexão sobre a finitude humana e com a possibilidade de pensar e conhecer diferentes ritos e crenças religiosas que permeiam a morte e o morrer. Com essa ação, realizada de forma sistemática e permanente no meio educacional, espera-se auxiliar na redução dos índices de comportamento autolesivo e ideação suicida entre os/as adolescentes em idade escolar.

Cortar na própria carne não é uma metáfora para muitos adolescentes. A disseminação da prática da automutilação em redes sociais dá uma pista sobre um problema que, no Rio, preocupa um número crescente de especialistas e escolas, que têm organizado palestras e eventos sobre o tema. Psiquiatras cariocas já falam em “epidemia” de um castigo autoinfligido para, na ótica dos jovens, minorar sofrimentos emocionais ou psicológicos. E alertam: grande parte dos pais sequer percebe que os filhos têm se cortado com canivetes, lâminas de barbear e até lâminas de apontadores de lápis.¹²

¹¹ Em 2012, após a divulgação dos dados do Censo 2010, o sociólogo Pedro Oliveira Ribeiro concedeu uma entrevista para o IHU e ressaltou o afastamento religioso institucional dos adolescentes. A entrevista completa está disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/511180-desafeicao-religiosa-esse-conceito-seria-central-para-entendermos-os-sem-religiao-entrevista-especial-com-pedro-ribeiro-de-oliveira>> Acesso em: 12 dez. 2014.

¹² NETO, Lauro. *Prática de automutilação entre adolescentes se dissemina na internet e preocupa pais e escolas*. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/saude/pratica-de-automutilacao-entre-adolescentes-se-dissemina-na-internet-preocupa-pais-escolas-14050535#ixzz3Sn5X6IHu>> Acesso em: 25 fev. 2015.

Concomitante ao problema do aumento do comportamento autolesivo entre os/as adolescentes, também foi verificado o crescimento das taxas de suicídio entre eles/elas. De acordo com o estudo de José Bertolote, sobre os índices de suicídio de adolescentes e adultos, houve um aumento significativo no Brasil:

O suicídio para os jovens na faixa de 5 a 14 anos foi uma condição infrequente, entretanto, houve um grande aumento para a faixa etária de 15 a 24 anos. Num período de 20 anos, a taxa global de suicídio dessa faixa etária passou de 0,4 para 4,0, ou seja, um aumento de 10 vezes. Mais uma vez, o sexo masculino foi responsável pelo maior aumento, crescendo cerca de 20 vezes no período (de 0,3 para 6,0). O crescimento de suicídio das mulheres na faixa de 15 a 24 anos foi menor do que a taxa global do estrato. Porém, ainda assim, foi de cerca de quatro vezes (de 0,5 para 2,0).¹³

A apresentação dos dados reforça a necessidade de promovermos momentos de discussão e de reflexão sobre a morte e o morrer na sociedade contemporânea e dentro do espaço escolar. O/A adolescente do século XXI está perdido¹⁴ e muitas vezes abandonado perante as instituições que o cercam. A escola e as instituições de cunho religioso jogam a responsabilidade dos problemas para a família e que a família delega sua função de educar para a escola.

O novo sopro ideológico de uma família não significa de forma alguma uma reabilitação dos deveres familiares, ou seja, submissão do indivíduo aos deveres em relação à coletividade representada pela família, mas ascensão de uma família psicologizada, à *la carte*, emocional, gerida segundo o princípio da autonomia individualista.¹⁵

Em meio a essa discussão, a responsabilidade sobre o educar do/da adolescente acaba sendo delegada a ele (a) próprio (a), que opta por compartilhar suas emoções no espaço virtual onde é aceito (a) e ouvido (a).

Trabalhar com a temática da morte no espaço escolar possibilita a reflexão sobre a vida e a finitude, além de estabelecer os laços afetivos, e promover o diálogo e a sensibilização dos envolvidos. Quanto maior for a sua consciência perante a fragilidade humana, maior será valorização de sua vida, e pela vida do outro. A Pedagogia cemiterial é a utilização do cemitério como ferramenta didática

¹³ BERTOLOTE, José Manoel. *O suicídio e sua prevenção*. São Paulo: Unesp, 2012. p.62-64.

¹⁴ A expressão “perdido” está ligada a ideia de o adolescente contemporâneo estar carente diante de um direcionamento dos adultos que o cercam. A dinâmica do mundo hipermoderno, termo definido por Gilles Lipovetski, faz com que os adultos saiam de casa muito cedo, retornem para seus lares muito tarde deixando a criação do adolescente para a instituição escolar e para a internet que está 24 horas por dia disponível para sanar suas dúvidas do cotidiano.

¹⁵ LIPOVETSKI, Gilles. *Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia, empresa*. Porto Alegre: Editora Sulina. 2004.

nas mais variadas áreas do conhecimento, oportunizando a inserção do tema da morte e do morrer na escola.

A pesquisa foi desenvolvida a partir de diferentes suportes metodológicos, considerando que cada capítulo exigiu análises e abordagens específicas para a sua construção. Deste modo, a pesquisa foi sistematizada em etapas distintas.

A primeira etapa da pesquisa foi de cunho bibliográfico, tendo por base a metodologia da análise de conteúdo temática. A análise de conteúdo foi dividida em três fases: a) pré-análise; b) exploração do material; c) tratamento dos dados, inferência e interpretação¹⁶. Nesta etapa foi realizada uma leitura compreensiva de autores que abordavam os temas: adolescência, fé, desenvolvimento humano, morte, influência da internet no comportamento humano, comportamento autolesivo, ideação/suicídio juvenil, Ensino Religioso e desenvolvimento de projetos no ambiente escolar. A partir desta sondagem teórica e da melhor compreensão acerca dos temas referidos houve a seleção qualitativa dos referenciais que sustentaram a pesquisa.

A partir da estruturação teórica foi realizada a pesquisa quantitativa e qualitativa juntamente com a pesquisa etnográfica virtual com enfoque qualitativo a partir das Páginas públicas do *Facebook*¹⁷. Justifica-se a escolha de uma rede social como um dos objetos de investigação desta tese, pois muitos/muitas adolescentes expressam seus sentimentos de forma mais autêntica¹⁸ nos ambientes virtuais do que no espaço escolar, religioso ou familiar. O mundo virtual é o novo refúgio do/da adolescente, nele ele/ela pode alterar inúmeras vezes o seu perfil, curtir alegrias, compartilhar angústias e comentar ideias.

¹⁶ GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1991. p. 163.

¹⁷ As redes sociais mais utilizadas, em ordem de popularidade, no Brasil em 2014 foram: Facebook, YouTube, Twitter, Ask.fm, Yahoo! Answers Brasil, Instagram, Orkut, Badoo, Bate-papo UOL, Google +. Informações extraídas do site Top 10. Disponível em: <<http://top10mais.org/top-10-redes-sociais-mais-acessadas-do-brasil/>> Acesso em: 09 fev. 2015.

¹⁸ Utiliza-se o termo “mais autêntico” tendo por base o pensamento de Sherry Turkle “Para muitas pessoas, a comunidade virtual permite uma expressão mais livre dos inúmeros aspectos de si mesmas. Mas se trata de algo que também se vive no “resto da vida””. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3057/2335>> Acesso em: 09 fev. 2015.

A verificação foi realizada a partir da pesquisa etnográfica virtual não participante, e contou com o monitoramento de 200 Páginas¹⁹ do *Facebook* com temática do comportamento autolesivo, e da ideação suicida juvenil, e com a seleção de 200 *posts* criados por estas páginas com as referidas temáticas. O monitoramento sistemático ocorreu de fevereiro até dezembro de 2014 e se concentrou nas Páginas que possuíam como idade popular os usuários de 13 até os 17 anos de idade.

Concomitante ao monitoramento e catalogação das Páginas do *Facebook* e seus *posts*, foi realizada na mapoteca do Ibero-Amerikanisches Institut de Berlim, uma pesquisa de exploração de fonte primária a partir dos folhetins mexicanos que tinham as “Caveiras” do gravurista José Guadalupe Posada. Após a identificação deste material, foi realizada a digitalização de todas as imagens encontradas no acervo do instituto. Após as digitalizações, foi desenvolvida uma intervenção artística-digital com o intuito de criar um material didático sobre a temática da morte, que atendesse o gosto do/da adolescente virtualizado (a)²⁰.

Pensando na apresentação do quadro teórico que fundamenta esta tese, os/as autores (as) foram categorizados (as) de acordo com suas temáticas de ação. Em relação ao tema do desenvolvimento humano e a adolescência foram utilizados como suporte os estudos de Monica Macedo, Daniel Sampaio, Norman Sprinthall e Andrews Collins, sobre a adolescência. O autor Urie Bronfenbrenner, com o seu modelo bioecológico foi utilizado para contextualizar o/a adolescente do século XXI diante do seu processo de virtualização.

No que se refere ao tema da fé, James Fowler foi o norteador na identificação do tipo de fé em que o/a adolescente do século XXI está inserido. Além do trabalho de Ana Maria Rizzuto que aborda a construção e o desenvolvimento da imagem de Deus a partir de uma perspectiva psicológica.

A questão do Ensino Religioso e suas dinâmicas de ação foram estruturadas a partir dos estudos de Laude Brandenburg, sobre as práticas educativas no âmbito

¹⁹ As Páginas se parecem com os perfis pessoais, mas oferecem ferramentas exclusivas para empresas, marcas e organizações. As Páginas são gerenciadas por pessoas que têm perfis pessoais. Você pode curtir uma página para ver as atualizações no Feed de notícias. Informação extraída dos termos do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/help/217671661585622>> Acesso: 09 fev. 2015.

²⁰ Termo apresentado pela autora em 2013 em artigo publicado no Congresso Estadual de Teologia. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/teologiars/article/download/212/154>> Acesso: 01 mai. 2015.

do Ensino Religioso; de Remi Klein, sobre a importância das trocas interpessoais nas aulas de Ensino Religioso, de Gisela Streck, com seus estudos relacionados a adolescência e sua relação com a fé.

A contextualização da sociedade moderna e suas influências na formação da identidade juvenil do século XXI foram referenciadas pelos estudos de Zygmunt Bauman que ilustra a nossa sociedade como uma “Sociedade Líquida”, de Guy Debord que ressalta a “Espetacularização da sociedade pós-moderna”, Gilles Lipovetsky que desenvolve o conceito de “Hipermodernidade” e, por fim, o estudo realizado pela jornalista Melissa Miranda que expôs o pensamento do jovem adulto do século XXI e sua percepção sobre a vida na sociedade pós-moderna.

Maria Júlia Kovács e Marisa Moura Verdade contribuíram com seus estudos, no que tange o tema da compreensão da morte e o desenvolvimento humano. Daniel Sampaio, José Macedo Bertolote e Evaldo D’assumpção foram os referenciais que sustentaram os temas alusivos ao comportamento autolesivo e a ideação e o suicídio juvenil.

Por fim, a temática cemiterial teve como base os estudos de Harry Bellomo, Maria Elísia Borges, Thiago Nicolau de Araújo e da própria pesquisadora, uma vez que todos desenvolveram suas pesquisas em torno do espaço cemiterial e sua aplicabilidade no cenário histórico, cultural, artístico e educativo no Brasil²¹.

A organização estrutural da tese foi realizada a partir da construção de quatro capítulos distintos. O primeiro estabelece uma relação entre o desenvolvimento humano do/da adolescente virtualizado (a) a partir do modelo bioecológico desenvolvido por Brofenbrenner, bem como a percepção de fé do/da adolescente diante do Deus conectado e Deus compartilhado.

O segundo capítulo discorre sobre o/a adolescente e sua percepção sobre o tema da morte no espaço virtual. Também são apresentados e analisados os dados

²¹ Atualmente, existem diversos trabalhos relacionados a pesquisa cemiterial, dentro deste panorama, pode-se destacar alguns pesquisadores e pesquisadores que continuam produzindo artigos e trabalhos dentro desta temática, como: Daniel Leite, Regina Zimmermann Guilherme, Egiselda Charão, Fábio Steyer, Mateus Dalmáz, Elisiana Trilha Castro, Clarissa Grassi, Luiza Nietzsche Carvalho, Glaucia Garcia, Marcelina Almeida, Eduardo Rezende, Maristela Carneiro, Alcinéia Rodrigues dos Santos, Maria Aparecida Borges, Henrique Sérgio de Araújo Batista, Claudia Rodrigues, Daniel Meireles Leite, Viviane Comunale, Julia Massucheti Tomasi, Samuel Vaz, Paulo Chibas, Ernesto Carvalho, Elaine Bastianello, e tantos outros pesquisadores que dedicam suas pesquisa ao resgate da memória funerária no Brasil.

levantados sobre a difusão do comportamento autolesivo e da ideação suicida em Páginas criadas no *Facebook*.

A questão da escola e da utilização do Ensino Religioso como mediadores e agentes no processo de auxílio e identificação do/da adolescente depressivo (a) foi desenvolvida no terceiro capítulo. Além disso, o mesmo capítulo apresenta o potencial pedagógico existente nos cemitérios. Por fim, o último capítulo apresenta a Pedagogia Cemiterial como um recurso didático-prático, bem como propostas de ação que podem ser utilizadas em sala de aula com adolescentes do ensino básico.

1. A FÉ EM CONEXÃO E DEUS SENDO GOOGLE: IMPRESSÕES DE FÉ NA ADOLESCÊNCIA A PARTIR DOS COMPARTILHAMENTOS NO *FACEBOOK*.

O presente capítulo tem por objetivo analisar o/a adolescente do século XXI a partir do seu desenvolvimento humano, de sua concepção sobre fé e da sua visão sobre Deus em tempos de virtualização. A construção do capítulo foi mediada pela pesquisa teórica, pela metanálise dos dados do Censo 2010 e pela pesquisa virtual etnográfica não participante realizada nas Páginas do *Facebook*.

1.1. Entre sistemas de “in”formação e dados para a conexão: o modelo bioecológico de Bronfenbrenner frente aos adolescentes virtualizados

Estar conectado, atualmente, é mais importante do que estar necessariamente vivo, quando nos referimos aos adolescentes do século XXI. A afirmação inicial parece radical, no entanto, quem tem contato direto com eles sabe o quanto a ausência de uma tomada pode provocar o sentimento de ansiedade e apreensão, quando o celular deste indivíduo está com apenas 10% de bateria.



Figura 2²²

A conectividade faz parte do viver e é o meio de comunicação do/da adolescente virtualizado (a) ²³. Este indivíduo considera sua participação no mundo

²² Página Comunitária Os adolescentes piram. Disponível em: <<https://www.facebook.com/OsAdolescentesPiram/photos/pb.340195996057553.2207520000.1430952160./610886282321855/?type=3&theater>> Acesso em: 25 abr. 2015.

online mais efetiva e interessante do que sua interação com seus pares face a face. A internet possibilita aos adolescentes virtualizados um falso controle na construção de sua identidade visual e fornece a ele/ela um espaço de expressão de suas ideias, ideais e sentimentos.

Nesse sentido, o modelo de telefone, a forma como ele é carregado junto ao corpo e os lugares em que é utilizado podem ter uma relação significativa com a forma como o adolescente se percebe no mundo. Por isso, adolescentes utilizam o celular por várias razões explícitas, considerando a forma, o preço e sua funcionalidade e por razões implícitas, levando em conta como os outros os percebem, quais as suas opiniões sobre a utilidade do aparelho e como ele interfere na sua própria imagem perante os outros.²⁴

A tecnologia está inserida em nosso cotidiano. A veracidade desta afirmação é confirmada quando saímos de nossos espaços privados, andamos em transportes públicos, passeamos pelos parques, shoppings ou circulamos por *campus* universitários. Não é raro encontrarmos pessoas caminhando com suas cabeças baixas, olhando fixamente para a tela de seus celulares com o intuito de se comunicar, se expressar ou simplesmente se atualizar sobre tudo que possa estar acontecendo no espaço virtual. Este modo de agir proporcionou a criação de dois termos: *Phubbing*^{25 26} e o *FOMO*^{27 28}.

Ambos os termos definem o perfil do/da adolescente virtualizado (a) que não sai de casa sem algum aparelho que possa deixá-lo (a) conectado (a) ao espaço virtual (*notebooks, tablets, smartphones*). Ele/ela está constantemente conectado (a) ao seu celular, substituindo (muitas vezes) a interação direta pela interação virtual, sente-se ansioso (a) quando não está conectado (a) e entediado (a) quando precisa

²³ Entende-se por adolescente virtualizado, o indivíduo que está totalmente inserido na dinâmica do mundo virtual. É um adolescente que se comunica, se relaciona e expressa suas angústias, vitórias e opiniões no espaço cibernético.

²⁴ WAGNER, Adriana; VERZA, Fabiana; SPIZZIRRI, Rosane; SARAIVA, Caroline Eifler. *Adolescência & comunicação virtual*. São Leopoldo: Sinodal, 2009. p.51.

²⁵ Phubbing: verbo que deriva das palavras Phone (Telefone) e Snubbing (Esnobar). Criado pelo publicitário Alex Haigh, quando desenvolveu uma campanha intitulada: *Stop Phubbing*.

²⁶ MILESKI, Jéssica Letícia; RECH, Sandra Regina. *Influência Bilateral do Consumo: O Comportamento do Consumidor e o Setor de Referência*. v.8 n.11, 2013. Disponível em: <http://www.ceart.udesc.br/dapesquisa/11/artigos/MODA_influencia_bilateral_do_consumo.pdf> Acesso: 02 abr. 2015.

²⁷ Abreviatura para o termo *fear of missing out* que significa medo de ficar por fora.

²⁸ MARCHI, Caio Favero. O Design da Página “Feed de Notícias” do Facebook e o Comportamento FOMO. *Intercom* – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste / Comunicação Multimídia, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-0669-1.pdf>> Acesso em: 02 abr. 2015.

prestar atenção em algo que não seja virtual como, por exemplo, aulas expositivas ou reuniões familiares.

Hoje, o excesso de tecnologia criou um padrão comportamental [...] Alex Haigh [...] desenvolveu a campanha *Stop Phubbing* como forma de alertar as pessoas sobre essa atitude. O *site* da campanha apresenta dados alarmantes sobre a quantidade de pessoas que utilizam os *smartphones*, enquanto na companhia de amigos ou colegas, e pede a reflexão sobre o uso abusivo dos dispositivos eletrônicos. Uma pesquisa do Google, realizada em 2013, em parceria da empresa Ipsos MediaCT, entrevistou mil americanos adultos, entre 18 e 64 anos, mostra que a utilização constante dos *smartphones* altera o estilo de consumo dos usuários. Os dados mostram que 83% dos entrevistados não saem de casa sem os seus dispositivos, além de mostrar que 77% realizam pesquisas de produtos pelo *smartphone*, inclusive quando já estão comprando um produto e 34% afirmam que já deixaram de comprar um item por pesquisar produtos semelhantes em outras lojas através do telefone.²⁹

O sentimento de tédio, aflição, irritabilidade e ansiedade são visíveis nos espaços escolares quando os/as adolescentes estão trancados em suas salas de aula e são proibidos (as) de usar seus aparelhos móveis. Esse comportamento foi muito bem definido pelo pesquisador Caio Marchi:

O fear of missing out, ou FOMO, é um comportamento que identifica a angústia trazida pela insegurança de se viver offline. O termo foi utilizado pela primeira vez em uma matéria no jornal The New York Times (NYT) e alertou o grande público sobre aquele que poderia ser o primeiro sintoma do uso exacerbado da tecnologia pelas gerações contemporâneas. Hoje, graças ao desenvolvimento dos dispositivos móveis estamos conectados ao mundo virtual 24 horas por dia, realizando os mais diversos tipos de atividades, sem restrições de horário e localização. Postar no Twitter e tomar simultaneamente um café em um restaurante, dirigir e acompanhar as atualizações dos amigos no Facebook ou então utilizar o Foursquare para certificar sua localização em tempo real foram algumas das possibilidades que tais dispositivos ofereceram aos seus usuários, principalmente a partir da chegada dos smartphones.³⁰

O indivíduo é formado a partir de diversos aspectos relacionados à sua condição biológica, familiar, social, cultural e religiosa. Pensar em adolescência por si só, é uma tarefa árdua, uma vez que estamos falando de uma época de intensas modificações corporais e emocionais. Estudar esta adolescência que se constitui em tempos de ativas modificações tecnológicas e culturais é um desafio que deve ser encarado como um exercício de atualização e de reinvenção dos conceitos relacionados ao adolescente e ao adolecer.

²⁹ MILESKI, 2013.

³⁰ MARCHI, 2014.

Era digital, mundo virtual, sociedade internáutica, são alguns dos diversos termos que vêm se incorporando ao nosso cotidiano e à nossa linguagem a fim de definir um espaço sem fronteiras, onde impera o imediato multiplicavam-se possibilidades. As novas tecnologias da comunicação e informação surgiram e proliferam-se de uma forma tão veloz, que carecemos de tempo para absorvê-la, digeri-las e dominá-las. Nesse caso, o mais comum é que se passe a utilizar tais tecnologias, incorporando-as à vida cotidiana, sem mesmo perceber o quanto tais recursos favorecem novas formas de estar no mundo e construir relacionamentos.³¹

A tecnologia hoje é um forte elemento no processo de desenvolvimento identitário e de integração grupal. Ter um celular não significa apenas ter um instrumento de comunicação em suas mãos, mas um instrumento de inserção e de integração a um ou vários grupos.

O celular, por exemplo, pode auxiliar na construção da identidade do jovem e proporcionar, através da comunicação, a troca de informação sobre valores, normas e comportamentos em um determinado contexto social. Além disso, ele pode ser um recurso facilitador diante da necessidade de pertença a um grupo de amigos, pois ele pode suprir duas necessidades: a de consolidar uma identidade e a de estabelecer uma comunicação com o grupo. Então, já é possível compreender por que, para o público adolescente, o telefone celular significa muito mais do que um simples aparelho.³²

Esta modificação no comportamento está alterando a forma que o/a adolescente analisa o mundo e constrói suas relações e sua própria identidade. Além disso, é percebida uma mudança nas relações e reflexões sobre a morte e o morrer³³ em tempos de ciberinteração³⁴ e da cibercultura.

A modernidade não aboliu a morte – somos tão mortais atualmente quanto éramos no início da era da “ordem humana” Ela, porém, trouxe enormes avanços na arte de repelir toda e qualquer causa de morte (isto é, exceto a causa de todas as causas, que é a própria e inata mortalidade humana) – e impedir que tais causas ocorram. Ocupados como estamos, tentando observar todas as prescrições e proscricções que a medicina moderna propõe, pensamos menos, se tanto, na vaidade suprema dessa observância. O resultado da desconstrução é que o inimigo invisível, a morte, desapareceu de vista e do discurso.³⁵

Diante desta dinâmica construção identitária do/da adolescente, a pesquisa investigou diferentes modelos de análise de desenvolvimento humano que se adaptassem a este novo perfil do indivíduo virtualizado. A pesquisa foi estruturada a

³¹ WAGNER, 2009, p.7.

³² WAGNER, 2009, p.44.

³³ Os temas da morte e do morrer a partir da percepção do adolescente virtualizado serão tratados no segundo capítulo da tese.

³⁴ Entende-se como ciberinteração a interação dos indivíduos por meio do ciberespaço, provocando ou não um afastamento ou substituição da interação interpessoal direta.

³⁵ BAUMAN, Zygmunt. *O mal estar da Pós-Modernidade*. Rio e Janeiro: Zahar Ed., 1998. p. 196.

partir da utilização e readaptação modelo bioecológico de Urie Brofenbrenner, ao analisar o desenvolvimento do/da adolescente virtualizado (a) e a partir de seus sistemas de integração, interação e formação. Considerando que este indivíduo está inserido numa sociedade do espetáculo como definiria Guy Debord³⁶, da liquidez como nomearia Zygmunt Bauman³⁷ e da hipermodernidade como atribuiria Lipovetsky³⁸.

De acordo com o modelo bioecológico somos frutos de sistemas que influenciam direta ou indiretamente em nosso processo de formação, Brofenbrenner dividiu estes sistemas da seguinte maneira:

Microsistema: é um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciadas pela pessoa em desenvolvimento nos contextos nos quais estabelece face a face com suas características físicas e materiais, e contendo outras pessoas com distintas características de temperamento, personalidade e sistema de crenças.

Messosistema: compreende as ligações e os processos que ocorrem entre dois ou mais ambientes, os quais contêm a pessoa em desenvolvimento. O messosistema é formado por vários microsistemas.

Exossistema: engloba as ligações e os processos que ocorrem entre dois ou mais contextos, nos quais pelo menos um deles não contém ordinariamente a pessoa em desenvolvimento, mas nele ocorrem eventos que influenciam os processos no contexto imediato a que essa pessoa pertence.

Macrossistema: consiste no padrão global de características do micro, meso e exossistema de determinada cultura, subcultura ou contexto social mais amplo, em particular os sistemas instigadores de desenvolvimento de crenças, recursos, riscos, estilo de vida, oportunidades estruturais, opções de curso de vida e os padrões de intercâmbio social que são imersas em cada um desses sistemas. O macrossistema pode ser definido como um modelo social para determinada cultura, subcultura ou outro contexto mais amplo.³⁹

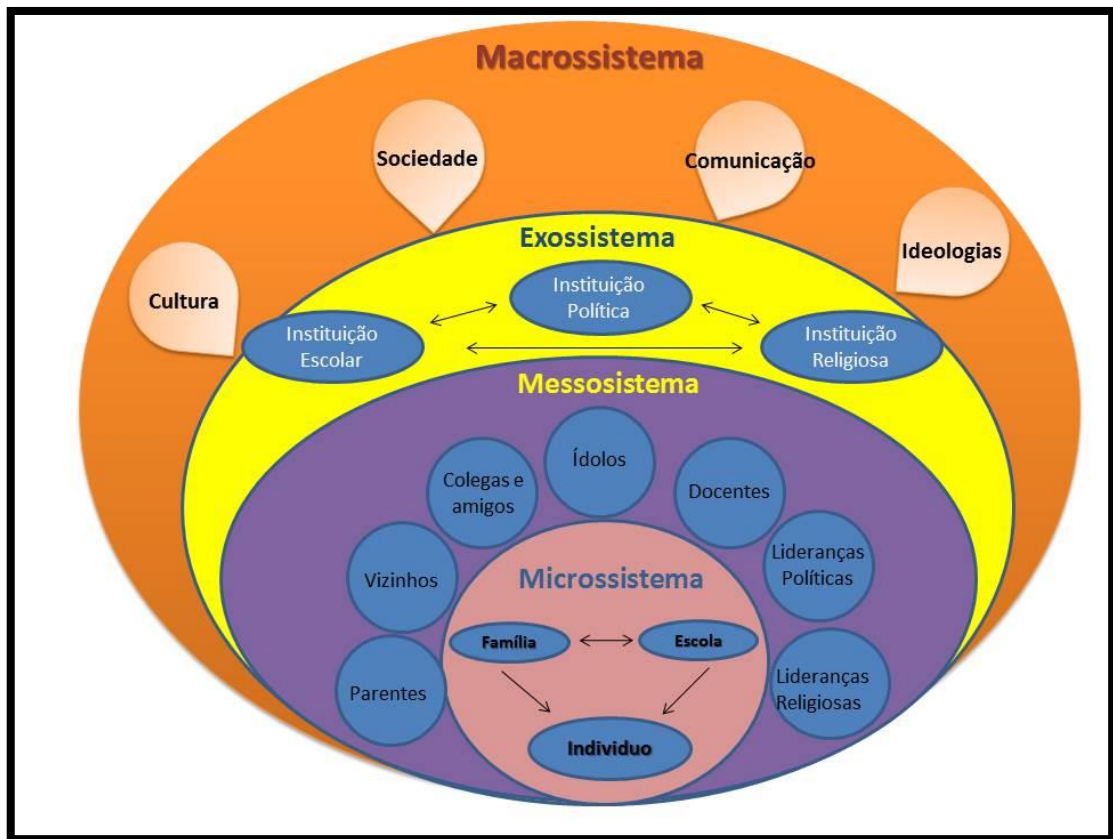
Pensando no modelo estrutural de Brofenbrenner e nos meios de interação e de contato do/da adolescente do século XX, sua construção individual aconteceria a partir da seguinte representação gráfica:

³⁶ DEBORD, Guy. *A sociedade do Espetáculo*. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

³⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

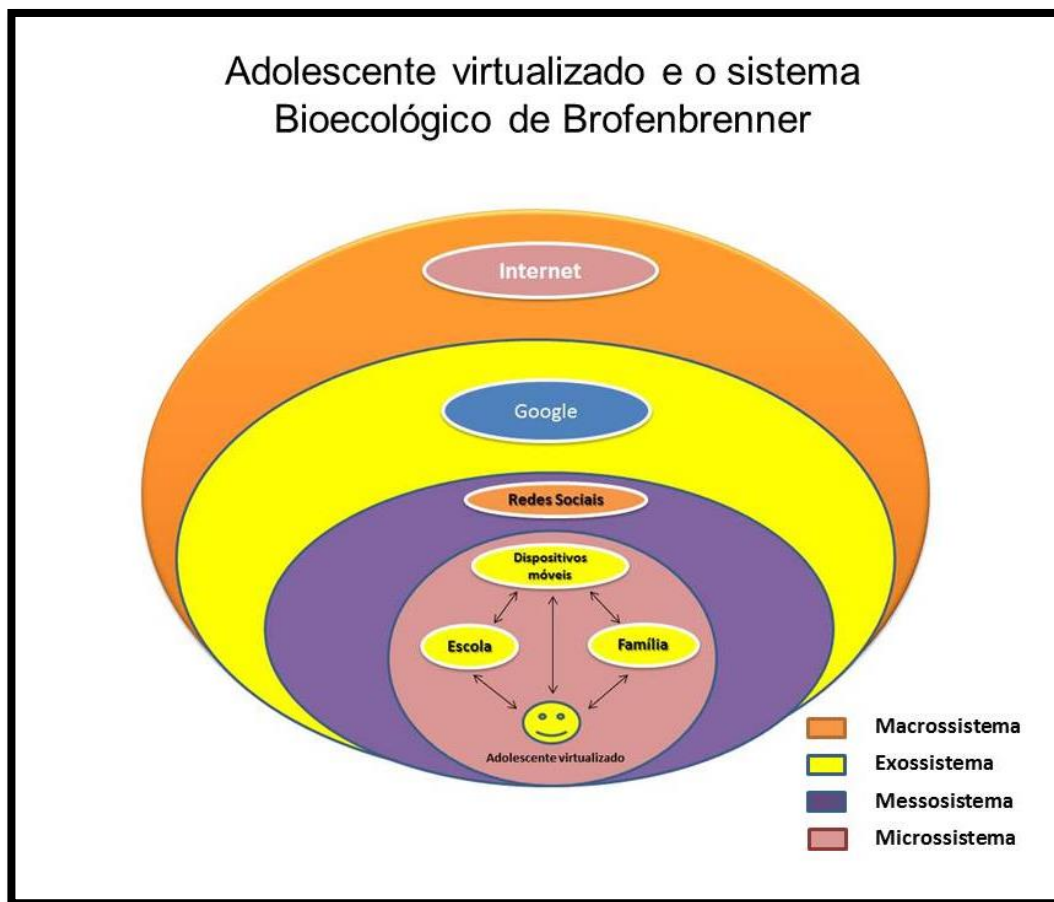
³⁸ LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

³⁹ BRONFENBRENNER, Urie. *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais Humanos*. Porto Alegre: Artmed, 2012. p.176-177.

Esquema 1⁴⁰

O modelo definido por Bronfenbrenner permanece, no entanto, os elementos que constituem cada sistema sofreram alterações, considerando as novas formas de contato e de interação do/da adolescente virtualizado (a), como exposto no modelo elaborado a seguir:

⁴⁰ O esquema gráfico foi produzido pela autora, com base nos sistemas de Bronfenbrenner e considerando como indivíduo o adolescente.



A partir da teoria de Brofenbrenner, o microssistema se caracteriza pela sua proximidade nas relações entre o sujeito e seus grupos de convívio e interação. Inicialmente, este grupo se caracterizava pela presença de núcleos que iriam influenciar diretamente na formação do indivíduo: o familiar e o escolar.

Atualmente, a internet e as novas tecnologias que se endereçam ao processo de interação pessoal estão cada vez mais presentes nos microssistemas de crianças e adolescentes, em idade cada vez mais precoce e por meio de múltiplas fontes [...].⁴²

Ao considerarmos o forte apego existente entre o/a adolescente do século XXI e o seu celular, verifica-se que os dispositivos móveis se encaixam no microssistema, pois fazem parte do cotidiano deste/desta adolescente sendo uma importante ferramenta de comunicação e de afirmação perante os/as demais adolescentes.

⁴¹ O esquema gráfico foi produzido pela autora.

⁴² LISBOA, Carolina; WENDT, Guilherme Welter. Adolescência no contexto das novas tecnologias de informação e comunicação. In: HABIGZANG, Luíza; KOLLER, Silvia H. *Trabalhando com Adolescentes: teoria e intervenção psicológica*. Porto Alegre: Artmed, 2014. p.182.

Esse fenômeno, em termos sociais, demonstra que o telefone celular pode estar sendo utilizado como um recurso e comunicação social e emocional e estar associado à própria noção de identidade do adolescente.⁴³

De acordo com Brofenbrenner, o Messosistema se caracteriza pela dinâmica existente entre os núcleos do microssistema e os novos núcleos que surgem dentro do próprio Messosistema. Pensando no sistema de interação de Brofenbrenner e o/a adolescente, elencam-se os amigos (as), vizinhos (as), ídolos (as), professores (as), figuras políticas ou religiosas, ou seja, pessoas que serão influências de identificação ou de veneração. Atualmente a interação com estes grupos está sendo ampliada e fortalecida pelas virtuais redes sociais que facilitaram a inserção de todos os grupos de convivência em um único espaço.

Já o exossistema se constitui por meio da interação entre dois e/ou mais contextos, nos quais o indivíduo em desenvolvimento não possui participação direta sobre a sua organização, mas sofre influência destas organizações no seu processo formativo, no caso do/da adolescente: a escola, a instituição religiosa e o sistema político. Com a era da virtualização, estas instituições também ocupam o espaço virtual, mas concorrem com as informações convergentes e divergentes disponíveis nas ferramentas de busca na internet, ou seja, antes o/a adolescente tinha seu processo formativo restringido pelas normas de sua escola, pelos dogmas de sua instituição religiosa ou pelas ações de sua comunidade política e social. Agora, ele/ela tem a oportunidade de conhecer novos e variados grupos e organizações educacionais, políticas e religiosas numa única ferramenta de busca como, por exemplo, o *Google*.

Por fim, o macrossistema tem por distinção a interação dos demais grupos, já apresentados e pode ser caracterizado como um modelo determinado pela cultura ou subcultura. Dentro de uma perspectiva pautada numa sociedade hipermoderna espetacularmente líquida percebe-se que a cultura, a subcultura, as ideologias e as sociedades estão sendo difundidas e modificadas a partir da internet. A internet é o macrossistema do/da adolescente virtualizado, pois é a partir dela que ele terá acesso aos demais grupos e receberá informações do mundo de forma instantânea.

⁴³ WAGNER, 2009, p.51.



Numa expressão mais simples, pode-se visualizar a partir do gráfico elaborado que o grupo de maior expressão e influência no desenvolvimento do/da adolescente virtualizado (a) é o grupo cibernético, ele consegue agregar todos os demais grupos. Essa nova forma de integração e de interação permite que o/a adolescente tenha um mundo de informações e de relacionamento nas mãos. No entanto, será que ele/ela está sabendo como processar e filtrar todas as informações recebidas no espaço virtual?

1.2. Fé em conexão: Aspectos da fé na adolescência a partir de Fowler

A adolescência é uma etapa de transformações, de questionamento, de desconstrução da identidade infantil e construção da identidade adulta. É um momento de testagem, de experimentação, de radicalização, de aceitação, de controvérsias e de muita inconstância hormonal e emocional. De acordo com Anna Freud:

⁴⁴ O esquema gráfico foi produzido pela autora.

Os adolescentes são excessivamente egoístas, considerando-se o centro do universo e o único objeto de interesse. (...) Eles são capazes de travar as relações amorosas mais apaixonadas, e de terminá-las tão abruptamente quanto as começaram. Por um lado, eles se introduzem entusiasticamente na vida da comunidade e, por outro, têm uma necessidade extrema de solidão. Eles oscilam entre uma submissão cega a um líder eleito e uma rebelião desafiadora contra qualquer tipo de autoridade. São egocêntricos e materialistas e, ao mesmo tempo, cheios de ideias elevadas.⁴⁵

Viver nesta etapa da vida é viver num período de extremos, principalmente quando se refere às questões da fé. O/A adolescente pode passar de um (a) fanático (a) religioso (a) a um (a) ateu/ateia convicto (a) de uma semana para a outra. Existem trabalhos, no campo das Ciências da Religião e da Teologia que analisam o comportamento dos/das adolescentes dentro do universo da fé institucionalizada, como no caso da dissertação de Luciano Lírio que pesquisou os/as adolescentes evangélicos (as) num contexto mais fundamentalista⁴⁶, mas poucos que se dedicam ao estudo dos/das adolescentes que se declaram sem religião. Numa rápida pesquisa numa base de dados, como o *Scielo*, foi encontrado apenas um artigo sobre o movimento ateu no Brasil⁴⁷, dos pesquisadores Paula Monteiro e Eduardo Dullo e um artigo, sobre o aumento das pessoas que se declaram sem religião⁴⁸, do pesquisador José Álvaro Campos Vieira e um dos pesquisadores Júlio Adam e Ezequiel Hanke que trabalharam com a temática da juventude midiaticizada e sua relação com a religião em tempos de virtualização⁴⁹. Com isso, a carência de pesquisas relacionadas aos adolescentes desvinculados à instituição religiosa torna-se evidente. Também foi verificada a falta de pesquisas interdisciplinares sobre a temática envolvendo pesquisadores das áreas de Educação, Psicologia, Antropologia, Teologia e Ciências da Religião.

⁴⁵ FREUD, Anna apud GALLANTIN, Judith. *Adolescência e Individualidade*: uma abordagem conceitual da Psicologia da Adolescência. São Paulo: Harper & Row do Brasil Ltda, 1978. p. 53.

⁴⁶ LÍRIO, Luciano. *Adolescentes do século XXI*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2013.

⁴⁷ DULLO, Eduardo; MONTERO, Paula. Ateísmo no Brasil: da invisibilidade à crença fundamentalista. *Revista Novos Estudos*. no.100. São Paulo, nov. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010133002014000300057&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 06 maio. 2015.

⁴⁸ VIEIRA, José Álvaro Campos. Os “sem religião”: dados para estimular a reflexão sobre o fenômeno. *Revista Horizonte*. Belo Horizonte, vol. 13, no. 37, p. 605-612, Jan./Mar. 2015. p.605-606. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2015v13n37p605>> Acesso em: 10 abr. 2015.

⁴⁹ ADAM, Júlio; HANKE, Ezequiel. Juventude Midiaticizada: um estudo sobre as possibilidades de uma religião vivida na e através da mídia. *Revista de Teologia e Ciências da Religião*. V. 4 • n. 1 • dezembro/2014. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs-2.3.4/index.php/theo/article/view/453>> Acesso em: 07 jan. 2015.

A presente tese não tem o objetivo de dissertar sobre o tema da fé adolescente diante de um afastamento das instituições de cunho religioso, por se tratar de uma pesquisa extensiva que pode ser desenvolvida nos citados campos de estudo. No entanto, a pesquisa buscou refletir e analisar como a fé do/da adolescente virtualizado (a) está sendo compartilhada do espaço virtual neste período de bricolagem religiosa.

Nesse sentido de movimento discute-se a recomposição ou a bricolagem religiosa, para reconhecer a autonomia do indivíduo em governar sua própria vida e inclusive de definir por si só em que e como acreditar, sem a mediação da tradição ou da instituição religiosa (regras pré-fixadas), estabelecendo uma distância entre crença e prática. É a liberdade com que os indivíduos constroem seu próprio sistema de fé, fora de qualquer referência de um corpo de crenças institucionalmente validado.⁵⁰

A pesquisa não tem a intenção de ajuizar se pertencer ou não a um grupo religioso será melhor ou pior no processo de desenvolvimento do/da adolescente virtualizado (a). Com base na pesquisa etnográfica virtual, que será explicitada ainda neste capítulo, foi percebido um/uma adolescente desamparado (a) emocionalmente e espiritualmente. A fé, em si mesmo está danificada e ele/ela sozinho (a), não se sente amado (a) por nada ou por alguém, não consegue autogerir a sua aflição e angústia. Ressalta-se que a tese tem como foco o/a adolescente que não está associado diretamente a um grupo ou instituição religiosa e verifica a forma que este indivíduo expõe no ambiente virtual seu comportamento autolesivo e a ideação suicida. Como no caso desta postagem:

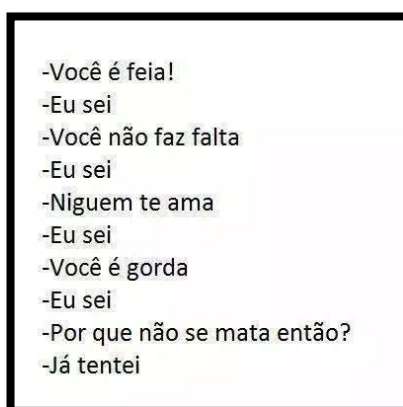


Figura 3⁵¹

⁵⁰ HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008. p. 42.

⁵¹ Página Comunitária *Ateus e Agnósticos do Brasil*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ateusbr/photos/pb.299320020111339.2207520000.1430950754./856598971050105/?type=3&theater>> Acesso em: 23 jan. 2015.

O *post* expõe o sentimento de abandono e de aceitação da rejeição do outro e de si mesmo. Outro *post* interessante foi encontrado na Página *Ateus e Agnósticos do Brasil*, que ilustra a ideia de que estamos sozinhos e da não existência de uma divindade que nos ouve:



Figura 4⁵²

O/A adolescente virtualizado (a), sem o envolvimento com uma comunidade religiosa, reforça em seus compartilhamentos a sua descrença em relação à figura de um Deus cristão monoteísta. A pesquisa se fundamentou na ideia de fé a partir da perspectiva de James Fowler:

[...] a fé afeta o modo, a forma que damos a nossas iniciativas e respostas, nossos relacionamentos e aspirações na vida diária, ao nos capacitar a vê-los contra o pano de fundo de uma imagem mais abrangente daquilo que constitui verdadeiro poder, verdadeiro valor e o sentido da vida.⁵³

É importante salientar que:

A fé não é sempre religiosa em seu conteúdo ou contexto. Fazer essas perguntas seriamente a nós mesmos ou a outros não significa necessariamente fazer surgir respostas a respeito de crença ou comprometimento religioso.⁵⁴

Considera-se importante o destaque em desassociar o termo fé de religião, uma vez que vivemos num país conhecido por sua diversidade e pluralidade religiosa e cultural. Não cabendo nesta pesquisa o objetivo de explicitar a fé de acordo com religião A, B ou C. O objetivo de destacar a fé, como um elemento importante no desenvolvimento do/da adolescente está associado, mais uma vez ao pensamento de Fowler:

Antes de sermos religiosos ou irreligiosos, antes de nos concebermos como católicos, protestantes, judeus ou muçulmanos, já estamos engajados em questões de fé. Quer nos tornemos incrédulos, agnósticos ou ateus,

⁵² Página Comunitária † Suicida da alma †. Disponível em: <<https://www.facebook.com/suicidadaalmaoficial/photos/a.607860262578480.1073741828.607853429245830/873631822667988/?type=1&theater>> Acesso em: 16 set 2014.

⁵³ FOWLER, James. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.p. 35.

⁵⁴ FOWLER, 1992, p.15.

estamos preocupados com as formas pelas quais ordenamos a nossa vida digna de ser vivida. Além disso, procuramos algo para amar, e que nos ame; algo para valorizar, e que nos dê valor, algo para honrar e respeitar, e que tenha o poder de sustentar o nosso ser.⁵⁵

Numa cultura pós-moralista e individualista⁵⁶, como definida por Lipovetski o conceito de fé deveria ser resgatado no/na adolescente, não mais como uma obrigação moral ou submissa aos dogmas de uma religião específica, mas resgatada no sentido da fé do sujeito em si mesmo, ele como um sujeito disposto a amar a si e o outro, bem como se perceber amado e valorizado enquanto sujeito único.

Dentro da psiquiatria e da psicologia⁵⁷ há estudos relacionados ao tema da Fé e os processos de cura, para Jeff Levin “a fé pode curar, fornecendo esperança para o futuro que permite que fardos sejam suportados e a dor seja tolerada.”⁵⁸



Figura 5⁵⁹

James Fowler desenvolveu um amplo trabalho dentro do campo da fé. Sua pesquisa contribuiu ao estabelecer estágios de fé que uma pessoa pode percorrer

⁵⁵ FOWLER, 1992, p.16-17.

⁵⁶ De acordo com o autor: O apogeu do individualismo pós-moralista coincide, certamente aos “prazeres privados” e das preocupações lancinantes do eu, mas, paradoxalmente, em paralelo com a vontade de ajuda mútua, sem obrigações, sem coerção, livremente, sem exigência de regularidade e disciplina. LIPOVETSKI, 2004, p.33.

⁵⁷ A USP possui um Laboratório de Psicologia Social da Religião que desenvolve pesquisas relacionadas ao estudo interdisciplinar da religião dentro de uma perspectiva psicológica. Disponível em: <http://www.ip.usp.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=1241%3Alaboratorio-de-estudos-em-psicologia-social-da-religiao&catid=52%3Alaboratorios&lang=pt> Acesso em: 20 maio, 2015.

⁵⁸ “faith can heal by providing hope for the future that enables burdens to be borne and pain to be tolerated” In: LEVIN, Jeff. How Faith Heals: A Theoretical Model. *EXPLORE*. March/April 2009, Vol. 5, No. 2. p.90. Tradução Livre Thiago Nicolau de Araújo.

⁵⁹ Página Comunitária *Apenas uma Garota que Sofre Calada* Disponível em: <<https://www.facebook.com/221730914676886/photos/pb.221730914676886.2207520000.1432305999.233279623522015/?type=3&theater>> Acesso em: 20 mar. 2015.

no decorrer de sua vida. Ele classifica a fé em seis estágios distintos, como representados no esquema criado pela autora:



Esquema 4⁶⁰

Considerando que a pesquisa se dedica ao estudo de adolescentes e se propõe a analisar questões relativas ao seu desenvolvimento, o foco será direcionado para a fé sintético-convencional. De acordo com Fowler:

No estágio 3, fé sintético-convencional, a experiência de mundo da pessoa amplia-se além da família. Várias esferas exigem atenção: família, escola ou trabalho, companheiros, sociedade e mídia, e talvez religião. A fé precisa proporcionar uma orientação coerente em meio a essa gama mais complexa e diversificada de envolvimento. Ela precisa sintetizar valores e informações, precisa fornecer uma base para a identidade e a perspectiva da pessoa.⁶¹

O autor preocupa-se em associar o desenvolvimento da fé adolescente ao seu desenvolvimento humano e o quanto suas interações fora do seu núcleo familiar terão reflexo em sua sintetização dos valores e das informações recebidas. Prosseguindo na sua linha de pensamento, o autor define o estágio 3:

⁶⁰ Gráfico elaborado pela autora desta tese a partir dos estágios da fé propostos por James Fowler (1992).

⁶¹ FOWLER, 1992, p. 146-147.

O estágio 3, tipicamente surge e adquire ascendência durante a adolescência, mas, para muitos adultos, torna-se um lugar permanente de equilíbrio. Ele estrutura o ambiente último em termos interpessoais. Suas imagens de valor e poder unificador derivam-se da extensão de qualidades experimentadas em relacionamentos pessoais. É um estágio “conformista” no sentido de que está agudamente sintonizado nas expectativas e julgamento de outros significativos e ainda não possui uma percepção suficientemente segura de sua própria identidade e julgamento autônomo para construir e manter uma perspectiva independente. Embora as crenças e valores sejam profundamente sentidos, é típico que sejam assumidos de forma tácita – a pessoa “habita” neles e no mundo de sentido por eles mediado. Entretanto, não houve chance de sair fora deles para refletir sobre eles ou examiná-los de maneira explícita e sistemática. No estágio 3, a pessoa tem uma “ideologia”, um conjunto mais ou menos consistente de valores e crenças, mas não a objetivou para avaliação e, em certo sentido, não tem consciência de possuí-la. [...] ⁶²

O estágio 3, definido por Fowler se apresenta como um estágio de extrema importância na formação do indivíduo, uma vez que ele será um intenso período de questionamento e de assimilação, além de ser um estágio que pode se consolidar para o resto da vida do indivíduo, por ser um estágio de possível sedimentação dos valores e das crenças.

Os perigos ou deficiências neste estágio são duplos. As expectativas e avaliações dos outros podem ser tão coercitivamente internalizadas (e sacralizadas) que a autonomia posterior de julgamento e ação pode ser prejudicada. Ou então, traições interpessoais podem fazer surgir ou desespero niilista acerca de um princípio pessoal do ser último, ou uma intimidade compensatória com Deus, não relacionada a relações mundanas. ⁶³

O estágio sintético-convencional se não for vivenciada de uma forma direcional, integradora e experimental, poderá acarretar no desenvolvimento de um futuro adulto que externa uma fé exacerbada ou que repudia de forma veemente a sua fé e a do outro.

A fé institucionalizada está vivendo um período de modificação e de readaptação. De acordo com a pesquisa desenvolvida por José Álvaro Campos Vieira, o Censo de 2010 revela o aumento das pessoas que se declaram sem religião:

Analisando a série histórica e estatística dos sem religião desde 1890 [...], incluindo o Censo de 2010 [...], percebe-se um crescimento dos sem religião ao longo do tempo. De 2000 a 2010, constata-se uma queda no ritmo de crescimento (com um crescimento de 2,46 pontos percentuais entre 1991 e 2000, os sem religião crescem apenas 0,45 ponto percentual entre 2000 e 2010). [...] Na tabela onde se registram os percentuais das faixas etárias dos sem religião e da população brasileira no Censo de 2010 [...], atesta-se

⁶² FOWLER, 1992, p. 146-147.

⁶³ FOWLER, 1992, p. 146-147.

que o fenômeno dos sem religião é predominante nos indivíduos dos 15 aos 39 anos, porque nesses grupos de idade os percentuais são sempre superiores aos da população brasileira. Observa-se que os indivíduos dessas faixas etárias são os que estão mais sujeitos às mudanças socioculturais.⁶⁴

A apresentação dos dados do Censo de 2010 sobre os “sem-religião” que possuem idade média dos 15 aos 39 anos de idade, mostra que a fé sintecoconvencional, está pendendo para uma desafeição⁶⁵ institucional da religião, mas não da fé necessariamente. Para Fowler: a fé, portanto, é um modo ativo de conhecer, de compor um senso ou imagem sentida da condição de nossas vidas tomadas como um todo. Ela unifica os campos de força de nossas vidas.⁶⁶

Em pesquisa da antropóloga Regina Novaes, com jovens de 15-24 anos, apresenta essa dissociação existente entre fé e religião:

Indagados sobre os valores que seriam mais importantes em uma sociedade ideal, a maioria (56%) dos jovens que afirmaram “ter fé, mas não ter religião” se dispersou entre muitos valores propostos destacando “igualdade de oportunidades” (17%). O “temor a Deus” (13%) e a “religiosidade” (4%) também foram incluídos em suas respostas. Vejamos agora as escolhas dos ateus e agnósticos. Estes concentraram-se sobretudo no “respeito ao meio ambiente” (48%), mas quase 25% deles incorporaram a dimensão espiritual: 14% elegeram “temor a Deus”, outros 14% deles escolheram “religiosidade”. Em resumo, os valores “temor a Deus” e “religiosidade” somaram 17% das respostas daqueles que “acreditam em Deus, mas não têm religião” e 28% nas respostas dos ateus/agnósticos entrevistados.⁶⁷

Diante deste panorama, há uma forte tendência de se pensar numa crise de valores, da moralidade e dos bons costumes, no entanto, estamos diante de um momento de transformação cultural, religiosa e moral, no qual o/a adolescente virtualizado (a) está inserido (a). De acordo com Gilles Lipovetsky estamos vivendo uma fase pós-moralista:

[...] a qual rompe, embora o complementando, o processo de secularização acionado no fim do século XVII e no século XVIII. Sociedade pós-moralista, não sociedade pós-moral; sociedade que exalta mais os desejos, o ego, a felicidade, o bem estar individual, do que o ideal de abnegação. [...] Essa

⁶⁴ VIEIRA, 2015, p.605-606.

⁶⁵ OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. *A desafeição religiosa de jovens e adolescentes*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/511180-desafeicao-religiosa-esse-conceito-seria-central-para-entendermos-os-sem-religiao-entrevista-especial-com-pedro-ribeiro-de-oliveira>> Acesso em: 07 mar. 2015.

⁶⁶ FOWLER, 1992, p. 33.

⁶⁷ NOVAES, Regina. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. *Revista Estudos Avançados*. vol.18 no.52 São Paulo Set./Dec. 2004. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340142004000300020&script=sci_arttext&lng=es> Acesso: 18 fev. 2015.

evolução se revela especialmente na antes chamada esfera moral individual, a dos deveres para consigo mesmo (castidade, temperança, higiene, trabalho, poupança, interdição de suicídio). No fundo, todos esses imperativos transformaram-se em opiniões livres, em direitos individuais, tendo sido, no passado, pensados, ao contrário, como deveres absolutos do homem para consigo.⁶⁸

Seguindo, Lipovetsky completa:

Os indivíduos não são mais culpabilizados, mas mobilizados em enormes quermesses de benfeitoria. Enquanto a moral laica ou a moral religiosa eram sinônimos de sermões regulares e disciplinadores, a moral pós-moderna é a dos encantamentos, das operações de mídia essencialmente dirigidas a um ponto específico, circunstanciais, emocionais. [...] A mídia fixa as prioridades, orchestra a generosidade, consegue, de resto com muito sucesso, mobilizar esporadicamente o público.⁶⁹

Estamos diante de uma alteração de conceitos e de ações no que se refere ao desenvolvimento moral da sociedade contemporânea. Em meio a esta transformação temos o/a adolescente que está diariamente enfrentando suas próprias modificações corpóreas e suas emoções ambivalentes. Como se verifica neste *post*:

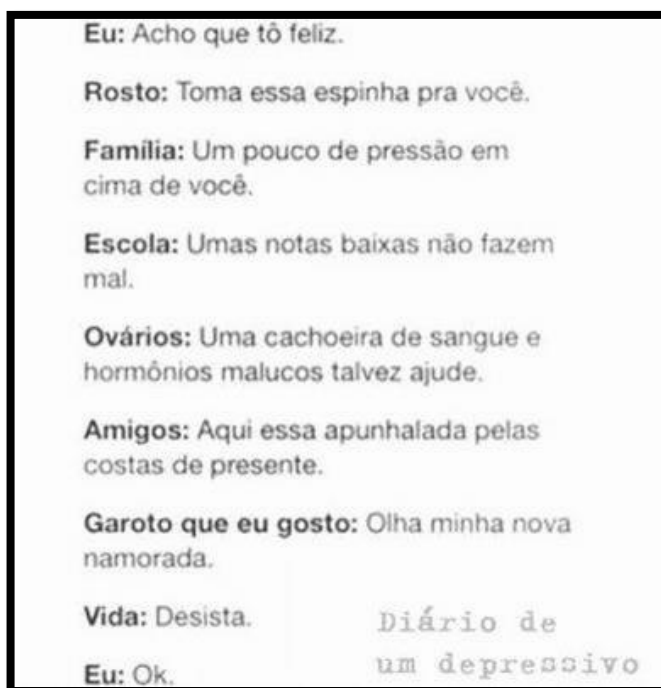


Figura 6 ⁷⁰

⁶⁸ LIPOVESTSKY, 2004, p. 27.

⁶⁹ LIPOVETSKY, 2004, p.29.

⁷⁰ Página Comunitária A menina solitária. Disponível em: <<https://www.facebook.com/AmeninasolitariaOficial/photos/pb.292846630847667.2207520000.1393169569.432113033587692/?type=3&theater>> Acesso em: 23/02/14.

É preciso discutir a adolescência com os/as adolescentes, dando voz a suas percepções acerca de sua formação neste mundo virtualizado, e perceber o/a adolescente como um sujeito em construção no que tange sua biologia, sua emoção e espiritualidade. O/A adolescente virtualizado (a) está vagando sozinho (a) numa imensidão de dados e com pouca conexão no que se referem às interações interpessoais.

1.3. E quando Deus vira Google? Deus conectado e Deus compartilhado no Facebook

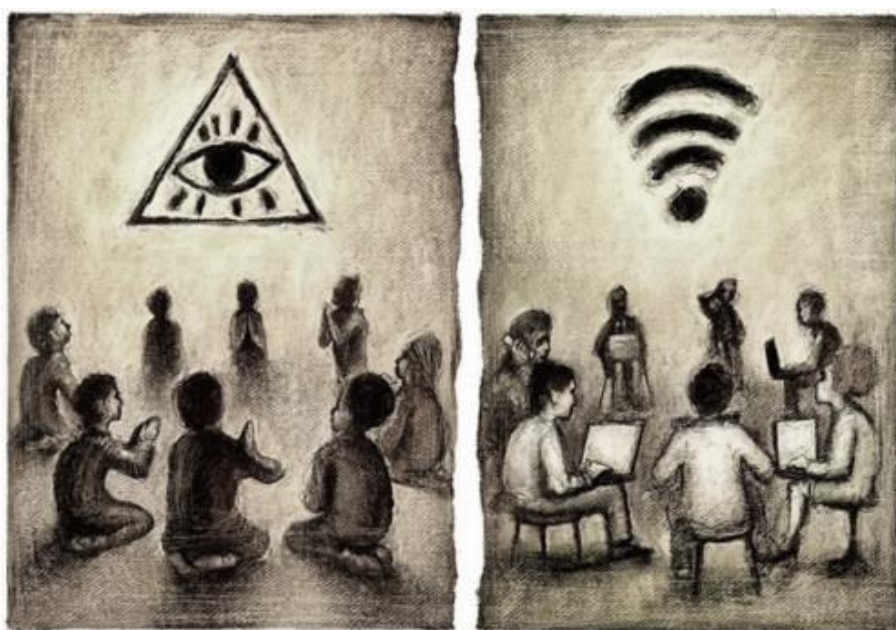


Figura 7 ⁷¹

O *post* de introdução resume em apenas uma imagem o novo elemento de adoração e conexão do/da adolescente virtualizado (a): o wi-fi. Pensando neste contexto de espaços e interações digitais, no qual o/a adolescente está inserido (a), surgiu o seguinte questionamento: Como o/a adolescente do século XXI está construindo e compartilhando a imagem de Deus no *Facebook*?⁷²

O/A adolescente, em meio a estas transformações tecnológicas, virtuais e da imagem, apresenta dificuldade de se relacionar e se identificar com algo não seja

⁷¹ Deus x Wi-fi. Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/LtCHiOPFtUQ/T6rb0RBdj7I/AAAAAAAAAD_k/KtaQfo7CH3U/s1600/Wifi+onipresente,+onisciente.jpg> Acesso: 03 fev. 2015.

⁷² Este item foi construído a partir do artigo *E quando Deus vira Google: O adolescente e sua percepção sobre Deus no Facebook*. Apresentado no Simpósio Regional da ABHR e publicado nos Anais do evento. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/09/Anais-simp%C3%B3sio-da-ABHR-Sudeste.pdf>> Acesso: 12 mar. 2015.

visual e com interação imediata. Sua estrutura cognitiva já está apta para utilizar o pensamento abstrato e dedutivo, conforme se pode verificar na tabela comparativa entre o desenvolvimento do pensamento na infância e na adolescência:

Infância	Adolescência
Pensamento limitado ao aqui e agora	Pensamento alargado a possibilidade
Resolução de problemas ditada pelos detalhes dos mesmos	Resolução de problemas orientada pela verificação de hipóteses prévias
Pensamento limitado aos objetos e situações concretas	Pensamento alargado a ideias assim como à realidade concreta
Pensamento concentrado na própria perspectiva individual	Pensamento alargado às perspectivas dos outros.

Tabela 1⁷³

Numa sociedade marcada pelo fazer científico e pelo viver das aparências, fica complicado convencer um/uma adolescente de seguir ou se identificar com uma figura associada ao abstrato conceito de onisciência e onipresença: DEUS.

Figura 8⁷⁴

Não é raro o/a adolescente relacionar a figura de Deus e a fé exacerbada com as religiões neopentecostais, que constantemente são associadas ao seu poder

⁷³ SPRINTHALL, Norman. COLLINS, Andrews. *Psicologia do Adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista*. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2011. p. 90.

⁷⁴ Página Comunitária A morte. Disponível em: <<https://www.facebook.com/curtiramorte/photos/pb.192255920884595.2207520000.1431011578./631422013634648/?type=3&theater>> Acesso em: 03/05/15.

de mediatização. Ser religioso ou acreditar em Deus, muitas vezes é visto como algo popular e não atrativo para um grupo que vive em meio ao consumo e a uma dinâmica vida nos espaços sociais e virtuais.

O desenvolvimento da imagem de Deus é uma construção que inicia nos primeiros anos de vida de uma criança. Com o passar dos anos essa imagem vai se modificando de acordo com as fases de desenvolvimento humano. De acordo com a pesquisa de Ana Maria Rizzuto:

Deus é encontrado na família. Na maior parte do tempo, ele é oferecido pelos pais à criança; ele é encontrado na conversa do dia a dia, na arte, na arquitetura e em eventos sociais. Apresentam-no como sendo invisível, mas apesar disso, real. Por fim, a maioria das crianças é apresentada oficialmente à “casa de Deus”, um lugar em que Deus supostamente “mora” de uma forma ou outra. Esta casa é governada por regras muito diferentes de quaisquer outras; a criança é apresentada ao ritual, ao comportamento oficial que se espera dela ali e a outros eventos em que o encontro com Deus é socialmente organizado.⁷⁵

Pensando sobre a citação e relacionando-a com a realidade familiar de crianças e adolescentes que vivem nos grandes centros urbanos, fica fácil compreender como *Google* pode se transformar em Deus. As famílias possuem uma rotina atribulada devido suas extensas jornadas de trabalho, as crianças e adolescentes passam mais tempo dentro das escolas do que com suas famílias em casa, as avós e avôs do século XXI não possuem mais o estereótipo de velhinhos (as) que esperam os seus netos (as) com bolo para o café da tarde e que os/as levam para a Igreja para aprender onde fica a casa de Deus. Não há quem auxilie a criança e nem o/a adolescente a construir a sua imagem sobre a figura de Deus, ele/ela apenas tem uma breve ideia na escola e na televisão com a programação dos canais ligados a instituição neopentecostal.

O sociólogo Pedro Ribeiro de Oliveira, ao comparar os dados do Censo de 2000 e de 2010, utiliza a expressão *desafeição religiosas* e ressalta que houve “o crescimento de jovens entre 15 e 19 anos sem religião. As novas gerações brasileiras têm uma forma religiosa muito diferente das antigas gerações. Em termos de projeção, isso é algo a ser pensado”.⁷⁶

A transmissão de valores e crenças também envolve a memória coletiva. Referida a um acontecimento fundador, a memória reelabora continuamente o passado. Mas na modernidade a memória perde importância, uma vez

⁷⁵ RIZZUTO, Ana-Maria. *O nascimento do Deus Vivo: um estudo psicanalítico*. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p.23.

⁷⁶ RIBEIRO, 2012.

que as identidades religiosas resultam de escolas individuais. Uma das consequências deste hiato é o *desmoronamento dramático do saber religioso*. A ignorância dos elementos de base da cultura cristã é, hoje, a norma na Europa, sobretudo entre os mais jovens.⁷⁷

O afastamento institucional não ocorre somente entre os/as adolescentes, mas também entre adultos. Esse afastamento de pais e filhos está provocando uma modificação na dinâmica de transmissão e recepção dos dogmas e valores religiosos, que antes eram passados pela família ou pela comunidade religiosa a qual o grupo familiar pertencia:

Percebe-se a falta do vínculo desses jovens com uma comunidade religiosa, uma instituição religiosa. São pessoas que declaram uma fé, porém é uma fé desvinculada de mediação, sem pertença e sem referência identitária. Há ausência de outras possíveis referências de autoridade, de influência, como por exemplo, uma pessoa do ambiente escolar, em se tratando de jovens em fase de estudo e formação. O fato é que é possível constatar certo isolamento social do espaço religioso onde deveria ser propício os relacionamentos de amizade e troca, tanto quanto o da escola ou vizinhança.⁷⁸

A imagem de Deus não está mais sendo construída somente dentro do ambiente familiar, mas fora dele com a ajuda do *Google*. Esta modificação na transmissão do saber religioso está oferecendo ao adolescente virtualizado a possibilidade associar a figura de Deus ao *Google*.

Um blog publicou as nove evidências de que *Google* era Deus. O texto apresenta “provas” de que *Google* está diretamente relacionada a figura monoteísta do Deus cristão.

9 provas de que Google é Deus

1-O Google é onisciente

O Google é a entidade mais próxima de atingir a onisciência (saber de tudo) que existe. Ele indexa mais de 9,5 bilhões de páginas da web, o que é mais do que qualquer outro mecanismo de busca. Além disso, ele organiza e distribui essas informações, para nós, meros mortais.

2-O Google é onipresente

O Google está virtualmente em todos os lugares da Terra. Bilhões de páginas indexadas e hospedadas em todos os cantos do mundo. E com o aumento de redes de Internet Wi-Fi é possível que uma pessoa acesse o Google de qualquer lugar do planeta.

3-O Google responde a sua prece.

Você pode fazer uma prece ao Google na forma de busca para achar a solução de qualquer problema. O Google te dirá tratamentos para doenças, como melhorar a saúde, sites em que você pode encontrar o amor da sua

⁷⁷ RIBEIRO, Jorge Cláudio. *Religiosidade jovem: pesquisa entre universitários*. São Paulo: Loyola/Olho d'Água, 2009. p.82.

⁷⁸ JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; Teófilo, Debora Nascimento. Elementos religiosos do universitário. *Revista Rever*. Ano 13. No 02. Jul/Dez 2013. p.158.

vida e qualquer outra coisa que lembre uma prece normal. O Google aponta o caminho e deixa você tomar uma decisão.⁷⁹

Nesta primeira parte do texto há uma clara semelhança entre a função de um Deus que tudo sabe, está em todos os lugares e que atende suas preces com a ferramenta de busca *Google*. Num segundo momento o texto se propõe associar questões de imortalidade e de uma entidade infinita.

4-O Google é imortal

O Google é virtualmente imortal. Seus algoritmos estão espalhados por milhares de servidores. Se algum fosse destruído ou desligado, outro servidor, sem dúvida, tomaria seu lugar. O Google pode, teoricamente, durar para sempre.

5- O Google é infinito

A Internet crescerá para sempre, e o Google irá para sempre indexar seu crescimento infinito.

6- O Google se lembra de tudo

Ao enviar suas opiniões, fotos, textos e pesquisas o Google os guardará em cachê páginas da web armazenadas em diversos servidores. Quando você morrer, você irá existir para sempre na memória do Google. Uma espécie de vida após a morte.⁸⁰

Por fim, o texto destaca os aspectos de benevolência, popularidade e coloca em discussão a existência de um em contraponto da existência do outro.

7-O Google é Benevolente

Ele não é mal. Na verdade, isso faz parte da filosofia da Google, uma empresa não precisa ser má para ganhar dinheiro. Além de não ter sido usado de motivo para nenhuma guerra, ataque terrorista, sacrifício ou invasão.

8- O Google é mais procurado que qualquer deus

De acordo com o Google, termo "Google" é mais procurado que os termos "God", "Jesus", "Allah", "Buddha", "Christianity", "Islam", "Buddhism" e "Judaism" juntos.

Deus é considerado uma entidade na qual nós mortais recorremos em momentos de necessidade. O Google é muito mais solicitado do que qualquer "Deus".

9- Evidências

Você pode encontrar evidências da existência do Google com facilidade. Se ver é crer, vá agora mesmo em google.com e comprove você mesmo que ele existe. Para acreditar na existência do Google você não precisa nem de fé.⁸¹

Diante destas "provas", não é difícil encontrar algum (a) adolescente que confirme e até concorde com a ideia apresentada de forma humorística no espaço virtual. O/A adolescente do século XXI está diretamente ligado (a) à tecnologia, logo,

⁷⁹ KNUTTZ, Gilberto. *Nove provas de que o Google é, na realidade, Deus*. Disponível em: <<http://cybervida.com.br/nove-provas-de-que-o-google-e-na-realidade-deus>> Acesso em 04 jun. 2014.

⁸⁰ KNUTTZ, Gilberto. *Nove provas de que o Google é, na realidade, Deus*. Disponível em: <<http://cybervida.com.br/nove-provas-de-que-o-google-e-na-realidade-deus>> Acesso em 04 jun. 2014.

⁸¹ KNUTTZ, Gilberto. *Nove provas de que o Google é, na realidade, Deus*. Disponível em: <<http://cybervida.com.br/nove-provas-de-que-o-google-e-na-realidade-deus>> Acesso em 04 jun. 2014.

sua relação com a figura de Deus acaba sendo substituída ou rapidamente associada ao pensamento científico, excluindo ou se distanciando da discussão e do pensamento humanístico teológico.

A construção deste item foi realizada a partir da pesquisa exploratória utilizando a palavra Deus, que foi inserida no campo de buscas do *Facebook*, por meio da conta pessoal da autora desta tese. Feito isso, surgiram seis Páginas relacionadas à palavra de busca, como apresenta a imagem a seguir:

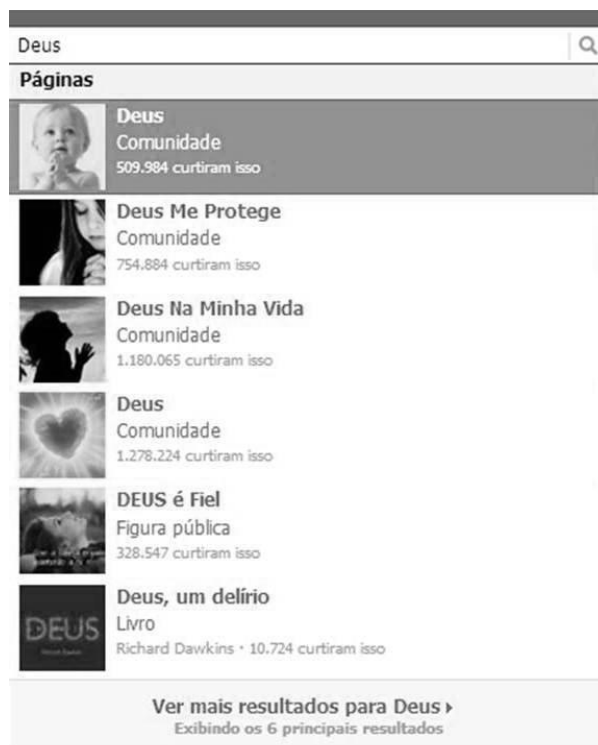


Figura 9⁸²

Dentre estas seis Páginas identificadas pelo mecanismo de busca, apenas uma estava dentro do critério de análise desta pesquisa, que se foca na verificação de Páginas com idade popular de seus curtidores dos 13 aos 17 anos de idade. Posto isso, a Página comunitária que cumpriu os critérios de seleção por faixa etária e por utilizar a palavra “Deus” em sua identificação foi a Página homônima “Deus” que possuía 509.927⁸³ curtidores, com idade popular dos 13 aos 24 anos, a maioria

⁸² Pesquisa realizada entre os meses de junho-agosto de 2013 a partir do perfil pessoal da autora. Disponível em: <<https://www.facebook.com/kate.rigo.9>>. Acesso em 03 jun. 2013.

⁸³ Atualmente a Página não existe mais. Verificação feita em 30/03/15.

de seus integrantes eram oriundos da cidade de São Paulo⁸⁴. As demais Páginas não foram usadas, pois estavam fora do foco etário desta pesquisa.

A Página Deus possuía 25.990 *posts* em sua linha do tempo, era uma Página de grande movimentação, no que se refere ao número de postagens realizadas diariamente. Seus *posts* promoviam mensagens e imagens relacionadas com a figura de Deus, Jesus Cristo e, também, com as vendas de sapatos e roupas que não seguiam um estilo, convencionalmente, conhecido como cristão.

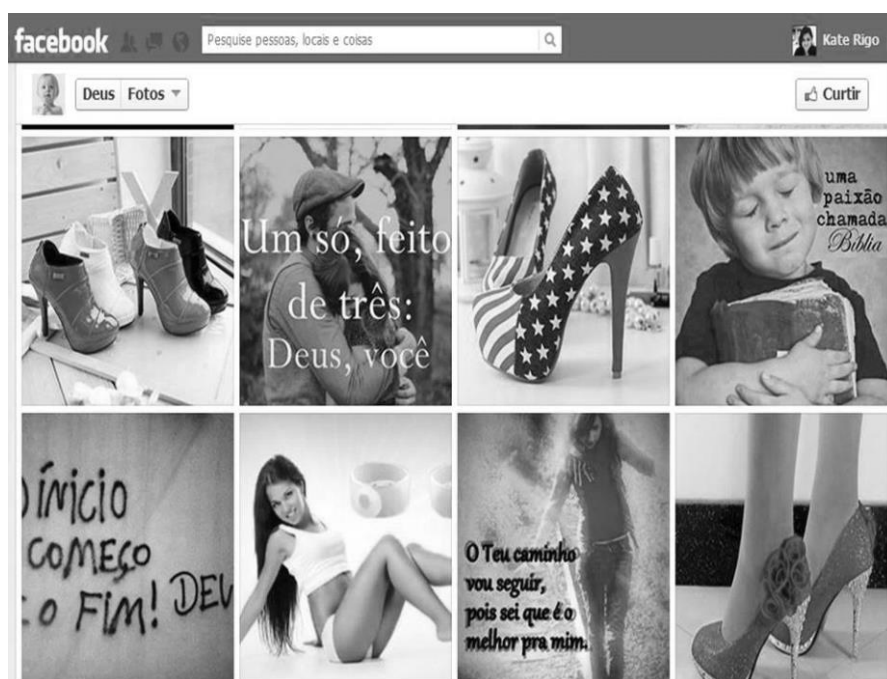
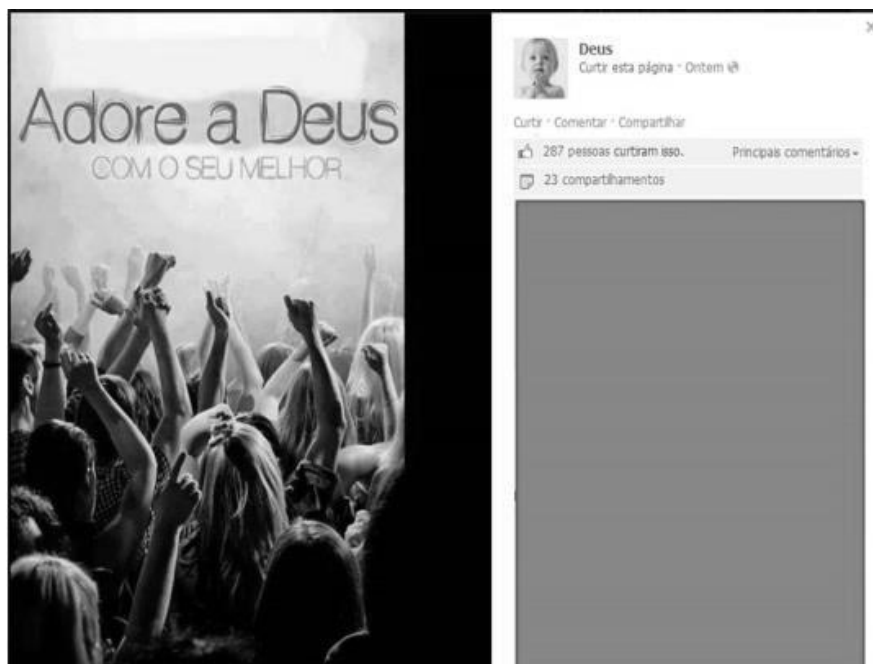


Figura 10⁸⁵

Por agregar um grupo considerável de adolescentes e jovens adultos, a Página utilizava o espaço virtual não somente para difundir ou compartilhar mensagens ligadas a Deus, ou à fé cristã, mas também utilizava o espaço para promover a venda de produtos femininos como sapatos, roupas e anéis energéticos, e todos sem nenhuma característica ou motivo religioso. O número de compartilhamento, de postagens com conteúdo religioso era baixo, como no *post* seguinte:

⁸⁴ Página Comunitária Deus. Disponível em: <<https://www.facebook.com/AmoDeusS2?fref=ts>>. Acesso em 04 jul. 2013.

⁸⁵ Página Comunitária Deus. Disponível em: <<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.321709647940466.69498.321694901275274&type=3>>. Acesso em 03 jul. 2013.

Figura 11⁸⁶

Mesmo utilizando uma imagem de uma festa, que possui forte apelo de identificação com o modo de agir do/da adolescente, o *post* teve apenas 23 compartilhamentos e 287 curtidas. Demonstrando que o/a adolescente, no espaço virtual, não está compartilhando e nem curtindo com frequência a figura de Deus. Levando em consideração que esta página possuía um número superior a 500 mil agregados, ou seja, “Deus” até pode ser curtido, mas não é compartilhado no espaço virtual.

Ao associar a palavra “Deus” a um elemento de pleno conhecimento e interação do público adolescente da cidade, como o site de busca *Google*, o número de compartilhamento aumenta consideravelmente, como é possível perceber no próximo *post* :

⁸⁶ Página Comunitária Deus. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=416634888447941&set=a.321709647940466.69498.321694901275274&type=3&theater>>. Acesso em 06/08/13.

Figura 12⁸⁷

A postagem teve 358 compartilhamentos e 681 pessoas curtiram a figura de Deus foi associada ao *Google*. Observando a imagem, verifica-se que o *Google* encontra Deus, e oferece ao indivíduo a opção de escolher a opção que melhor se encaixa com o seu momento. O/A adolescente virtualizado (a), morador (a) dos grandes centros e, de uma classe economicamente favorecida⁸⁸, possui maior interação e atenção do *Google* do que de seus próprios familiares, como aborda Macedo e Ayub:

Abordar a temática da adolescência envolve refletir também sobre os efeitos dos tempos de consumo, fluidez e imediatismo sobre a família. Constata-se na contemporaneidade haver um colapso das hierarquias representadas pelas instituições tradicionais; entre elas, situa-se a família. [...] Percebe-se que o recurso parental à gratificação proporcionada aos filhos pela via do consumo, em certos casos, busca camuflar ou minimizar situações de escassez ou privação de afeto por parte da família, podendo promover, cada vez mais, o enfraquecimento do vínculo afetivo.⁸⁹

⁸⁷ Página Comunitária Deus. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=416634888447941&set=a.321709647940466.69498.321694901275274&type=3&theater>>. Acesso em 06 ago. 2013

⁸⁸ De acordo com pesquisa realizada em 2012 por Malco Camargo apud VIEIRA, 2015, p.607: Para 60% dos entrevistados, religião é algo que alude a um lugar (espaço físico) e a um coletivo (grupo de fiéis). E o que mais intriga os sem religião em relação aos indivíduos que seguem uma religião e às igrejas é o preconceito, o fanatismo, o falso moralismo e o mercado da fé. No entanto, em meio a esses obstáculos, quando as igrejas trabalham em prol da sociedade, preferencialmente dos mais necessitados, suas obras são reconhecidas e valorizadas.

⁸⁹ MACEDO, Monica Medeiros Kother; AYUB, Renata. A escuta da adolescência em tempos de excessos. In: MACEDO, Monica Medeiros Kother; GOBBI, Adriana Silveira. *Adolescência e psicanálise: intersecções possíveis*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.p.116.

O núcleo familiar do/da adolescente contemporâneo (a) está *desconectado* do universo do/da adolescente virtualizado (a), fazendo com que o/a mesmo (a) deixe de ter a oportunidade de pensar, construir ou desconstruir uma imagem de Deus. Além da família, as instituições escolares confessionais também não conseguem oportunizar momentos de discussão com o/a adolescente sobre a figura de Deus e muito menos sobre a nossa rica diversidade cultural religiosa. A falta de espaços para o diálogo dentro do âmbito familiar e escolar das instituições particulares confessionais faz com que o/a adolescente busque suas respostas e seu espaço de expressão nas redes de relacionamento como o *Facebook*. Afinal, este recurso está sempre disponível para divulgar seus pensamentos, suas angústias e suas crenças.

Vivemos num momento de modificação social e comportamental. O/A adolescente do século XXI está mais conectado (a) com o mundo virtual do que com o mundo real. Suas crenças estão relacionadas ao consumo e a exaltação de uma juventude que parece ser perpétua. O *Google* está sendo o seu maior mentor, seu melhor ouvinte e o seu amigo para todas as horas.

A figura de Deus está perdendo a sua popularidade entre os/as adolescentes urbanos (as), por não ser visível e por não oferecer respostas instantâneas, como o *Google*. Na visão do/da adolescente Deus não lhe dá a possibilidade de vida eterna na terra, como o *Google* consegue lhe proporcionar.

Esse afastamento ou até mesmo descrença em relação à figura de Deus, na sociedade pós-moralista faz com que os/as adolescentes vivam uma espécie de vazio espiritual, pois não se percebem finitos⁹⁰ e não se consideram pessoas dignas de serem amadas pelo outro. A evidência disso está no aumento da violência entre os/as adolescentes, na falta de vínculos amorosos duradouros, no aumento do consumo de entorpecentes e da ideação suicida que está sendo compartilhada diariamente nas redes de relacionamento, como o *Facebook*. É preciso criar alternativas de diálogo no meio familiar e escolar, oportunizando às futuras gerações o pensar sobre a existência ou não de alguma divindade maior que nos guarde.

⁹⁰ Esta relação entre finitude e o/a adolescente será abordado no capítulo 2.

2. IMORTALIZADOS PELA REDE

O segundo capítulo tem o objetivo de apresentar a visão do/da adolescente em relação ao tema da morte. O capítulo foi construído a partir do embasamento teórico e da análise de postagens feitas por Páginas comunitárias ligadas ao *Facebook*. A pesquisa foi composta por monitoria sistemática de 200 Páginas comunitárias, num período de 10 meses (fevereiro – dezembro de 2014) e selecionadas, para a realização desta tese, 200 postagens compartilhadas, curtidas e comentadas por usuários pertencentes ao grupo etário dos 13 aos 17 anos de idade. A seleção teve como critério a presença de frases ou imagens que estivessem ligadas aos seguintes temas: adolescência, morte, morrer, suicídio, comportamento autolesivo e depressão.

2.1. O/A Adolescente e seus compartilhamentos sobre a morte e o morrer no Facebook

Como já abordado no capítulo anterior, o/a adolescente está cada vez mais integrado e conectado no espaço virtual. Não sendo raro encontrarmos em espaços públicos e/ou privados adolescentes com os olhos fixos em algum celular, *notebook* ou *tablet*. O único movimento que se percebe é de suas mãos comprometidas em digitar uma mensagem; em tirar fotos de si próprios para postar em seus perfis; em curtir postagens de seus (suas) amigos (as) virtuais ou em compartilhar *post* de suas páginas comunitárias favoritas. O mundo virtual é mais ágil e mais interessante que o mundo real que o cerca.

O/A adolescente se expressa mais nas redes virtuais do que nas suas relações diretas do cotidiano, seja na escola ou no meio familiar. A internet o ouve, o/a vê, o/a informa e o/a acolhe. Falar de morte com o/a adolescente se torna algo tão distante que este afastamento está sendo expresso e compartilhado nas redes sociais.

Ao construir o mundo, o adolescente deixa as ideias e os pensamentos infantis, o “faz de conta” é relegado como coisa de criança. Adquirir conhecimentos, tornar-se adulto, ter um corpo de homem ou de mulher são tarefas da adolescência. A sua palavra chave é desafiar, pois o adolescente é um herói como a criança havia sido, só que um herói mais potente, com um corpo mais forte e uma mente mais aguçada, com todas as possibilidades de criação e execução, sem freios restritivos da razão e da maturidade. Nas representações figurativas os heróis são jovens, belos,

fortes, predominando sempre, a característica da impetuosidade. Não há lugar para a morte, que representa a derrota, o fracasso. Como podemos ver, aqui está representada a visão atual da morte: fracasso, derrota, incompetência. [...] ⁹¹

As redes sociais no mundo contemporâneo estão ocupando seu espaço no cotidiano de nossos/nossas adolescentes. De acordo com a pesquisadora Marcia Elisa Rendeiro:

Em um amplo mercado de bens, materiais ou simbólicos, movidos por necessidades e desejos de toda ordem, renovados dia a dia, pontuamos o veloz crescimento das redes sociais por todo o mundo contemporâneo. Uma das possíveis justificativas para esse crescimento pode estar no alto grau de imagens técnicas a que estamos sendo submetidos (fotografias, filmes, imagens de TV, outdoors, terminais de computador, vídeos, etc.), imagens que exigem de nós um novo nível de consciência e abstração. No Brasil, o crescimento do número de usuários dessas redes é marcadamente acentuado. ⁹²

Em estudo realizado por Guilherme Wendt e Carolina Lisboa ressalta-se:

[...] os adolescentes de hoje interagem com a mídia digital em quase todos os aspectos de suas vidas. É frequente a mediação de novas tecnologias para entretenimento, como os jogos on-line, para a comunicação, como os sites de rede social, programas de conversação por texto, vídeo e áudio; e para o próprio processo de educação/aprendizagem. ⁹³

Estar no espaço virtual é estar num espaço dinâmico, ativo e repleto de atualizações que integram, no Brasil, pelo menos 89 milhões de indivíduos:

Oito em cada dez brasileiros possui uma conta no Facebook, segundo dados atualizados divulgados nesta quinta-feira (21) pela rede social. Referentes ao segundo trimestre deste ano, os dados indicam que 89 milhões de brasileiros se conectam ao site todos os meses. Segundo a consultoria, o país conta com mais de 107,7 milhões de internautas. O Facebook é a maior rede social do mundo: possui 1,32 bilhão de membros. Por dia, 62,8% do total de pessoas com perfil na rede se conectam a ela, ou seja, 829 milhões de usuários acessam o site por dia. No Brasil, esse índice é superior à média mundial. Diariamente, 59 milhões de brasileiros, ou 66,2% do total de usuários, entram no Facebook.

⁹¹ KOVÁCS, Maria Júlia. *Morte e Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2013. p. 5.

⁹² RENDEIRO, Márcia Elisa. Orkut e Facebook: as teias da memória em meio às redes sociais. *Ciências Sociais Unisinos*. São Leopoldo, Vol. 47, N. 3, p. 257, set/dez 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/938/93821299009.pdf>> Acesso em: 03 set. 2013.

⁹³ LISBOA, Carolina; WENDT, Guilherme Welter. Adolescência no contexto das novas tecnologias de informação e comunicação. In: HABIGZANG, Luíza; KOLLER, Sílvia H. *Trabalhando com Adolescentes: teoria e intervenção psicológica*. Porto Alegre: Artmed, 2014.p.181-182.

De acordo com a empresa, os acessos móveis subiram 55% no país entre abril e julho. Isso quer dizer que 68 milhões de pessoas acessam suas contas no Facebook por meio de aplicativos e de dispositivos móveis.⁹⁴

Ao pensar nesta dinamização das interações feitas por adolescentes, nas redes sociais e espaços de comunicação virtual, compreende-se a dificuldade de percepção do/da adolescente virtualizado (a) em relação ao tema da morte como um evento estático, irreversível e definitivo, que faz parte da condição humana.

O adolescente pode viver várias mortes concretas, com a perda de amigos, colegas, em acidentes, overdose, assassinatos, doenças. Apesar de viver a concretude dessas perdas, o pensamento adolescente conclui que a morte ocorreu por inabilidade, imperícia e que o verdadeiro herói é ele próprio, não vai morrer. Aqui está representada a busca e o desejo de imortalidade do ser humano, o seu desejo de ser herói, forte, belo e onipotente, com a grande missão de vencer o dragão da morte.⁹⁵

A sensação de invencibilidade, impulsividade e testagem adolescente aparecem nos *posts* criados por eles nas Páginas monitoradas ao longo da pesquisa:

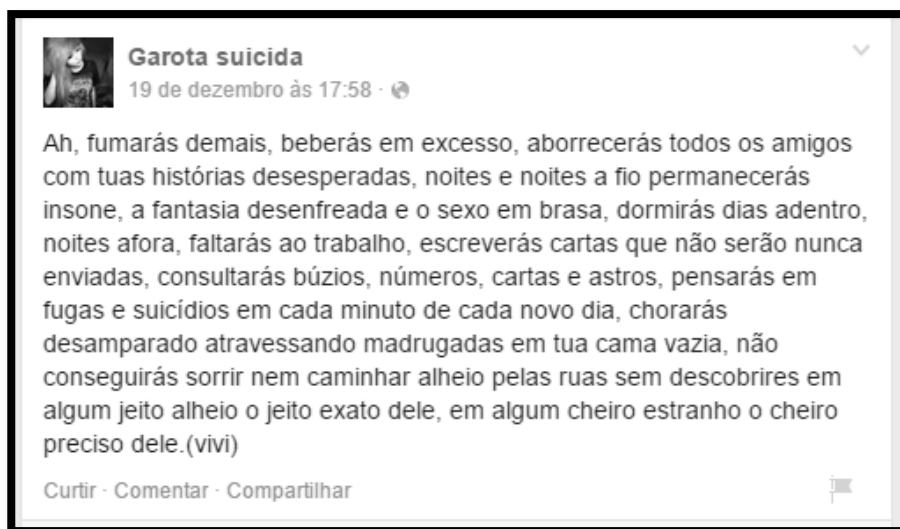


Figura 13⁹⁶

A postagem faz uma clara alusão aos dez mandamentos e transpõe as regras bíblicas para o mundo adolescente. Viver intensamente e a necessidade de experimentação desta fase foram traduzidos neste *post*.

⁹⁴ Reportagem digital do Globo.com. *Oito a cada dez internautas do Brasil estão no Facebook*, diz rede social. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/08/oito-cada-dez-internautas-do-brasil-estao-no-facebook-diz-rede-social.html>> Acesso em: 05 maio 2015.

⁹⁵ KOVÁCS, 2013, p.6.

⁹⁶ Página Comunitária *Garota suicida*. Disponível em: <https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=481307682001411&id=170381189760730> Acesso em: 27 dez. 2014.

Estar ativo no mundo virtual é sinônimo de estar integrado a um elevado número de pessoas, significa estar mais próximo dos ídolos e ser dinâmico, mesmo quando jogado em sua cama desordenada ou na cadeira da sala de aula, conforme elucida Rendeiro:

Uma cibercultura que exige a criação de novas formas de estar no mundo, o mesmo espaço virtual que nos permite encontrar e reencontrar amigos, também suscita desejos e estimula o consumo, mapeando nossos gostos e interesses, com ferramentas e dispositivos que permitem o monitoramento de todas as nossas ações, uma junção de todos os nossos “eus”, uma soma de todos os “nós” – bens culturais ao alcance de uma tecla, íntimos que ficamos de todos os artistas e nobres, na promessa de que a visibilidade funcione como um remédio para todas as nossas tristezas e males.⁹⁷

A imagem também é um aspecto importante na vida do/da adolescente, assim ela deve ser bem trabalhada antes de ser postada no espaço virtual, que não permite espaço para falhas:

Não por acaso se renovam os dispositivos do mundo virtual capazes de gerar bonecos, figuras, representações de nós mesmos, com detalhes que copiam ou se assemelham aos nossos traços individuais, sem obesidade ou anorexia, fakes ou “seres” para usar e identificar. O que essas imagens criadas por nós falam de nós? De certo modo, revelam o nosso temor do risco, da perda, da morte. Ilustram o nosso desejo de uma vida planejada, controlada, até certo ponto, previsível.⁹⁸

Pensando sobre a citação nota-se o quanto os/as adolescentes estão envolvidos (as) neste processo de afirmação, logo sua existência é confirmada a partir de sua imagem publicada. Só se existe no momento que está conectado; que adiciona diariamente inúmeros amigos virtuais; recebe um número significativo de “curtir” por uma postagem pessoal; um *post* ou foto sua é compartilhada por uma grande quantidade de perfis e Páginas comunitárias.

O eu moderno busca desesperadamente a aprovação alheia, é uma subjetividade que deseja ser amada e desejada em um “[...] verdadeiro mercado de personalidades, no qual a imagem pessoal é o principal valor de troca”⁹⁹. Vivenciamos então uma alteração radical nesta nova configuração sociocultural: novas tecnologias, novos meios de comunicação, um contexto social específico, novas linguagens – inclusive audiovisuais –, mais informação, identidade fluida e subjetividade estilizada. A espetacularização da intimidade cotidiana tornou-se habitual, utilizando-se

⁹⁷ RENDEIRO, 2011, p.260.

⁹⁸ RENDEIRO, 2011, p. 261.

⁹⁹ SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p.235.

de um arsenal de técnicas de estilização das experiências da vida e da personalidade.¹⁰⁰

Esta reflexão corrobora com o estudo de Guy Debord sobre a Sociedade do Espetáculo:

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social levou, na definição de toda a realização humana, a uma evidente degradação do ser em ter. A fase presente da ocupação total da vida social em busca da acumulação de resultados econômicos conduz a uma busca generalizada do ter e do parecer, de forma que todo o «ter» efetivo perde o seu prestígio imediato e a sua função última. Assim, toda a realidade individual se tornou social e diretamente dependente do poderio social obtido. Somente naquilo que ela não é, lhe é permitido aparecer.¹⁰¹

O estudo de Guy Debord se adapta à concepção de agregar muitos amigos virtuais no Facebook. O espetáculo se completa de acordo com o número de pessoas que curtiram e/ou compartilharam uma postagem e/ou uma imagem reforçando o ideal do “existir” perante esta sociedade “espetacularmente conectada” a um mundo virtual muito mais interessante e dinâmico do que o mundo real¹⁰². Deste modo, o/a adolescente se enxerga como popular, importante e eterno (a).

Essa realidade está associada ao conceito de Sociedade Líquida desenvolvida em um artigo publicado pelo sociólogo Zygmund Bauman¹⁰³ que a caracteriza como desapegada em suas relações pessoais, instável, individualista e está perdida num tempo de liberdade e de insegurança. Segundo Bauman, em nossa época extremamente carente de certezas, proteção e segurança, os medos são muitos e indissociáveis da vida humana. Tememos a violência urbana, as catástrofes naturais, o desemprego, as epidemias, o terrorismo, a exclusão. Como

¹⁰⁰ MELLO, Fernanda Cristina de Carvalho. Eu, você e todos nós. *Revista Estudos Sociológicos*. Araraquara, v.16, n.30, p.245-249, 2011. p.247. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/viewFile/3898/3579>> Acesso: 06 maio 2015.

¹⁰¹ DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Ebook. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf>. Acesso em 18 abr. 2013. p.13.

¹⁰² Em relação a esta dissociação entre real e virtual, há autores que defendem a não separação entre o real e o virtual, como no caso da autora Sherry Turkle que considera “um erro grave ao falar-se em vida real e em vida virtual, como se uma fosse real e a outra não. Na medida em que as pessoas passam tempo em lugares virtuais, acontece uma pressão, uma espécie de expressão do desejo humano de tornar mais permeáveis as fronteiras do real e do virtual”. No entanto, para esta tese, será mantida a ideia de separação entre o real e o virtual, uma vez que se pretende com esta a oportunização de momentos interativos entre os indivíduos fora do espaço virtual. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3057/2335>> Acesso em: 07 maio 2015.

¹⁰³ BAUMAN, Zygmunt. *Sociedade Líquida*. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/4_Encontro_Entrevista_A_Sociedade_Liquida_1263224949.pdf> Acesso em: 18 abr. 2013.

consequência disso, buscamos incansavelmente a atualização profissional e com o acúmulo de conhecimento, nos fechamos em nossas casas cada vez mais equipadas com sistemas de segurança de última geração, mas nem por isso somos capazes de nos propiciar alívio e conforto diante de nossos temores¹⁰⁴.

Para o autor a esperança de um maior controle e domínio sobre o mundo social e natural depositadas nos tempos modernos se esvaíram. No ambiente líquido-moderno, as incertezas, perigos e ameaças são uma constante. A era das redes sociais virtuais está resolvendo o problema quando facilita o contato com outros indivíduos, a partir da conexão de dados que nos permite a interação sem sairmos de casa. Com isso, o/a adolescente está cada vez mais isolado (a) em sua virtualidade.¹⁰⁵

O contato direto entre os indivíduos torna-se cada vez menos frequente e a necessidade de pertencer a um grupo de status ou evidência é uma necessidade da sociedade líquida e espetacular. A imagem passa a ser uma prioridade e sua manutenção uma necessidade. Sobre a Imagem, Rendeiro comenta:

Essa preocupação com o eu chama a nossa atenção para as novas formas de tratamento da imagem, novas formas de narrar sobre si, sugestivas de um indivíduo que trata a si mesmo como produto ou mercadoria, sujeito aos recursos do Photoshop, retocando e editando as imagens que “publica” de sua vida. No percurso dessa análise, buscamos um pouco mais, investigando as novas formas de diários íntimos, seguindo modelos confessionais, paradoxalmente expostos, diluindo as fronteiras entre público e privado. O que apreender desse fenômeno de comunicação? Que dispositivos de memória ele abriga? Que tipo de sociedade se configura nesse efervescente processo de transformação? Que sujeito se vislumbra nessa trajetória? De imediato podemos afirmar que as respostas para essas questões não cabem de modo integral no espaço de um artigo, mas, como já dissemos inicialmente, a ideia é estimular o contínuo processo de investigação, fomentando ainda mais a discussão e alimentando a fogueira provocante dos estudos que a sociedade demanda.¹⁰⁶

As características apresentadas a respeito dessa Sociedade Líquida que necessita permanentemente atuar como protagonista e não como espectador do Espetáculo Social, leva-nos a pensar sobre como o indivíduo moderno ou pós-

¹⁰⁴ BAUMAN, Zygmunt. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/4_Encontro_Entrevista_A_Sociidade_Liquida_1263224949.pdf> Acesso em: 18 abr. 2013.

¹⁰⁵ RIGO, Kate Fabiani. Curtir? Compartilhar? Comentar? Chorar? Ciberespaço e suas Manifestações sobre a Morte no Facebook a partir da Perspectiva da Imortalidade de Zygmunt Bauman. In: *Anais do Congresso Internacional da Faculdade EST*. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.460-476. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/viewFile/107/34>> Acesso em: 10 maio 2015.

¹⁰⁶RENDEIRO, 2011, p. 258.

moderno está lidando com as questões ligadas a sua finitude e o quanto essa preocupação ou a falta dela estão sendo compartilhadas no espaço virtual.

A morte foi transformada num espetáculo a ser compartilhado sem medo e sem culpa pelos usuários do *Facebook*, dando a devida ênfase aos adolescentes que passam horas de suas vidas atualizando seus *status* por meio de seus computadores, *tablets* ou celulares¹⁰⁷. No espaço virtual a morte foi maquiada e teve sua formalidade transformada em diversão e humor. Associa-se isso ao pensamento de Bauman que reflete sobre a banalização da morte na sociedade pós-moderna:

A morte próxima de casa é dissimulada, enquanto a morte como um transe humano universal, a morte dos anônimos e “generalizados” outros, é exibida espalhafatosamente, convertida num espetáculo de rua nunca findo que, não mais evento sagrado ou de carnaval, é apenas um dentre muitos dos acessórios da vida diária. Assim banalizada, a morte torna-se demasiado habitual para ser notada e excessivamente habitual para despertar emoções intensas. É a coisa “usual”, excessivamente comum para ser dramática e certamente demasiado comum para se ser dramático a respeito. Seu horror é exorcizado pela sua onipresença, tornando ausente pelo excesso de visibilidade, tornando ínfimo por ser ubíquo, silenciado pelo barulho ensurdecedor. E, enquanto a morte se desvanece e posteriormente desaparece pela banalização, assim também o investimento emocional e volitivo no anseio por sua derrota [...].¹⁰⁸

A derrota da morte na Sociedade Espetacular Líquida está presente em Páginas comunitária de cunho humorístico como *Morre que Passa*, esta possui 486.000 agregados. A Página se propõe a disponibilizar imagens ou situações engraçadas e coloca o desejo de morte alheia como uma solução para resolver questões de crise ou frustração. É válido analisar o quanto as relações entre vida e morte estão banalizadas e o quanto o peso do tema da morte pode ser disfarçado através do humor.



Figura 14¹⁰⁹

¹⁰⁷ RIGO, 2012.

¹⁰⁸ BAUMAN, 1998, p.199.

¹⁰⁹ Página Comunitária *Morre que Passa*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/morrequepassa2?fref=ts>> Acesso em: 21 abr. 2015.

Para um/uma adolescente do século XXI, desejar a morte alheia é algo comum não se pensando sobre a seriedade dessa expressão. A morte está distanciada e afastada do mundo real. Este distanciamento ocorre quando pais ou cuidadores de adolescentes, não deixam seus/suas filhos (as) acompanharem velórios e, em alguns casos mais extremos, omitem situações de morte no meio familiar, na esperança de proteger seus/suas filhos (as) de um futuro trauma. Contraditoriamente à ideia de proteção, os pais ou cuidadores não verificam e nem se preocupam com o que seus filhos compartilham ou postam nas redes sociais.

A completa desvalorização da morte, a anulação de todo sentido da mortalidade humana afeta a ordenação do imaginário da vida, servindo apenas para fortalecer e gerar sentimentos de desvalia, inutilidade e impotência nos indivíduos. [...]

A interdição da expressão da força simbólica da morte é, sempre, paradoxalmente, mortífera nas mentalidades. Quando a função transcendente da imaginação é bloqueada, a morte como conceito separado do não-vivo passa a dominar subjetividades e intersubjetividades, duplicando na mente o imaginário cultural da morte como estado inorgânico, o não-ser e o nada.¹¹⁰

O/A adolescente é retirado dos rituais de despedida, no caso de morte no meio familiar, mas não é retirado ou repreendido quando distribui mensagens de teor agressivo e egoísta, como no caso da próxima postagem, que deseja a morte alheia e demonstra o sentimento de individualidade e de fragilidade existente entre os laços humanos na Sociedade Líquida. Estas postagens estão disponibilizadas na Página Comunitária denominada de *A Morte* que possui 424.000 agregados e a temática da morte é apresentada a partir de um humor mais ácido.

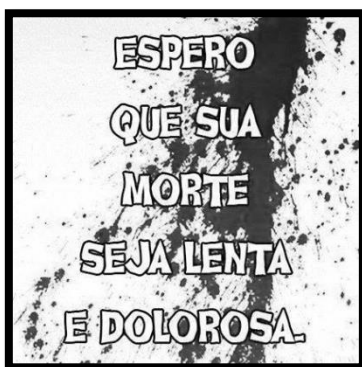


Figura 15¹¹¹

¹¹⁰ VERDADE, Marisa Moura. *Ecologia mental da morte: troca simbólica da alma com a morte*. São Paulo: Casa do Psicólogo: FASPEP, 2006. p.53.

¹¹¹ Página Comunitária A morte. Disponível em: <<https://www.facebook.com/curtiramorte/photos/pb.192255920884595.2207520000.1431012936./488376777939173/?type=3&theater>> Acesso em: 30 jan. 2014.

A morte para o/a adolescente é vista como algo ficcional, como aquilo que acontece apenas com os outros e não com ele/ela nem com os seus/suas amigos (as) ou familiares. O fato de desejar uma morte com sofrimento ao outro deveria ser investigado com maior atenção, uma vez que a agressividade é algo notável dentro do ambiente escolar, não somente em relação às agressões físicas, mas verbais.



Figura 16¹¹²

A banalização da Morte na sociedade pós-moderna, de acordo com o pensamento de Bauman, se aplica a dinâmica do *Facebook*, considerando que muitas Páginas Comunitárias com um número significativo de agregados relacionam a figura da morte com a comédia. Não há uma sensibilização em relação à finitude alheia e muito menos sobre a própria possibilidade da finitude. O indivíduo Líquido utiliza o recurso do humor para afastar a morte e o morrer de sua vida idealizada dentro do ambiente virtual.

As postagens compartilhadas por adolescentes no meio virtual apenas reforçaram a negação existente entre a morte e os/as adolescentes do século XXI. A temática da morte precisa ser trabalhada, em algum espaço frequentado por eles/elas, seja no ambiente escolar ou no ambiente religioso, considerando que as

¹¹² Página Comunitária A morte. Disponível em: <<https://www.facebook.com/curtiramorte/photos/pb.192255920884595.2207520000.1431011343./663386023771580/?type=3&theater>> Acesso em 15 maio 2013.

famílias não tratam deste assunto em casa e a internet não possibilita a reflexão sobre a importância de perceber-se finito. A figura da morte está sendo apresentada como algo ficcional ou sarcástico, logo, ela não o atinge nem o sensibiliza.

2.2. Estou morrendo por dentro, mas ninguém vê: “Comentando” a depressão juvenil nas páginas do Facebook

Em 2014 a Organização Mundial de Saúde¹¹³ divulgou um relatório sobre a adolescência e os fatores que levavam à morte prematura dos mesmos. O impacto deste relatório foi divulgado na imprensa internacional e nacional. A escolha por inserir integralmente um artigo publicado numa revista de grande circulação nacional, como a *Veja*, relaciona-se ao interesse de verificar como o tema é tratado fora da comunidade acadêmica:

A depressão é a principal causa de doença e de inaptidão entre os adolescentes com idades entre 10 e 19 anos, anunciou a Organização Mundial da Saúde (OMS). O documento divulgado pelo órgão destaca que os três principais motivos de morte no mundo nesta faixa de idade são "os acidentes de trânsito, a Aids e o suicídio".

Em 2012, 1,3 milhão de adolescentes morreram no mundo. Esta é a primeira vez que a OMS publica um relatório completo sobre os problemas de saúde dos adolescentes. Para elaborar o documento, a organização utilizou os dados fornecidos por 109 países. Os problemas nesta faixa de idade estão relacionados, com o cigarro, o consumo de drogas e bebidas alcoólicas, a Aids, os transtornos mentais, a nutrição, a sexualidade e a violência. "O mundo não dedica atenção suficiente à saúde dos adolescentes", declarou a médica Flavia Bustreo, subdiretora geral para a saúde das mulheres e das crianças na OMS.¹¹⁴

A informação apresentada pela revista é sucinta e informativa, bem como se espera de uma reportagem para o público em geral. Também ilustra o tema a partir de imagens e de breves descrições de oito sintomas da depressão que devem soar como sinais de alerta na adolescência.

¹¹³ Organização Mundial de Saúde. Disponível em: <<http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2014/focus-adolescent-health/en/>> Acesso em: 03 mar. 2015.

¹¹⁴ Revista VEJA. *Depressão é a doença mais frequente na adolescência, segundo OMS*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/oms-adverte-que-depressao-e-a-doenca-mais-frequente-na-adolescencia/>> Acesso em: 03 mar. 2015.

Figura 17¹¹⁵

O primeiro sintoma ilustrado pela revista estava atrelado a alteração de humor. A descrição deste sintoma foi realizada pelo Psiquiatra Rodrigo Leite, do Instituto de Psiquiatria da USP:

O principal sintoma da depressão é o humor deprimido, que pode envolver sentimentos como tristeza, indiferença e desânimo. Todos esses sentimentos são naturais do ser humano e nem sempre são sinônimo de depressão, mas, se somados a outros sintomas da doença e persistirem na maior parte do dia por ao menos duas semanas, podem configurar um quadro de depressão clínica. “O humor deprimido faz com que a pessoa passe a enxergar o mundo e a si mesma de forma negativa e infeliz. Mesmo se acontece algo de bom em sua vida, ela vai dar mais atenção ao aspecto ruim do evento. Com isso, o paciente tende a se sentir incapaz e sua autoestima diminui”.¹¹⁶

O segundo sintoma, apresentado pela revista foi o desinteresse por coisas prazerosas.

¹¹⁵ Revista VEJA. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/oms-adverte-que-depressao-e-a-doenca-mais-frequente-na-adolescencia/>> Acesso em: 03 mar. 2015.

¹¹⁶ Revista VEJA. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/oms-adverte-que-depressao-e-a-doenca-mais-frequente-na-adolescencia/>> Acesso em: 03 mar. 2015.

Figura 18¹¹⁷

De acordo com o Psiquiatra Rodrigo Leite:

Perder o interesse por atividades que antes eram prazerosas é outro sintoma importante da depressão. O desinteresse pode acontecer em diferentes aspectos da vida do indivíduo, como no âmbito familiar, profissional e sexual, além de atividades de lazer, por exemplo. “O paciente também pode abrir mão de projetos por achar que eles já não valem mais o esforço, deixar de conquistar novos objetivos ou de aproveitar oportunidades que podem surgir em sua vida”¹¹⁸

O terceiro sintoma elencado foi os problemas com o sono.

Figura 19¹¹⁹

¹¹⁷ Revista VEJA. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/oms-adverte-que-depressao-e-a-doenca-mais-frequente-na-adolescencia/>> Acesso em: 03 mar. 2015.

¹¹⁸ Revista VEJA. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/oms-adverte-que-depressao-e-a-doenca-mais-frequente-na-adolescencia/>> Acesso em: 03 mar. 2015.

¹¹⁹ Revista VEJA. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/oms-adverte-que-depressao-e-a-doenca-mais-frequente-na-adolescencia/>> Acesso em: 03 mar. 2015.

De acordo com a revista:

Pessoas com depressão podem passar a dormir durante mais ou menos tempo do que o de costume. É comum que apresentem problemas como acordar no meio da noite e ter dificuldade para voltar a dormir ou sonolência excessiva durante a noite ou o dia.¹²⁰

O quarto sintoma estaria associado à mudança no apetite.



Figura 20¹²¹

A revista descreve o sintoma da seguinte forma:

Pessoas com depressão podem apresentar uma perda ou aumento do apetite — passando a consumir muito açúcar ou carboidrato, por exemplo. Segundo o psiquiatra Rodrigo Leite, não está claro o motivo pelo qual isso acontece, mas sabe-se que, somado a outros sintomas da doença, a alteração do apetite que persiste por no mínimo duas semanas aumenta as chances de um paciente ser diagnosticado com depressão.¹²²

Como quinto sintoma da depressão a revista menciona a alteração no peso.

¹²⁰ Revista VEJA. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/oms-adverte-que-depressao-e-a-doenca-mais-frequente-na-adolescencia/>> Acesso em: 03 mar. 2015.

¹²¹ Revista VEJA. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/oms-adverte-que-depressao-e-a-doenca-mais-frequente-na-adolescencia/>> Acesso em: 03 mar. 2015.

¹²² Revista VEJA. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/oms-adverte-que-depressao-e-a-doenca-mais-frequente-na-adolescencia/>> Acesso em: 03 mar. 2015.

Figura 21¹²³

De acordo com a revista: Mudanças significativas de peso pode ser uma consequência da alteração do apetite provocada pela depressão — por isso, são consideradas como um dos sintomas da doença.¹²⁴

A falta de concentração foi apontada como o sexto sintoma como alerta de diagnóstico da depressão.

Figura 22¹²⁵

A revista apresenta a falta de concentração como um indicativo para a depressão. A afirmativa levantada pela reportagem é endossada pela Psiquiatra Mara Maranhão, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp):

¹²³ Revista VEJA. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/oms-adverte-que-depressao-e-a-doenca-mais-frequente-na-adolescencia/>> Acesso em: 03 mar. 2015.

¹²⁴ Revista VEJA. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/oms-adverte-que-depressao-e-a-doenca-mais-frequente-na-adolescencia/>> Acesso em: 03 mar. 2015.

¹²⁵ Revista VEJA. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/oms-adverte-que-depressao-e-a-doenca-mais-frequente-na-adolescencia/>> Acesso em: 03 mar. 2015.

Em muitos casos, a depressão também pode prejudicar a capacidade de concentração, raciocínio e tomada de decisões. Com isso, o indivíduo perde o rendimento no trabalho ou nos estudos. Segundo a psiquiatra Mara Maranhão, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), a depressão pode impedir que o paciente trabalhe ou estude, ou então faz com que ele precise se esforçar muito para conseguir concluir determinada atividade.

O penúltimo item mencionado pela reportagem aponta o cansaço como sintoma da depressão.

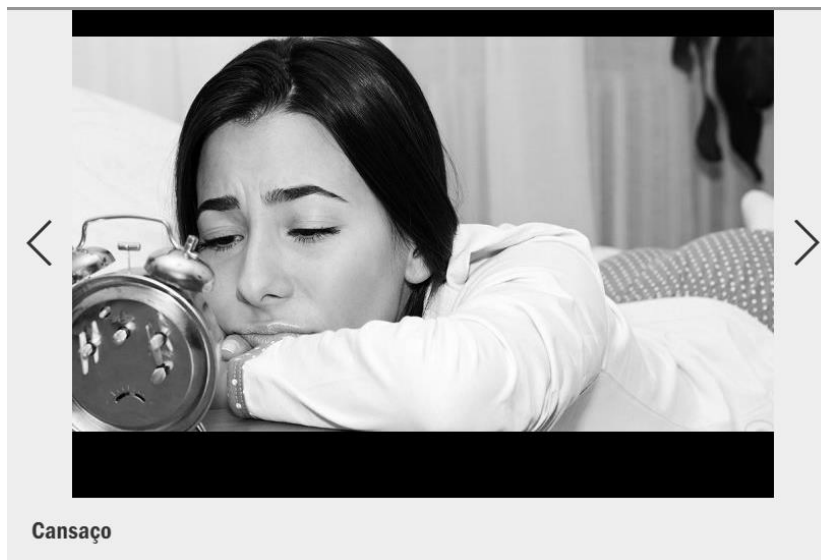


Figura 23¹²⁶

Para a descrição deste item, a reportagem recorre ao Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5):

Diminuição de energia, cansaço frequente e fadiga são comuns em pessoas com depressão, mesmo quando elas não realizaram esforço físico. "O indivíduo pode queixar-se, por exemplo, de que se lavar e se vestir pela manhã é algo exaustivo e pode levar o dobro do tempo habitual", segundo o capítulo sobre depressão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), feito pela Associação Americana de Psiquiatria.¹²⁷

Por fim, o último sintoma ilustrado e apresentado pela reportagem relaciona-se aos pensamentos recorrentes sobre a morte.

¹²⁶ Revista VEJA. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/oms-adverte-que-depressao-e-a-doenca-mais-frequente-na-adolescencia/>> Acesso em: 03 mar. 2015.

¹²⁷ Revista VEJA. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/oms-adverte-que-depressao-e-a-doenca-mais-frequente-na-adolescencia/>> Acesso em: 03 mar. 2015.

Figura 24¹²⁸

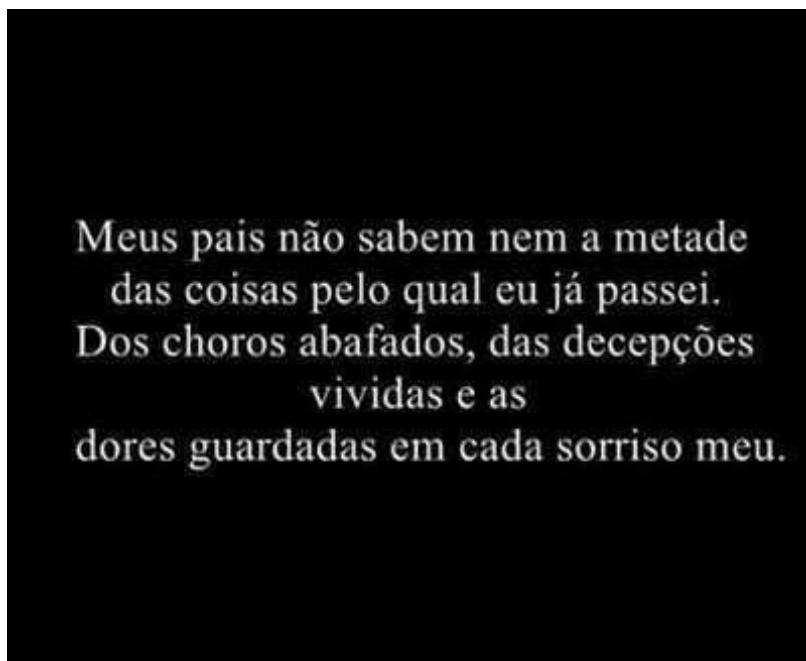
Para a descrição deste sintoma, a reportagem recorre mais uma vez ao Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais (DMS-5).

Em casos mais graves, pessoas com depressão podem apresentar pensamentos recorrentes sobre morte, ideação suicida ou até tentativas de suicídio. A frequência e intensidade dessas ideias podem mudar de acordo com cada paciente. "As motivações para o suicídio podem incluir desejo de desistir diante de um obstáculo tido como insuperável ou intenso desejo de acabar com um estado emocional muito doloroso", de acordo com o DSM-5.¹²⁹

Posto isto, a reportagem não se preocupou em estabelecer um comparativo didático entre o desenvolvimento da adolescência e o desenvolvimento da depressão na adolescência. Em nenhum momento a reportagem ressaltou a necessidade do diagnóstico ser estabelecido por profissionais da área da psicologia e/ou da psiquiatria. Também não foi apresentado nenhum tipo de sugestão como um simples: converse com seu/sua filho (a). Além disso, a reportagem não colocou nenhuma imagem de identificação com o/a adolescente, mas de jovens adultos. Por fim, a reportagem não aborda que nem todo/toda adolescente deprimido (a) deixa transparecer estes sintomas para seus familiares e amigos, como se pode notar neste post:

¹²⁸ Revista VEJA. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/oms-adverte-que-depressao-e-a-doenca-mais-frequente-na-adolescencia/>> Acesso em: 03 mar. 2015.

¹²⁹ Revista VEJA. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/oms-adverte-que-depressao-e-a-doenca-mais-frequente-na-adolescencia/>> Acesso em: 03 mar. 2015.

Figura 25¹³⁰

A depressão é um tema recorrente nos meios de comunicação, nos núcleos familiares, nas instituições de ensino e nas Páginas do *Facebook*. Com o intuito de contrapor as imagens apresentadas pela revista, foram selecionadas algumas postagens e post publicados no *Facebook* por adolescentes. A ideia de realizar esta contraposição é de dar voz a eles/elas. A partir de suas postagens é possível averiguar como ele/ela percebe o desânimo, o sono, a mudança no apetite, a falta de concentração, o cansaço e, em especial, os pensamentos sobre morte.

Para isso, os próximos dois itens deste capítulo serão dedicados a apresentar como o/a adolescente virtualizado (a) está compartilhando o comportamento autolesivo e a ideação suicida nas Páginas do *Facebook*.

2.3. Pulsos que choram: “*Curtindo*” o comportamento autolesivo nas Páginas do *Facebook*

Ser bonito (a), ser inteligente, ser responsável, ter bom desempenho na escola, ser popular, estar sempre conectado (a), atualizar constantemente o perfil das redes sociais, ter sucesso, ser bom/boa filho (a). Estas são algumas das pressões vividas diariamente pelos/pelas adolescentes nesta era da virtualização.

¹³⁰ Página Comunitária *Uma Alma depressiva*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/umaalmadepressiva/photos/a.704678742908198.1073741829.639966429379430/840895772619827/?type=1&theater>> Acesso em: 17 jan.2015.

De acordo com muitos adultos, que parecem ter esquecido suas próprias adolescências, esta seria a mais bela das fases da vida¹³¹, no entanto, o/a adolescente do século XXI compartilha e define a adolescência da seguinte forma:

ADOLESCENCIA	
Expectativa	Realidade
Muitos amigos, sair de casa, primeiro beijo, passar a noite sob as estrelas, chorar nos ombro da melhor amiga, se aventurar, sair da cidade, namorar, acampamentos de férias, contar segredos, sentir o que é se apaixonar pela primeira vez, viagens, festas, dirigir, se perder, infinitas risadas, os melhores anos da vida.	Se sentir sozinho, ficar estudando desesperadamente para a prova de matemática, madrugar, cansaço, escola todo dia e fazer tarefas toda noite, stress, tentar entrar para a faculdade, star preso em uma cidade que você odeia, sentir que ninguém te ama, chorar com frequência, esperar que venham dias melhores.

Figura 26¹³²

Ser adolescente no século XXI parece ser mais complicado do que ter sido adolescente no século XX. Antes era necessário manter e moldar apenas um perfil identitário, no entanto, hoje é preciso definir a identidade na vida real e atualizar constantemente as múltiplas identidades do espaço virtual.

Além de toda essa pressão externa, o mesmo deve aprender a conviver com as mudanças de um novo corpo e com a construção de uma nova identidade:

O adolescente sente-se enredado em um corpo que não é seu, mesmo que pertença a ele, preso em um corpo rebelde que fracassa incorporar como o seu próprio. Ele se sente errado, desajeitado, ridículo e feio, sente-se outro, sem conseguir esclarecer quem é. Em completa metamorfose, não reconhece mais o que fora outrora, na relativa euforia da infância, quando seus pais ainda tinham respostas para tudo e quando ele não tinha nenhuma dúvida assustadora para enfrentar. Ele ainda não se reconhece em seu rosto de homem ou de mulher, e esse momento de passagem é lacerado por dúvidas, desconforto, assombrado pelo medo do jovem de

¹³¹ De acordo com uma idealização da adolescência a partir da perspectiva de Contardo Calligaris. Para saber mais: CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2011.

¹³² Página Comunitária *Psicopatas anônimos*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=551394068251498&set=pb.314187328638841.2207520000.1374195935.&type=3&theater>> Acesso em: 17 jan. 2015.

nunca se encontrar, nunca preencher de sentido o abismo, entre ele e ele mesmo, que se abriu bruscamente.¹³³

O/A adolescente sabe que passará por processos de mudança e que todos em sua volta irão notar ou os lembrar disso. As mudanças são inevitáveis e tudo parece fugir de seu controle. O/A adolescente acaba vivendo diariamente com o caos corporal, comportamental e emocional.

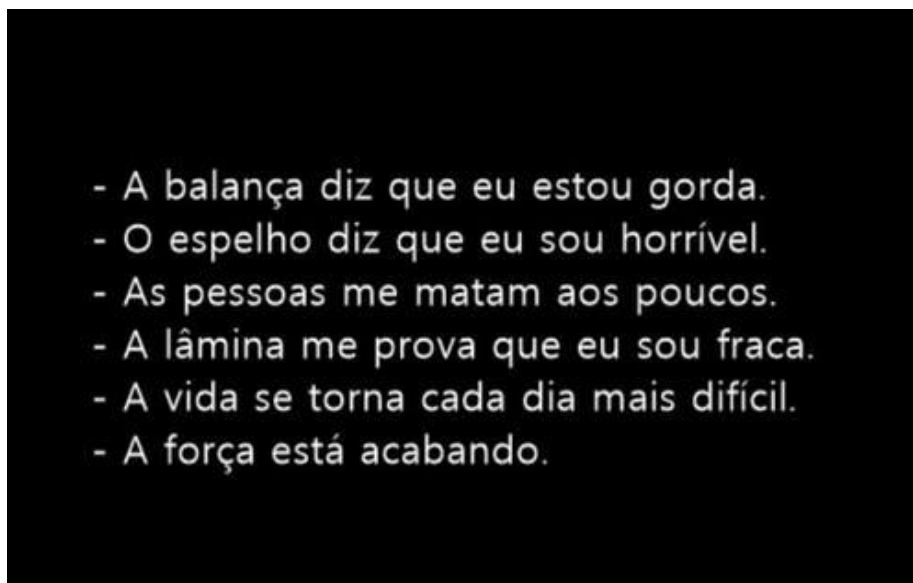


Figura 27¹³⁴

Sem uma família presente ou uma escola atenta, ele/ela passa a sentir-se sozinho (a) e abandonado (a) em meio a esta tormenta emocional, o que o/a impulsiona a expressar sua angústia na prática do comportamento autolesivo:

O jovem exterioriza alguma coisa de seu caos interior a fim de vê-la mais claramente, ele reproduz um ato uma possibilidade de dizer as coisas ou de transformá-las. Onde as palavras faltam, o corpo fala, não para se perder, mas para encontrar marcas, restaurar uma fronteira coerente e propícia em relação ao mundo exterior. As palavras são, por vezes, muito impotentes frente à força dos significados ligados aos eventos, e a passagem pelo corpo se torna, então, a única opção. Esses comportamentos são tentativas de controlar um universo interior que ainda escapa e de elaborar uma relação menos confusa entre o eu e o outro em si mesmo. Formas paradoxais de comunicação, se eles não refletem um pensamento consciente e finalizado, tampouco representam uma atividade instantânea de pensamento. Perante os ataques da angústia e do sofrimento, é preciso sair de si, chocar-se ao mundo para cortar rente o afeto.¹³⁵

¹³³ BRETON, David Le. Escarificações na Adolescência: Uma abordagem antropológica. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 16, n.33, p.25-40, jan/jun.2010. p. 26-27.

¹³⁴ Página Comunitária *Uma Alma Depressiva*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/umaalmadepressiva/photos/a.704678742908198.1073741829.639966429379430/765671836808888/?type=1&theater>>. Acesso: 17 jan. 2015.

¹³⁵ BRETON, 2010, p.27-28.

A falta de oportunizar espaços de comunicação e o exercício da expressão no ambiente escolar faz com que o/a adolescente encontre na lâmina a resposta para o alívio de sua dor emocional, como ilustrado nesta postagem:

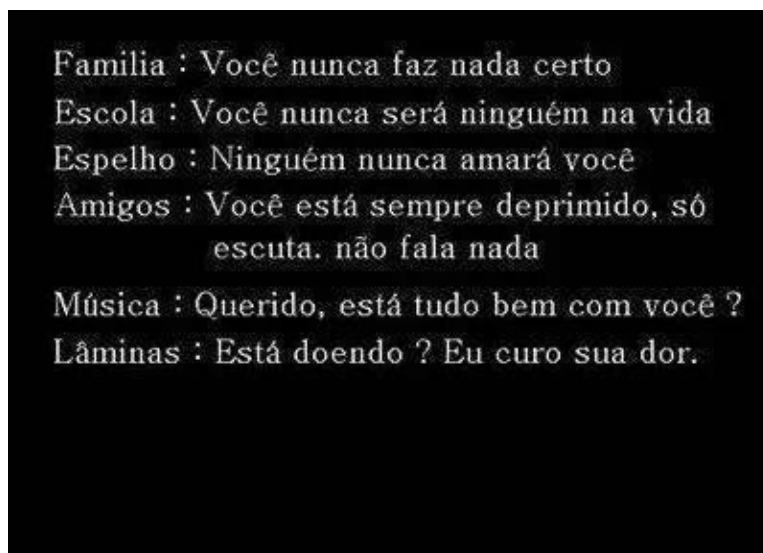


Figura 28¹³⁶

A postagem expressa sentimentos de pressão, abandono, insegurança e de solidão. São pessoas que sofrem caladas e sentem-se rejeitadas por seus tutores e pares. O corte na carne e o sangue escorrendo são elementos que aliviam a pressão emocional vivida pelo/pela adolescente. Nem sempre o comportamento autolesivo está associado à intenção direta de morte, no entanto, se não houver uma intervenção profissional, a prática autolesiva pode evoluir para uma ideação suicida.

¹³⁶ Página Comunitária *A menina dos pulsos cortados*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/AMeninaPulsos/photos/a.911153095577373.1073741827.911148005577882/927873597238656/?type=1&theater>> Acesso em: 10 jan. 2015.

SABE AQUELA GAROTA QUE TEM O BRAÇO CHEIO DE PULSEIRAS ESTRANHAS? ENTÃO, ELA AS USA PRA ESCONDER OS CORTES, SABE AQUELA GAROTA QUE ENCHE A CARA DE MAQUIAGEM? ELA É DEPRESSIVA, E PRECISA SE SENTIR BONITA, SABE AQUELA GAROTA QUE FICA QUIETA O TEMPO TODO SEM FALAR NADA? ELA TEM TRAUMAS DE INFÂNCIA POR ISSO NÃO GOSTA MUITO DE INTERAGIR, SABE AQUELA GAROTA QUE É METIDA E ESMOBA OS DEMAIS? ENTÃO, OS PAIS DELA NÃO LIGAM PRA ELA, NUNCA DERAM AMOR, POR ISSO ELA SÓ LIGA PRA DINHEIRO, SABE AQUELA GAROTA QUE VIVE RINDO SEM MOTIVOS? ELA CHORA TODAS AS NOITES POR NÃO TER A ATENÇÃO QUE MERECE, SABE AQUELA MENINA FRIA QUE DA FORA EM TODOS E PARECE NÃO TER SENTIMENTOS? O CORAÇÃO DELA JÁ FOI MACHUCADO MUITAS VEZES E TEM MILHÕES DE CICATRIZES, ENTÃO ANTES DE JULGAR ALGUÉM QUE VOCÊ NÃO CONHEÇA, PROCURE SE INFORMAR UM POUCO MAIS SOBRE ELA(E).

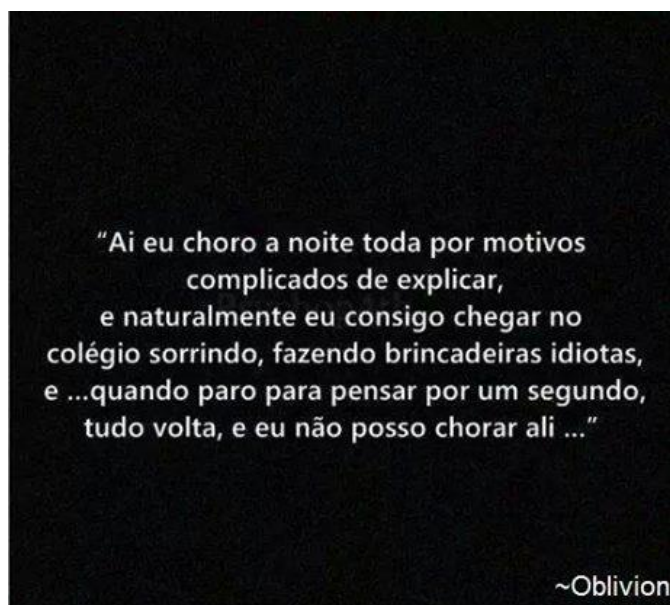
Figura 29¹³⁷

O *post* denuncia os artifícios utilizados por estes/estas adolescentes que estão passando por um sofrimento emocional e o quanto eles/elas desejam ser acolhidos e não julgados por seus pares e familiares.

Marta Brás e José Carlos Santos desenvolveram um trabalho sobre a importância da escola na prevenção da ideação suicida entre adolescentes. Para ambos “a escola é o local privilegiado, lógico e natural para desenvolver programas de prevenção do suicídio nos jovens por várias razões”.¹³⁸

¹³⁷ Página Comunitária *Auto-mutilação um beco sem saída*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/573052846090412/photos/a.626278854101144.1073741829.573052846090412/824208534308174/?type=1&theater>> Acesso em: 10 jan. 2015.

¹³⁸ BRÁS, Marta; SANTOS, José Carlos. Prevenção do suicídio em meio escolar. In: SARAIVA, Carlos Braz; PEIXOTO, Bessa; SAMPAIO, Daniel. *Suicídio e Comportamentos Autolesivos*. Lisboa: Lidel. 2014.

Figura 30¹³⁹

A escola é um espaço de sociabilização e desenvolvimento cognitivo e emocional do/da adolescente. As justificativas apresentadas pelos pesquisadores citados podem ser adaptadas para diminuir o comportamento autolesivo praticado por adolescentes em idade escolar.

- A maioria dos adolescentes frequenta a escola, sendo que é neste local que passa grande parte dos seus dias.
- Vários agentes educativos (por exemplo, professores, auxiliares de educação) e os pares, se forem devidamente informados, poderão identificar mudanças de comportamento, atitudes e sinais de alarme para o risco de suicídio.
- As escolas são os locais “onde ensinar e aprender são tarefas normativas e onde as interações com os pares podem ser mobilizadas em torno de um tema comum”, o que torna propícia a prestação de informação e discussão de temáticas importantes, como é o caso dos comportamentos suicidas. As escolas têm também a facilidade em prestar formação aos professores, em envolver os pais nas atividades educativas e em colaborar com os serviços de saúde. Assim, o desenvolvimento de estratégias de prevenção em contexto escolar representa uma utilização proficiente dos recursos escolares em termos de custo-eficácia.¹⁴⁰

Em setembro de 2014, o jornal o Globo reservou um espaço para denunciar o aumento do comportamento autolesivo entre adolescentes em idade escolar:

Nessa idade, a pessoa não tem a personalidade formada e assume um comportamento de grupo altamente perigoso. As redes sociais são multiplicadores, o principal combustível, e (a automutilação) está se tornando uma epidemia. É uma maneira de lidar de forma impulsiva e destrutiva com frustrações e ansiedades. Tenho visto cada vez mais casos

¹³⁹ Página Comunitária † Suicida †. Disponível em: <<https://www.facebook.com/717371361648982/photos/a.717397708313014.1073741828.717371361648982/811295872256530/?type=1&theater>> Acesso em: 09 jan. 2015.

¹⁴⁰ BRÁS, 2014, p. 485-486.

na pré-adolescência. É assustador — diz Campos Pinto. — Estudos de condução nervosa sugerem que, quando há uma sensação de frustração, o corte alivia a dor psíquica. Há um alívio imediato, mas, quando passa, vem uma sensação de vergonha, de arrependimento, de ser descoberto no seu ato.¹⁴¹

O problema está sendo alertado na mídia informativa e anunciado nas redes sociais. Os gritos de dor e de socorro não podem mais ser abafados, cabendo ao microsistema (família, escola e entidades religiosas) pensar em conjunto. Os profissionais da saúde precisam promover novas estratégias de ação que auxilie o resgate emocional deste/desta adolescente que clama por socorro nas redes sociais e nos banheiros de suas escolas.

2.3.1. Adolescentes que sofrem e Páginas que sangram

Todos os dias milhares de jovens recebem em suas *timeline* atualizações de dor e novas instruções de como enfrentar suas angústias por meio de um corte ou na organização de sua própria morte. As redes sociais são usadas para abrir espaço e denunciar problemas que muitas vezes são abafados pelas escolas e ignorados nos lares dos/das adolescentes, como no caso do comportamento autolesivo e da ideação suicida juvenil. De acordo com Roque:

A influência da internet no comportamento suicida não é tão bem compreendido, embora seja uma fonte de informação cada vez mais popular, especialmente entre as pessoas que enfrentam assuntos sensíveis, como a sua saúde mental, e têm surgido preocupações acerca de páginas da internet que promovem os comportamentos suicidas.¹⁴²

A adolescência é um período em que as mudanças corporais assustam e os embates com os adultos são diários, a necessidade de ser e de estar integrado a um grupo é vital. A intensidade das relações causa danos que parecem eternos. Para um/uma adolescente, entender todas as modificações que o abraçam sem permissão prévia, é tão complicado que, ele/ela mesmo (a) não consegue acompanhar e processar tudo que está acontecendo em sua volta. Esse sentimento de desestabilização faz com que não consiga expressar o seu caos particular em palavras, mas em ações:

¹⁴¹ NETO, Lauro. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/sociedade/saude/pratica-de-automutilacao-entre-adolescentes-se-dissemina-na-internet-preocupa-pais-escolas-14050535#ixzz3QVPpo6RH>>. Acesso: 30 out. 2014.

¹⁴² ROQUE, Marta. Internet. In: SAMPAIO, Daniel. *Suicídio e Comportamentos Autolesivos: dos conceitos à prática clínica*. Lisboa: Lidel, 2014, p.518.

O jovem exterioriza alguma coisa de seu caos interior a fim de vê-la mais claramente, ele reproduz em ato uma impossibilidade de dizer as coisas ou de claramente, ele reproduz em ato uma impossibilidade de dizer as coisas ou de transformá-las. Onde as palavras falham, o corpo fala, não para se perder, mas para encontrar marcas, restaurar uma fronteira coerente e propícia em relação ao mundo exterior. As palavras são, por vezes, muito impotentes frente à força dos significados ligados aos eventos, e a passagem pelo corpo se torna, então, a única opção. Esses comportamentos são tentativas de controlar um universo interior que ainda escapa e de elaborar uma relação menos confusa entre o eu e o outro em si mesmo. Forma paradoxais de comunicação, se eles não refletem um pensamento consciente e finalizado, tampouco representam uma atividade instantânea de pensamento. Perante os ataques da angústia e do sofrimento, é preciso sair de si, chocar-se ao mundo para cortar rente o afeto.¹⁴³

O comportamento autolesivo nem sempre significa ter a intenção de morte, mas se não diagnosticado ou tratado adequadamente pode evoluir para um quadro de ideação suicida e para o suicídio em si.

[...] comportamentos que não revelam intencionalidade de morte, nomeadamente os comportamentos de automutilação, que se associam a elevada ansiedade, tensão, raiva e zanga, contidas e tranquilizadas através do comportamento autolesivo. Este alívio incita o indivíduo a repetir o gesto mesmo quando, após a autolesão, sente culpa e /ou vergonha. Estes comportamentos representam um mecanismo de *coping*¹⁴⁴, ainda que destrutivo, utilizado para fazer face à sua falência de recursos e estratégias de resolução de problemas, bem como às suas dificuldades na regulação dos afetos.¹⁴⁵

Sem lugares ou pessoas disponíveis para a escuta, o/a adolescente percebeu que, por meio do espaço virtual e das redes sociais, ele/ela pode expor e compartilhar suas dores com outros/outras adolescentes que passam pela mesma aflição e angústia.

No cenário da desacomodação, o adolescente vê-se muitas vezes frente à exigência de processar psiquicamente um excesso que ora invade desde fora e ora o ataca desde dentro. Mesmo não contando mais com os recursos da onipotência infantil, as ferramentas que o jovem usa parecem, por vezes, terem sido forjadas deste mesmo material. No corpo, o excesso encontra formas de descarga, mas não necessariamente formas de elaboração. Na tentativa de evitar se deparar com a própria dor psíquica, utiliza condutas que chocam, atemorizam e paralisam, deixando a cargo do outro o que evita reconhecer ou tem dificuldade de elaborar em si mesmo.¹⁴⁶

¹⁴³ BRETON, 2010, p.27-28.

¹⁴⁴ O termo é utilizado na psicologia para definir o conjunto de estratégias utilizadas pelas pessoas para adaptarem-se a circunstâncias adversas.

¹⁴⁵ CRUZ, Diana; SAMPAIO, Daniel. Psicoterapias nos comportamentos autolesivos. In: SARAIVA, Carlos Braz; PEIXOTO, Bessa; SAMPAIO, Daniel. *Suicídio e Comportamentos Autolesivos*. Lisboa: Lidel. 2014. p.159-160.

¹⁴⁶ MACEDO, Monica; GOBBI, Adriana e WASCHBURGER, Evelise. O corpo na Adolescência: território de enlases e desenlaces. In: MACEDO, Monica e GOBBI, Adriana. *Adolescência e psicanálise: intersecções possíveis*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p.136.

O estudo foi realizado a partir da pesquisa etnográfica virtual não participante, com monitoramentos realizados nos meses de setembro, novembro e dezembro de 2014¹⁴⁷. Estes monitoramentos foram realizados a fim de acompanhar a evolução estatística de quatro Páginas no que se refere ao número de curtidores. Também foi ponto de seleção e de exclusão da pesquisa a faixa etária dos curtidores. A pesquisa só acompanhou Páginas com seguidores de 13 aos 17 anos de idade.

O primeiro gráfico apresenta de forma geral as Páginas catalogadas durante o monitoramento. A sua categorização foi realizada a partir das Páginas que apoiavam a extinção do comportamento autolesivo ou suicida, e das Páginas que incentivam a prática do comportamento autolesivo e a ideação suicida entre adolescentes.

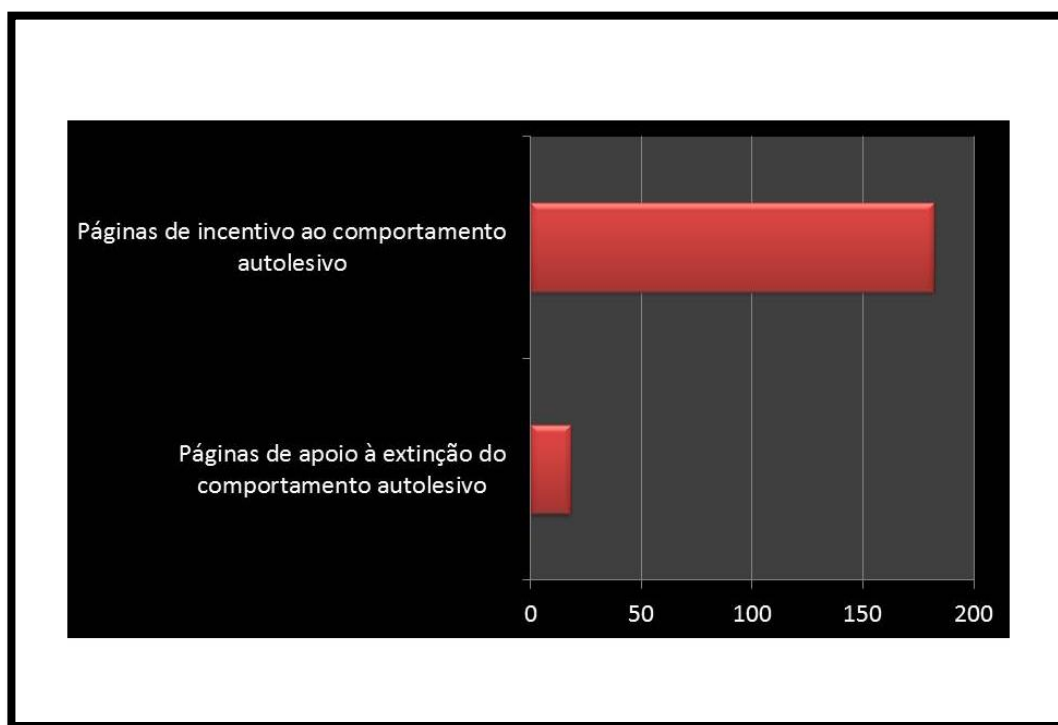


Gráfico 1¹⁴⁸

¹⁴⁷ A pesquisa iniciou o monitoramento das páginas em setembro de 2013. No entanto, a partir de setembro de 2014 surgiram as Páginas de apoio ao combate do comportamento autolesivo, assim, os dados comparativos apresentados neste item se referem a seis Páginas, que foram selecionadas por estarem dentro da faixa etária estabelecida inicialmente e por serem as Páginas com o maior número de agregados. Assim, o padrão comparativo se deu entre as três mais populares que incentivam o comportamento autolesivo e as três mais populares que apoiavam a extinção do comportamento autolesivos entre adolescentes.

¹⁴⁸ Gráfico produzido pela autora e tendo como base as 200 páginas catalogadas durante a pesquisa etnográfica virtual.

O gráfico mostra que o número de Páginas dedicadas ao incentivo do comportamento lesivo é potencialmente maior do que as que se propõe a auxiliar a extinção do mesmo. Confirma-se a constatação se observam os gráficos relativos ao número de integrantes das três Páginas mais populares¹⁴⁹ entre as pesquisadas e monitoradas.

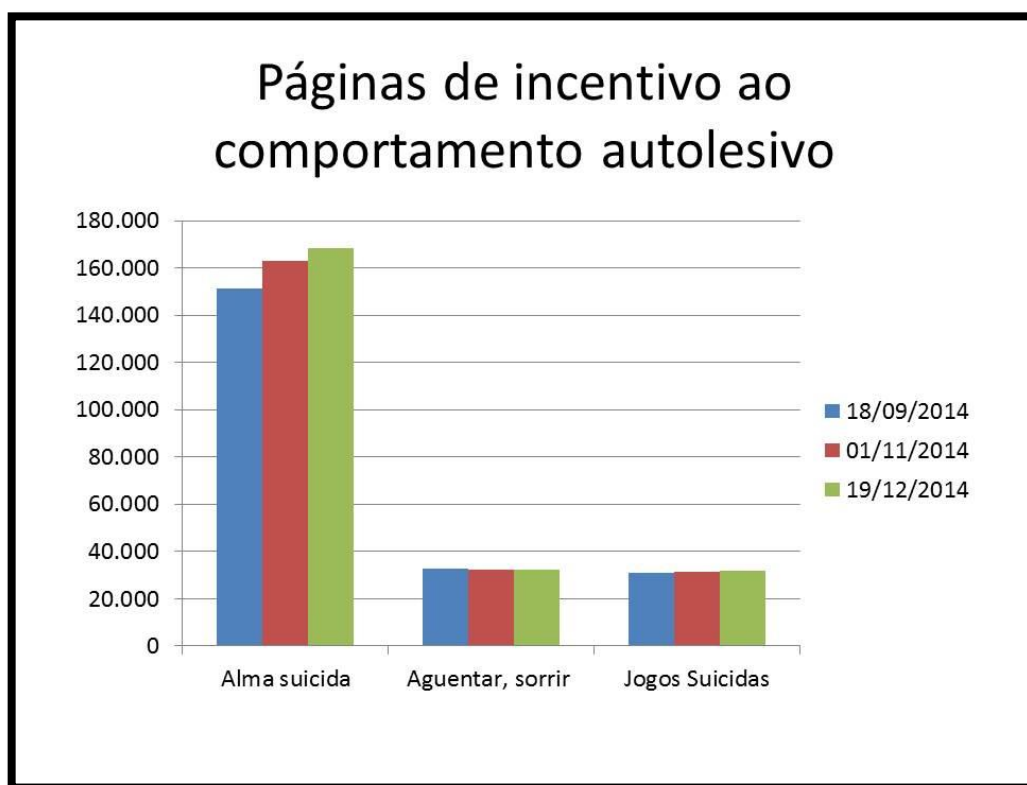


Gráfico 2¹⁵⁰

A Página *Alma Suicida*¹⁵¹ é a com o maior número de agregados. Em setembro a Página possuía 151.469 integrantes, em novembro este número passou para 163.257, e em dezembro de 2014 já contava com 168.491 curtidores. Já as Páginas *Aguentar, sorrir e disfarçar* e *Jogos Suicidas* ficaram na média de 32.574 integrantes em novembro, 32.528 em novembro, e em dezembro do mesmo ano

¹⁴⁹ O termo popular está atrelado ao sentido quantitativo, ou seja, com o maior número de agregados.

¹⁵⁰ Recorte de análise realizado a partir dos monitoramentos de setembro, novembro e dezembro de 2014. Foi necessário realizar o recorte, uma vez que serão analisados, no mesmo período, os Gráficos das Páginas que auxiliam a extinção comportamento autolesivo.

¹⁵¹ Página Comunitária *Alma Suicida*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/almasuicida.oficial?ref=profile>> Acesso em: 19 dez. 2014.

32.482¹⁵² adolescentes recebendo diariamente em seus *feeds* de atualizações postagens como esta:

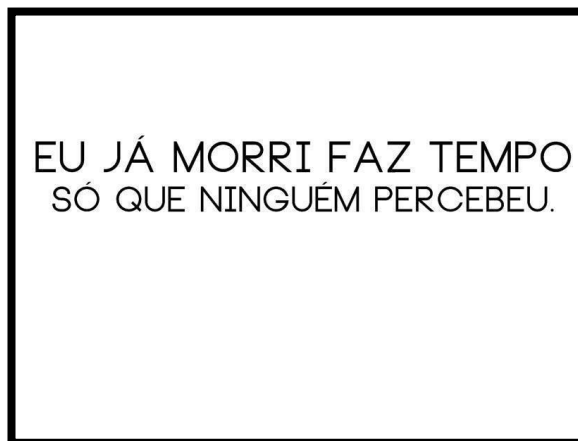


Figura 31¹⁵³

Durante os monitoramentos, foi notado que as Páginas pró-comportamento autolesivo carregam suas atualizações com *posts* depressivos e com imagens explícitas dos cortes, além de haver poucos ou nenhum *posts* de cunho religioso:



Figura 32¹⁵⁴

¹⁵² Mesmo considerando que a segunda e terceira Página tiveram a perda de 46 integrantes, a primeira Página recupera esta perda agregando 5.234 novos curtidores entre novembro e dezembro.

¹⁵³ Página Comunitária *Sorrir, aguentar e disfarçar*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/AguentarSorrirEDisfarçar/photos/pb.624712790878475.2207520000.1431386734.814024175280668/?type=3&theater>> Acesso em: 19 dez. 2014.

¹⁵⁴ Página Comunitária *Jogos Suicidas*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pagejogossuicidas.com.br/photos/pb.228912397232692.-2207520000.1431387162.263856870404911/?type=3&theater>> Acesso em: 19 dez. 2014.

A maioria dos *posts* compartilhados por estas Páginas estão associados ao sentimento de abandono, desamparo e de dor emocional. O próximo gráfico segue a mesma lógica da primeira, e apresenta o número total de agregados das três principais Páginas que apoiam a extinção do comportamento autolesivo ou a ideação suicida entre os/as adolescentes com idade popular entre 13-17 anos de idade.

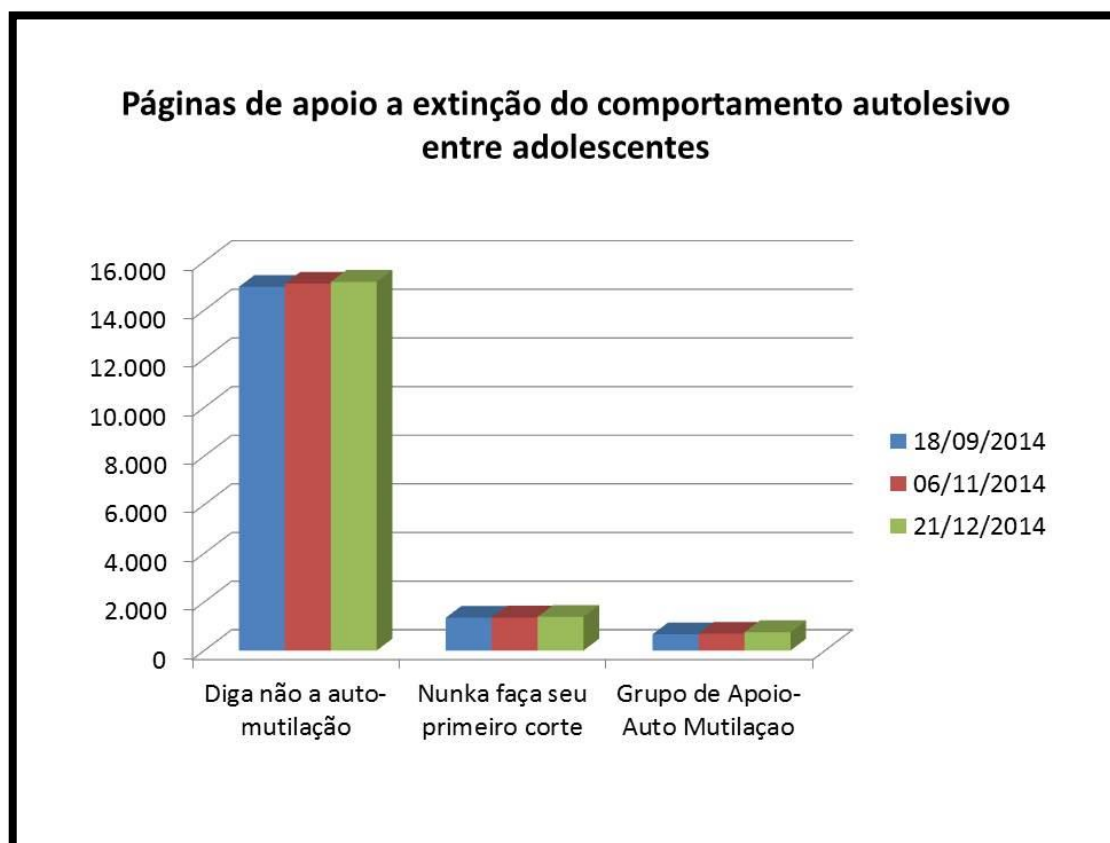


Gráfico 3¹⁵⁵

Neste gráfico percebe-se a discrepância existente entre o número de agregados de uma categoria para a outra. A Página *Diga não a auto-mutilação*¹⁵⁶, a mais popular entre as Páginas que apoiam a extinção do comportamento autolesivo e a ideação suicida possui 14.956 agregados no monitoramento de setembro, 15.087 em novembro e 15.163 no mês de dezembro de 2014, ou seja, a Página mais popular desta categoria não alcança a terceira página mais popular da outra

¹⁵⁵ Gráfico produzido pela autora com base no recorte temporal realizado nos monitoramentos etnográficos virtuais não participantes.

¹⁵⁶ Página Comunitária *Diga não a auto-mutilação*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/DigaNaoAAutoMutilacao?ref=profile>>_Acesso em: 19 dez. 2014.

categoria analisada. Já a Página *Nunca faça o seu primeiro corte*¹⁵⁷ apresentou em setembro 1.347 agregados, em novembro o número passou para 1.356 e em dezembro 1.384 curtidores e por fim a Página *Grupo de apoio - Auto Mutilação* conquistou em setembro 667 curtidores, 688 em novembro e 753 em dezembro do mesmo ano. Assim, é visível a falta de popularidade das Páginas pertencentes a esta categoria, dado que o número de agregados é consideravelmente inferior ao da categoria apresentada no primeiro gráfico. Como se pode observar no próximo gráfico.

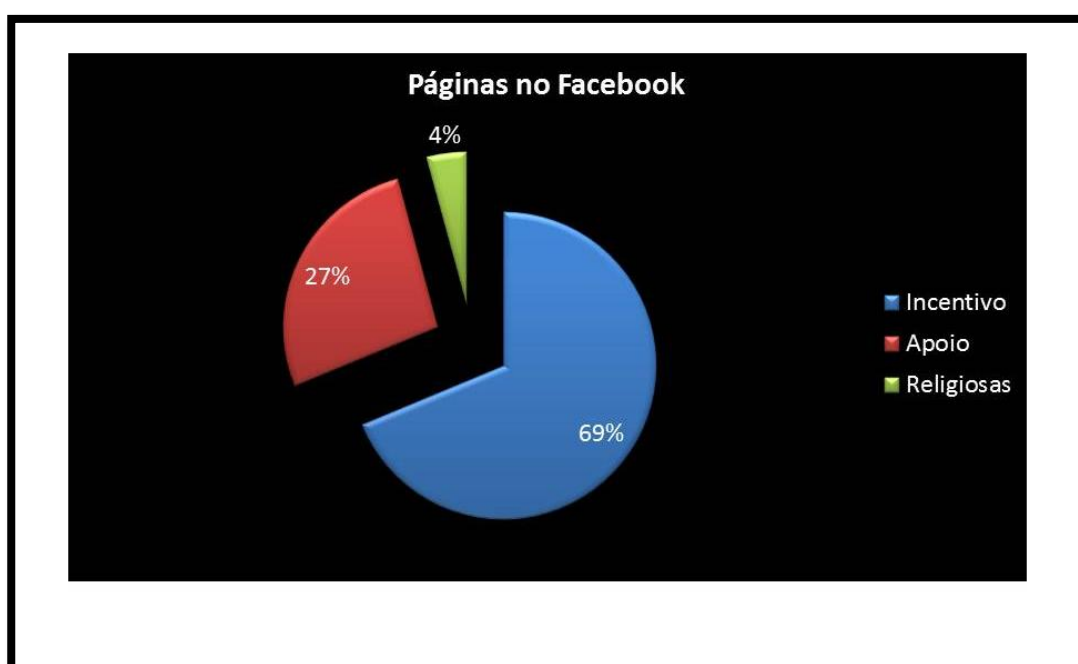


Gráfico 4¹⁵⁸

Chamou a atenção que entre as 200 Páginas catalogadas, apenas 4% delas utilizam mensagens religiosas como recurso para incentivar a extinção do comportamento autolesivo, 27% usa a imagem da atriz e cantora Demi Lovato¹⁵⁹ como inspiração para incentivar a extinção do comportamento autolesivo e da

¹⁵⁷ Página Comunitária *Nunca faça o primeiro corte*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/DigaNaoAAutoMutilacao?ref=profile>> Acesso em: 19 dez. 2014.

¹⁵⁸ Gráfico elaborado pela autora com base na catalogação geral das Páginas durante o monitoramento etnográfico virtual não participante de setembro de 2013 até dezembro de 2014.

¹⁵⁹ Em 2011, a revista adolescente *Capricho*, fez uma reportagem especial com a cantora e atriz Demi Lovato que contou sobre o seu comportamento autolesivo e a depressão durante a sua adolescência. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/famosos/demi-abre-jogo-entrevista-revela-tudo-levou-reabilitacao-633630.shtml>> Acesso em: 08 maio 2015.

ideação suicida. E 69% dedicam-se a promover o comportamento autolesivo e a ideiação suicida na referida rede social.

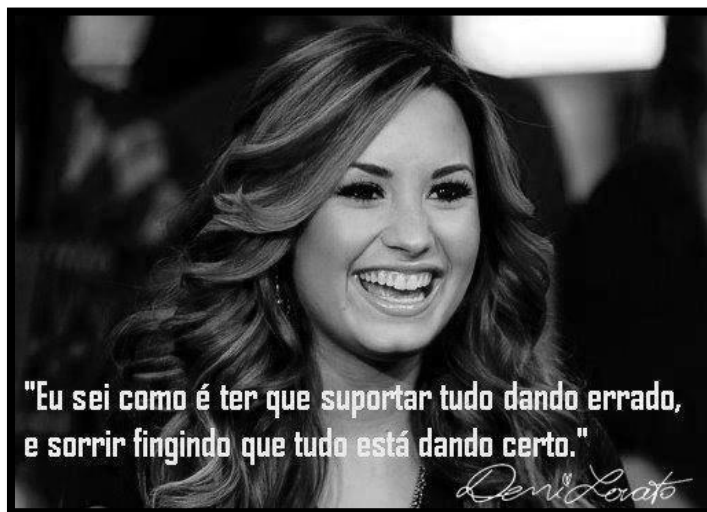


Figura 33¹⁶⁰

Os *posts* com frases de superação e de cunho religioso são pouco curtidos e compartilhados por adolescentes no Facebook, como no caso deste exemplo:



Figura 34¹⁶¹

A partir do monitoramento destas Páginas, acredita-se na hipótese que o/a adolescente em meio a este processo depressivo está desconectado (a) com a questão religiosa. Nota-se que os *posts* com termos relacionado a Deus ou

¹⁶⁰ Página Comunitária *Diga Não A Auto-Mutilação*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/DigaNaoAAutoMutilacao/photos/a.505437122817858.129273.505434866151417/663497193678516/?type=3&theater>> Acesso: 07 fev. 2015.

¹⁶¹ Página Comunitária *Nunka faça seu primeiro corte*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/1441984189415014/photos/a.1441995956080504.1073741828.1441984189415014/1471013876512045/?type=3&theater>> Acesso: 07 fev. 2015.

passagens bíblicas possuem baixos índices de curtidores em relação às Páginas pró-comportamento autolesivo e de ideação suicida.

Essa proliferação de Páginas no *Facebook* e em outros espaços virtuais, que exploram e apresentam os referidos temas, é uma realidade que deve ser discutida. Nos relatórios da Organização Mundial de Saúde, o tema do comportamento autolesivo aparece como alerta para a saúde pública:

Os comportamentos autolesivos representam um problema de saúde pública a nível mundial, segundo dados fornecidos pela Organização Mundial de Saúde ¹⁶²

As imagens e os posts publicados na linha do tempo das Páginas pró-comportamento autolesivo, ilustram o quanto estes/estas adolescentes estão se sentindo abalados (as) fisicamente e psicologicamente:



Figura 35¹⁶³

O/A adolescente virtualizado (a) que pratica a autolesão encontra na lâmina um alívio para suas dores emocionais e na internet um espaço para ser visto. As escolas, famílias e instituições religiosas tradicionais não estão conseguindo criar espaços de trocas para este/esta adolescente que grita por socorro em suas postagens ensopadas de sangue, desesperança e de tristeza.

¹⁶² WHO. Suicide prevention and special programmes. Geneva: World Health Organization, 2006 apud CRUZ, Diana; SAMPAIO, Daniel. Psicoterapias nos comportamentos autolesivos. In: SARAIVA, Carlos Braz; PEIXOTO, Bessa; SAMPAIO, Daniel. *Suicídio e Comportamentos Autolesivos*. Lisboa: Lidel. 2014.p.159.

¹⁶³ Página Comunitária *Princesa suicida e seus cortes*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/princesaekortes/photos/a.695919490472579.1073741829.670762546321607/751513501579844/?type=1&theater>> Acesso: 07 fev. 2015.

2.3.2. Guarda os pulsos pro final: “*Compartilhando*” a ideiação suicida juvenil nas Páginas do Facebook



Figura 36¹⁶⁴

Esta é a imagem de capa da Página “Guarda os pulsos pro final”, o nome da Página sugere a ideiação suicida como solução para quem não aguenta mais o peso de sua carga emocional. Muitos acreditam que ao estarem mortos eles automaticamente serão amados:



Figura 37¹⁶⁵

¹⁶⁴ Página Comunitária *Guarda os Pulsos pro final*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/787952274589818/photos/a.787953984589647.1073741827.787952274589818/922259654492412/?type=1&theater>> Acesso em: 12 maio 2015.

¹⁶⁵ Página Comunitária *Pulsos*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pulsos.234/photos/pb.528670287196606.2207520000.1423973096./651492398247727/?type=3&theater>> Acesso: 07 fev. 2015.

O/A adolescente possui a falsa ideia de que ao morrer todos seus problemas serão resolvidos e que com a morte passarão a ser amados por seus pares e familiares. Quando um/uma adolescente pensa em morrer, na verdade ele quer apenas que sua dor emocional. Sua noção de morte está distorcida e para ele/ela a morte não é algo definitivo.

A era da conectividade e da interação instantânea nos permite ter todos os nossos passos atualizados em tempo real. A sociedade pós-moderna eterniza ações em aplicativos como o *Instagram*, se rastreia nos *check-ins* das redes sociais, expõem opiniões em vídeos postados no *Youtube*, expressa sentimentos e perdas no *Facebook*.

A necessidade de ser um indivíduo ativo e popular no universo virtual faz com que as pessoas busquem diversificadas formas de chamar a atenção em suas redes sociais, seja de forma positiva ou negativa. Essa modificação no comportamento das sociedades ocidentalizadas fez com que o luto não seja mais anunciado, somente, por meio de telefonemas ou anúncios fúnebres, mas por meio de postagens nas redes sociais.

Diante deste panorama, torna-se difícil falar sobre questões da morte e do morrer, ainda mais quando se está numa das épocas mais intensas de suas vidas: na adolescência. Como falar destes assuntos com jovens que consideram a beleza eterna, a transgressão como norma e a morte como algo ficcional? Como falar sobre estas temáticas com jovens que estão com a síndrome de Vampiros: eternamente jovens, trocam o dia pela noite, são belos, sedutores, se consideram imortais e utilizam o sangue como símbolo de sobrevivência e do alívio de sua dor.

Adolescente	Vampiro
Está entre o mundo das crianças e dos adultos	Está entre o mundo dos vivos e dos mortos
Sonolência excessiva durante o dia	Não suportam a luz do sol
Não se encaixa a um grupo social	Não pertence a nenhum grupo social
Questionamento ou repúdio aos símbolos religiosos	Aversão aos símbolos religiosos
Tem maior produtividade durante a noite	Agem durante a noite
Se comunica por meio da internet	Se comunica por meio da telepatia
Sentimento de força e poder	Sentimento força e poder
Sentimento de juventude eterna	Não existe o envelhecimento
Sedutores e manipuladores	Sedutores e manipuladores
Sentimento de imortalidade	São imortais

Tabela 2¹⁶⁶

A falta de uma reflexão sobre um futuro, sobre a possibilidade do envelhecimento e sobre a própria finitude faz com que o/a adolescente e o/a jovem adulto (a) do século XXI não sintam a necessidade de projetar sonhos, de criar laços e parecem estar “anestesiados”. Como relata a universitária Helena de 23 anos:

Já vimos pessoas morrerem vítimas de atentado terrorista, vírus mortal, crianças violentadas, animais clonados, pessoas deformadas, guerras, supostas aparições alienígenas, gente se dizendo Jesus Cristo, gente se drogando, se prostituindo. E isso não foi só na TV (como ficção), nós vemos isso nos noticiários o tempo todo. Nosso dia a dia está mais do que abarrotado de informações e os acontecimentos fantásticos nos induzem, cada vez mais, a acreditar que nossa vida é como um filme. Talvez por isso nada mais nos choque, porque já vimos acontecer antes e, no final, tudo se resolve.¹⁶⁷

O sentimento de invencibilidade e de anestesia atinge o/a adolescente e o/a jovem adulto (a) da era digital, tudo acontece com o outro, mas não com ele/ela. Os problemas são de fora e parecem se resolver sem a sua interferência direta, não há reflexão sobre a violência que ronda as grandes cidades.

O suicídio está ligado a ideia da morte má, de acordo com O texto de Claude Lecoutex apresenta os ritos de passagem descritos por Arnold van Gennep e a ideia de morte má:

A morte remete para aquilo que se costuma chamar de ritos de passagem, e Arnold van Gennep distinguiu aqui três momentos: os ritos de separação – a retirada do corpo e a partida para o cemitério-, os ritos marginais, como a vigília, e os ritos de agregação, como a ceia funerária. Se uma dessas

¹⁶⁶ RIGO, Kate Fabiani e ARAÚJO, Thiago Nicolau. VIVENDO ENTRE MUNDOS: Adolescência Vampirizada e sua relação com a morte. In: *IV Congresso da ANPTECRE: o Futuro das Religiões no Brasil*. Disponível em: <http://www.unicap.br/anptecre/wp-content/uploads/2013/12/ANPTECRE_IV-Congresso.pdf> Acesso em: 10 maio 2015. p. 411- 428.

¹⁶⁷ MIRANDA, Melissa. *Inércia: a Geração no limite do tédio*. Aparecida: Ideias & Letras, 2011. p.19.

etapas não for cumprida como se deve, a morte é má e o defunto perigoso.¹⁶⁸

O suicida entra no setor de uma morte má, além de se associar a figura dos fantasmas que vagam entre o mundo dos vivos e dos mortos:

Há, portanto, um primeiro princípio, um verdadeiro teorema: toda pessoa que não tenha vivido até o termo prescrito não transpassa, permanece bloqueada neste mundo e o além. Essa concepção, torna então, os suicidas – pessoas cuja a vida foi cortada pelo ferro, pela corda, pela água, pelo fogo, em suma, os mortos prematuros – a maioria dos fantasmas.¹⁶⁹

Assim como os fantasmas, os vampiros também não possuem um lugar definido nem no mundo dos vivos nem dos mortos. Da mesma forma, o/a adolescente não se encaixa mais no mundo infantil e nem está pronto (a) socialmente para assumir o mundo adulto. Essa situação de não pertencimento pode levar, em casos mais extremos, ao comportamento suicidário.

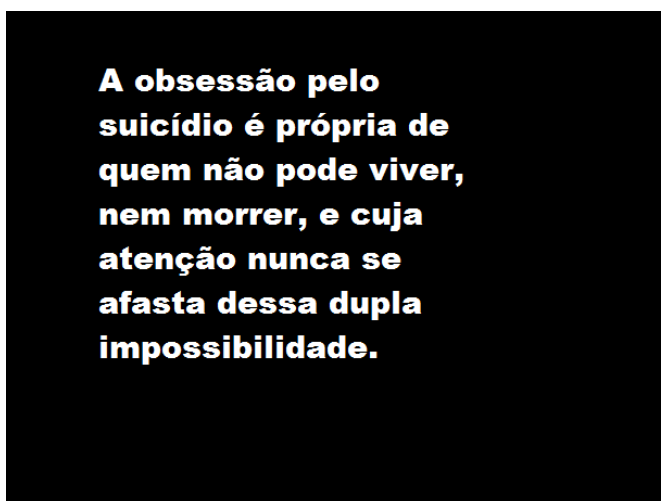


Figura 38¹⁷⁰

O Rio Grande do Sul, mais especificamente a região metropolitana, enfrenta o problema do suicídio juvenil. Tanto assim, que o estado criou um Programa de Prevenção ao Suicídio¹⁷¹ e o responsável pelo desenvolvimento do projeto, o médico psiquiatra Ricardo de Campos, alerta:

¹⁶⁸ LECOUTEX, Claude. *História dos Vampiros: autópsia de um mito*. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Unesp, 2005.p.40-41.

¹⁶⁹ LECOUTEX, 2005, p.41.

¹⁷⁰ Página Comunitária *Eu Suicida* †. Disponível em: <<https://www.facebook.com/507158169381778/photos/pb.507158169381778.2207520000.1431400247.542205425877052/?type=3&theater>> Acesso em: 19 fev. 2014.

¹⁷¹ *Prevenção do Suicídio e Promoção da Vida*. Disponível em: <http://www.saude.rs.gov.br/upload/1367264760_Guia%20de%20Bolso.pdf> Acesso em: 23/05/2015.

(...) o alto índice de tentativas de suicídio no estado é um problema de saúde pública. “Atinge cerca de 25 mil pessoas por ano, e mais de mil chegam ao óbito”, alerta. Em Porto Alegre, o maior número de casos está entre adolescentes dos 15 aos 19 anos. “Nosso adolescente está vulnerável, deprimido, fazendo uso de álcool e outras drogas. Ele precisa de mais proteção”.¹⁷²

Os dados confirmam a necessidade em desenvolver uma didática específica que atenda o/a adolescente neste período turbulento de sua vida, onde as mudanças e as inconstâncias naturais em seu estado de humor devem ser levadas em consideração, uma vez que, de acordo com Bertolote:

Suicídio é o ato de por fim à própria vida deliberadamente. Independentemente de ser resultado de impulso ou premeditação, sempre constitui uma urgência prioritária para o pessoal da saúde.¹⁷³

Assim como o comportamento autolesivo, a ideação suicida está sendo fortemente difundida nas Páginas do *Facebook*. Os/As adolescentes associam a saída do sangue de seu corpo com a saída de sua dor emocional, como pode ser observado no *post* a seguir.



Figura 39¹⁷⁴

A imagem não foi compartilhada por muitos (as) adolescentes, no entanto, ela encoraja aqueles/aquelas que estão sofrendo e não estão sendo ouvidos por seus

¹⁷² MERLIN, Guacira. *Manual tentará reduzir alto índice de suicídios no Rio Grande do Sul*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2012/05/manual-tentara-reduzir-alto-indice-de-suicidios-no-rio-grande-do-sul.html>> Acesso em 03 abr. 2014.

¹⁷³ BERTOLOTE, 2012, p.22.

¹⁷⁴ Página Comunitária *Eu suicida* †. Disponível em: <<https://www.facebook.com/507158169381778/photos/pb.507158169381778.2207520000.1431400776.538113259619602/?type=3&theater>> Acesso em: 30/03/14.

pares, familiares e comunidades escolares e/ou religiosas. A internet não apenas possibilita esse registro de socorro, mas que alguém o leia e quem sabe lhe dê atenção.



Figura 40¹⁷⁵

O/A adolescente denuncia o seu sentimento de solidão, e a ideia de suicídio se encontra presente novamente. A solidão e o sentimento de não pertencimento a um grupo são explicitados em *posts* como este:

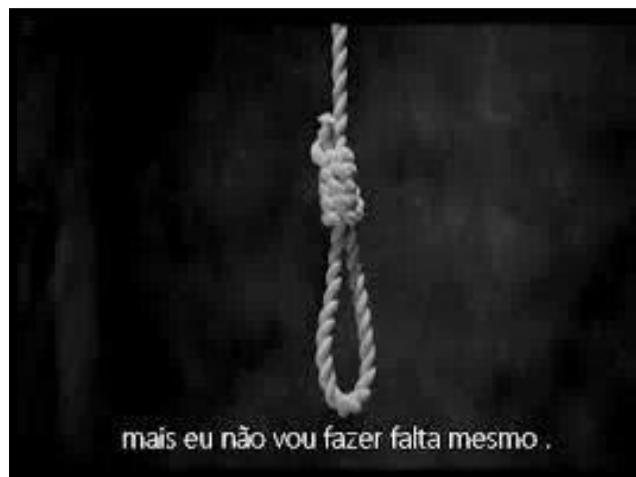


Figura 41¹⁷⁶

¹⁷⁵ Página Comunitária *Eu suicida.* Disponível em: <<https://www.facebook.com/507158169381778/photos/pb.507158169381778.2207520000.1431400952.535863063177955/?type=3&theater>> Acesso em: 30/01/14.

¹⁷⁶ Página Comunitária *Psicopata Anônimo.* Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=552211291503109&set=pb.314187328638841.2207520000.1374195263.&type=3&theater>> Acesso em 18/07/14.

O *post* mostra de forma clara a ideação suicida e o quanto o/a adolescente guarda para si os sentimentos de tristeza e de infelicidade. O/A adolescente denuncia por meio virtual o abandono de sua família, amigos e comunidade escolar.

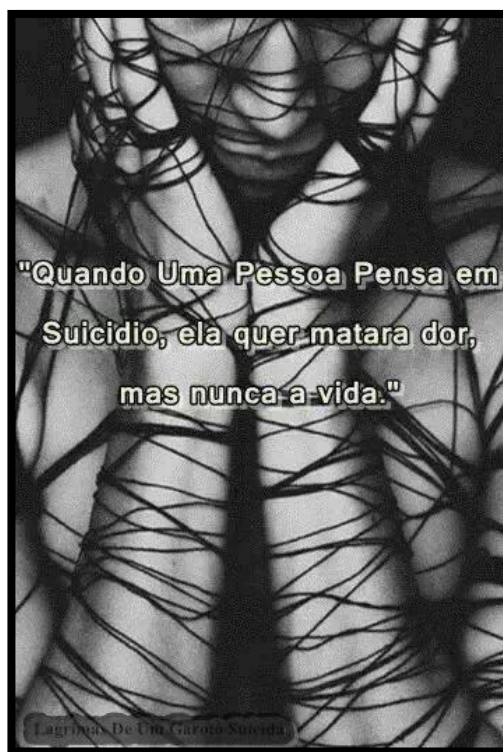


Figura 42¹⁷⁷

Este *post* foi escolhido intencionalmente para finalizar o capítulo. Ele esclarece que a ideia de suicídio para o/a adolescente não está ligada ao fim de sua vida, mas no desejo de acabar com sua dor e sofrimento emocional. O *post* ilustra e nos faz refletir sobre a ideia de suicídio e morte que o/a adolescente virtualizado (a) possui. O indivíduo que compartilha este *post* externa sua esperança em ser ouvido ou salvo de seu sofrimento que parece não ter solução.

O jovem que tenta suicídio fracassou em algum ponto do seu processo de desenvolvimento, numa perspectiva individual, familiar e social, determinando uma visão negativa de si próprio, provavelmente de lenta organização desde a infância, mas que eclodiu devastadamente na adolescência.

Os comportamentos autolesivos e atos suicidas apresentam múltiplos significados e intenções na forma como comunicam as suas dificuldades, o seu sofrimento e desespero. Por exemplo, um pedido de apoio para se ajudar a ultrapassar uma vivência que não se consegue sozinho, uma

¹⁷⁷ Página Comunitária A morte. Disponível em: <<https://www.facebook.com/507158169381778/photos/pb.507158169381778.2207520000.1431401679.526810224083239/?type=3&theater>> Acesso em 17 jul. 2014.

comunicação que visa obter uma reação dos outros, uma onipotência, uma tática de sobrevivência [...].¹⁷⁸

A internet possibilita aos adolescentes virtualizados o sentimento de imortalidade, mesmo não fazendo mais parte do mundo terreno, por meio do suicídio. Com a permanência de seus perfis nas redes sociais e no espaço virtual, o indivíduo alcança uma espécie de vida pós-morte, pois sua imagem fica imortalizada no mundo cibernético. Atualmente existem empresas especializadas em publicações póstumas, ou seja, se permanece vivo no mundo virtual mesmo estando morto no mundo real:

Existem ainda, por mais bizarro que isso possa parecer, sites e aplicativos que permitem que qualquer pessoa programe publicações póstumas no Facebook ou no Twitter que pasmem, podem ser entregues continuamente durante anos, dependendo das atividades estipuladas quando em vida. [...] Muitos estudiosos veem estes tipos de redes sociais e sites como algo doentio e narcisista, visto que assim, permite ao ser humano acreditar em sua imortalidade, ou seja, é uma maneira encontrada para não deixar que os outros nos enterrem nunca, uma forma de estar eternamente como objeto de devoção dos entes queridos, sem permitir a estes, que vivenciem seus rituais de despedida.¹⁷⁹

O espaço virtual se tornou o principal o canal de comunicação do/da adolescente. Além disso, vem ocupando o espaço familiar quando o acolhe nas redes sociais, o espaço religioso quando atende suas “preces” através do *Google* e o espaço social quando o coloca em contato com outros/outras adolescentes de qualquer parte do mundo. Para alcançar tudo isso, basta estar conectado numa fonte de energia e com rede disponível para o envio de dados.

¹⁷⁸ SANTOS, Nazaré; NEVES, Ema Lima das. Adolescência e comportamentos suicidários. In: SAMPAIO, 2014, p.226.

¹⁷⁹ MAZZEI, Tatiana Anchieschi. Perenidade On Line: Quando a Morte Não é o Fim de Tudo Redes sociais, sites e aplicativos abrindo caminhos para a estética da imortalidade a partir de nossos rastros digitais. In: *XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste/ DT05 - Rádio, TV e Internet*. 2013. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0962-1.pdf>> Acesso em: 12 set. 2013. p. 7-8.

3. FALANDO SOBRE A MORTE PARA ALIVIAR AS DORES DA VIDA

Este capítulo tem o objetivo de discutir a necessidade de criar dentro da instituição escolar um espaço para discutir e promover o debate sobre o tema da morte na sociedade contemporânea. Para a construção deste, foi utilizada a pesquisa teórica a partir dos temas relacionados à Educação Contemporânea, Projetos Interdisciplinares, o Ensino Religioso e a Morte no Espaço Educativo. Também são apresentados relatos de experiências com a temática da morte e do cemitério no espaço escolar realizados pela pesquisadora desta tese, ao longo de sua trajetória como docente do Ensino Básico.

3.1. O tema da morte no espaço escolar

Diante de todas as informações apresentadas nos demais capítulos, não será difícil surgir na cabeça do leitor a seguinte pergunta: Onde estão as famílias que não percebem o que acontece com o seu/sua adolescente? Entretanto, a pesquisadora deixa outra indagação: Onde está a escola que não percebe que seus/suas adolescentes estão cada vez mais agitados, violentos, deprimidos e marcando suas pias de sangue nas trocas de período?

Este questionamento é proposto, pois em muitos casos ou na maioria deles, os/as adolescentes podem permanecer dentro do espaço escolar por até dez horas diárias, ou seja, cinquenta horas semanais. Enquanto que em seus espaços residenciais, muitos só conseguem contato com os pais por cinco horas (numa perspectiva mais otimista) diárias. O sentimento de abandono por parte da família foi encontrado durante a pesquisa etnográfica virtual não participante.

Figura 43¹⁸⁰

Posto isso, nota-se que o poder de influência institucional no desenvolvimento do/da adolescente também está no espaço escolar e não restrito somente ao reduto familiar. É importante ressaltar que o foco de análise e ação da tese é voltado para o papel da escola. Como ela poderá auxiliar neste processo de desenvolvimento do/da adolescente que está num inicial ou avançado processo de depressão.

Em Portugal existe um Plano Nacional de Prevenção do Suicídio (2013-2017)¹⁸¹. Neste plano a escola tem um papel chave no que tange à redução dos índices de ideação suicida e comportamentos autolesivos na Adolescência.

Sendo a escola um cenário por excelência, onde decorrem vários atos da adolescência, tendo por objetivo maior a otimização do funcionamento dos estudantes e a melhoria da sua qualidade de vida, objetivos também centrais à prevenção primária do suicídio na adolescência, parecem fazer todo o sentido as intervenções em contexto escolar. Como tal, as estratégias de prevenção baseadas na escola incluem programas universais (tais como programas baseados nos currículos, que pretendem aumentar a consciência e os comportamentos de procura de ajuda) e programas dirigidos a grupos-alvo (tais como treino de competência para jovens em

¹⁸⁰ Página Comunitária † Estranha Inútil †. Disponível em: <<https://www.facebook.com/estranhainutil/photos/a.408796915952847.1073741829.400177016814837/410482779117594/?type=1&theater>> Acesso em 12 mar. 2015.

¹⁸¹ SAMPAIO, Daniel; PEIXOTO, Bessa et all. *Plano Nacional de Prevenção do Suicídio 2013-2017*. Programa Nacional para a Saúde Mental. Direção - Geral da Saúde, Lisboa. 2013.

risco), identificação dos jovens em risco e intervenções a nível da pós-venção.¹⁸²

Há uma visível ligação entre as áreas da Saúde e Educação, percebe-se que a escola é um espaço de troca de saberes, e também se transforma num importante espaço de observação e de identificação dos/das adolescentes que estão ou quase entrando nos grupos de risco suicida ou da prática do comportamento autolesivo. O plano sintetiza algumas atribuições à escola para a prevenção e avaliação dos/das adolescentes em risco:

- Identificação precoce dos jovens com fatores de risco e sinais de alarme e intervenção efetiva.
- Intervenção no espaço escolar
- Programas escolares de sensibilização do suicídio
- Educação e sensibilização da população¹⁸³

Em 2006 foram criadas no Brasil as Diretrizes Nacionais de Prevenção do Suicídio. No entanto, o documento se restringe apenas em delegar a ação ao setor da saúde, não havendo qualquer menção à instituição escolar, o que evidencia a falta de políticas e de pesquisas integradas entre as áreas de saúde e educação. Como se pode verificar no Artigo 2 do Plano:

Art. 2 Estabelecer que as Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio sejam organizadas de forma articulada entre o Ministério da Saúde, as Secretarias de Estado de Saúde, as Secretarias Municipais de Saúde, as instituições acadêmicas, as organizações da sociedade civil, os organismos governamentais e os não-governamentais, nacionais e internacionais, permitindo:

I - desenvolver estratégias de promoção de qualidade de vida, de educação, de proteção e de recuperação da saúde e de prevenção de danos;

II - desenvolver estratégias de informação, de comunicação e de sensibilização da sociedade de que o suicídio é um problema de saúde pública que pode ser prevenido;

III - organizar linha de cuidados integrais (promoção, prevenção, tratamento e recuperação) em todos os níveis de atenção, garantindo o acesso às diferentes modalidades terapêuticas;

IV - identificar a prevalência dos determinantes e condicionantes do suicídio e tentativas, assim como os fatores protetores e o desenvolvimento de ações intersetoriais de responsabilidade pública, sem excluir a responsabilidade de toda a sociedade;

V - fomentar e executar projetos estratégicos fundamentados em estudos de custo-efetividade, eficácia e qualidade, bem como em processos de organização da rede de atenção e intervenções nos casos de tentativas de suicídio;

VI - contribuir para o desenvolvimento de métodos de coleta e análise de dados, permitindo a qualificação da gestão, a disseminação das informações e dos conhecimentos;

¹⁸² SANTOS, Nazaré, NEVES, Ema Lima. Adolescência e comportamentos suicidários. In: SAMPAIO, 2014, p.238.

¹⁸³ SAMPAIO, 2013.

VII - promover intercâmbio entre o Sistema de Informações do SUS e outros sistemas de informações setoriais afins, implementando e aperfeiçoando permanentemente a produção de dados e garantindo a democratização das informações; e

VIII - promover a educação permanente dos profissionais de saúde das unidades de atenção básica, inclusive do Programa Saúde da Família, dos serviços de saúde mental, das unidades de urgência e emergência, de acordo com os princípios da integralidade e da humanização.¹⁸⁴

A palavra educação é mencionada duas vezes no documento, nos itens I e VIII. Em nenhum momento estas menções estão associadas ao espaço escolar como um potencial auxiliar na prevenção dos comportamentos suicidários na adolescência.

O suicídio na adolescência deve ser evitado a partir de ações preventivas, conforme escreve a pesquisadora Vivian Roxo Borges:

[...] o suicídio na adolescência, como qualquer idade, é uma morte prematura que deve ser evitada através de ações preventivas na família, escola, meios de comunicação e na comunidade como um todo, procurando, assim, promover o desenvolvimento psicossocial desses jovens.¹⁸⁵

O próprio documento de 2006 alerta para o aumento do comportamento suicida no território brasileiro, e destaca o aumento do grupo de risco entre indivíduos de 15 aos 25 anos de idade em todas as camadas sociais:

Considerando a importância epidemiológica do registro do suicídio e das tentativas de suicídio em todo o território nacional;

Considerando a importância epidemiológica e a relevância do quadro de comorbidade e transtornos associados ao suicídio e suas tentativas, em populações vulneráveis, tais como: indivíduos com transtornos psíquicos, especialmente as depressões; indivíduos que já tentaram suicídio; usuários de álcool e outras drogas; populações residentes e internadas em instituições específicas (clínicas, hospitais, presídios e outros); adolescentes moradores de rua, gestantes e/ou vítimas de violência sexual; trabalhadores rurais expostos a determinados agentes tóxicos e/ou a precárias condições de vida; indivíduos portadores de doenças crônico-degenerativas; indivíduos que convivem com o HIV/AIDS e populações de etnias indígenas, entre outras;

Considerando o aumento observado na frequência do comportamento suicida entre jovens entre 15 e 25 anos, de ambos os sexos, escolaridades diversas e em todas as camadas sociais.¹⁸⁶

¹⁸⁴ *Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio*. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt1876_14_08_2006.html> Acesso em: 10 maio 2015.

¹⁸⁵ BORGES, Vivian Roxo. *Ideação suicida na Adolescência*. 68f. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004.p.16.

¹⁸⁶ *Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio*. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt1876_14_08_2006.html> Acesso em: 10 maio 2015.

Ao pesquisar mais sobre o andamento destas diretrizes nacionais, verifica-se que o projeto ficou restrito ao papel, pois a Página está fora do ar e não há nenhum outro indicativo de que o projeto tenha tido continuidade.

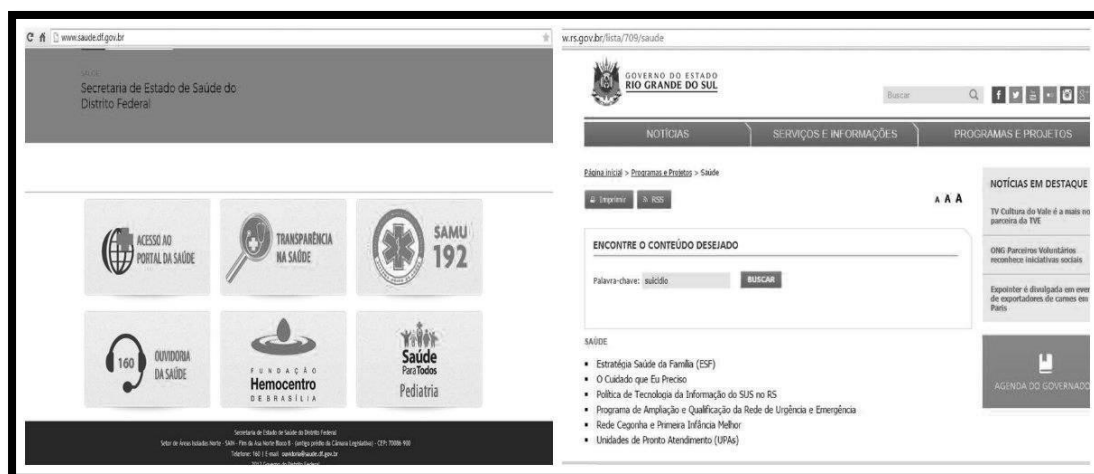


Figura 44¹⁸⁷

O Distrito Federal e o Rio Grande do Sul¹⁸⁸ elaboraram um Plano regional de Prevenção do Suicídio, em 2011, mas ao pesquisar sobre novas informações de ação destes Planos, também não foram encontradas atualizações ou referências de ação em relação ao tema.

¹⁸⁷ Busca realizada para verificação de existência ou não de novas ações relativas às Diretrizes nacionais de Prevenção do Suicídio. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/404.html>> Acesso em: 10 maio 2015.

¹⁸⁸ Manual completo disponível em: <<http://www.polbr.med.br/ano11/034704do1ao64.pdf>> Acesso em: 10 dez. 2014.

Figura 45¹⁸⁹

O Manual desenvolvido pelo estado do Rio Grande do Sul resalta o papel da escola como agente de identificação dos/das adolescentes que apresentam traços de ideação suicida, como se pode observar na citação a seguir:

Educadores fiquem atentos para as situações de risco de suicídio entre os alunos:

- História de tentativas anteriores;
- Transtorno mental (depressão, abuso de álcool e outras drogas, esquizofrenia);
- Situações de luto;
- Desemprego, perda recente do emprego ou endividamento dos pais;
- Trabalho infantil;
- Dificuldade de integração e socialização na escola;
- Bullying;
- Violência familiar;
- Dificuldades em relação a identidade e orientação sexual;
- Situações de assédio moral;
- Suicídios na família;
- Situações de sofrimento mental.

Algumas dicas

- Intervenção imediata frente à identificação de vulnerabilidade para o suicídio; faça contato com a família; encaminhe para a rede de saúde;
- Inserir a vigilância, prevenção do suicídio e a promoção da vida no projeto político pedagógico da escola;
- Criar momentos de conversa com os alunos enfatizando a vida;
- Trabalhar o tema de forma lúdica, desfazendo mitos e abrindo possibilidades de discussão;
- Falar sobre o suicídio não faz com que a pessoa decida se matar, mas dá a ela a oportunidade de conversar sobre seu sofrimento e assim obter ajuda;
- Levar os alunos ao cinema, teatro, exposições, ou criar com eles uma exposição de trabalhos sobre o tema (seguido de debates), estabelecendo parceria com as secretarias de educação, saúde e cultura;
- Criar espaços de fala, de expressão de sentimentos e dúvidas que possam ser acolhidos e compartilhados pelo grupo;

¹⁸⁹ Busca realizada para verificação de existência ou não de novas ações relativas às Diretrizes nacionais de Prevenção do Suicídio. Disponível em: <<http://www.saude.df.gov.br/>> e <<http://www.rs.gov.br/lista/709/saude>> Acesso em: 10 maio 2015.

- Elaborar em parceria com outros setores, projetos voltados para a realidade da sua escola;
- Fazer parcerias com as universidades, com as unidades básicas de saúde da área da sua escola, solicitando a participação dos profissionais dessas unidades em palestras e debates.
- Prevenir o comportamento desafiador e a violência escolar;
- Desenvolver ações de prevenção do bullying; • Desenvolver ações de educação em saúde, sempre que possível em parceria com uma Equipe de Saúde da Família ou CAPS;
- Desenvolver ações de capacitação junto aos professores e funcionários da escola;¹⁹⁰

O manual tenta auxiliar os/as docentes e dirigentes de escolas, mas não explica como isso pode organizado, quem dará as capacitações e como aplicar mudanças no universo escolar. Além do mais, não há uma divulgação sobre a existência deste material e muito menos a presença de um projeto permanente sobre o assunto no site do governo estadual, como constatado anteriormente.

Há uma notória carência de projetos e de ações preventivas para conter o aumento do comportamento suicida na adolescência. É necessário utilizar o espaço escolar, também para debater essas questões de morte e vida.

A prevenção do suicídio em meio escolar tem-se revelado extremamente pertinente. A prioridade de intervenção nesta faixa etária mantém-se, dado que a ocorrência destes comportamentos da esfera suicidária na adolescência aumenta o risco de problemas na idade adulta.¹⁹¹

No Brasil, há o Laboratório de Estudos sobre a morte da USP¹⁹², coordenado pela pesquisadora Maria Júlia Kovács. O laboratório desenvolve os seguintes temas e propostas, conforme apresentados em seu site oficial:

TEMAS ABORDADOS

- Estudos sobre atitudes frente à morte e ao luto no ocidente.
- A morte em diferentes contextos e em diferentes fases do desenvolvimento.
- A formação dos profissionais de saúde e educação e a morte
- Bioética nas situações de morte.
- Cuidados Paliativos
- Pacientes e familiares diante da doença, da morte e do luto.
- Suicídio

OBJETIVOS

- Formar profissionais de saúde e educação sensíveis às pessoas em situações de perdas, limite, luto e morte nas várias fases do desenvolvimento.
- Pesquisas envolvendo alunos de graduação, pós-graduação e profissionais de saúde e educação.

¹⁹⁰ *Prevenção do Suicídio e Promoção da Vida*. Disponível em: <http://www.saude.rs.gov.br/upload/1367264760_Guia%20de%20Bolso.pdf> Acesso em: 23/05/2015.

¹⁹¹ BRÁS, Marta; SANTOS, José Carlos. Prevenção do suicídio em meio escolar. In: SAMPAIO, 2014, p.485.

¹⁹² *Laboratório de Estudos sobre a Morte*. Disponível em: <http://www.lemipusp.com.br/o_lem_6.html> Acesso em: 10 maio 2015.

- Estimular a busca do conhecimento, reflexão e discussão sobre os temas da morte.
- Criar banco de dados com bibliografia atualizada.
- Atendimento à comunidade para pessoas em situações de doenças e perda

SERVIÇOS

- Atendimento à comunidade
- Consultoria e supervisão em Instituições e Empresas.

PROJETOS

- A questão da morte nas instituições de saúde e educação. Do interdito à possibilidade de comunicação para profissionais de saúde e educação
- Falando de Morte - Vídeos Educativos
- Falando de morte com funcionários do IML
- Cuidando do Cuidador.
- Cuidando do aluno de enfermagem. Prevenção do sofrimento em situação de aprendizagem¹⁹³

Em Porto Alegre há o Núcleo de Estudos e atendimento ao Luto (Cora) que tem por objetivo:

[...] promover ações preventivas e terapêuticas de enfrentamento e superação do luto, realizar estudos, capacitar e difundir conhecimentos relacionados a perda de vínculos. Por isso ele é destinado tanto a pessoas em situação de luto individual e familiar, para tratamento, quanto a profissionais e estudantes das áreas de Saúde e Educação, a fim de se capacitarem.¹⁹⁴

O Cora promove cursos sobre o luto, no entanto, não possui uma linha de ação que aborde questões preventivas do morrer, em especial na fase da adolescência. Faz-se urgente desenvolver novos projetos que se dediquem à criação de centros, espaços de atendimento dentro do espaço educativo ou laboratórios de pesquisa centrados nos estudos relacionados ao tema da morte e de prevenção aos comportamentos suicidas e autolesivos na adolescência. Além disso, faz-se necessário mais investimento público e acadêmico em projetos de capacitação e de orientação específica aos docentes, diretores e discentes do ensino básico para que estes possam agir como agentes na identificação de um/uma adolescente que esteja entrando no grupo de risco.

¹⁹³ *Laboratório de Estudos sobre a Morte*. Disponível em: <http://www.lemipusp.com.br/o_lem_6.html> Acesso em: 10 maio 2015.

¹⁹⁴ *Núcleo de Estudos e atendimento ao Luto*. Disponível em: <<http://cefipoa.com.br/index.php/luto/12>> Acesso em: 01 de jun. 2015.

3.2. Resignificando a escola desconectada: o Ensino Religioso protagonista na discussão da morte e do morrer no espaço escolar

Atualmente há um grande debate em torno da função do Ensino Religioso no espaço escolar, principalmente no setor público. A discussão está pautada no seguinte questionamento: Qual o propósito da escola pública oferecer uma aula chamada “Ensino Religioso”, se esta escola está ligada a um estado laico?

No dia 11 de março de 2015, o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Luís Roberto Barroso convocou uma audiência pública para debater o assunto com representantes do sistema público de ensino, de grupos religiosos e não religiosos. De acordo com nota publicada pelo site do STJ:

O ministro Barroso explica que, na ação, busca-se conferir interpretação conforme a Constituição Federal a dispositivos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (caput e parágrafos 1º e 2º do artigo 33 da Lei 9.394/1996) e ao acordo firmado entre o Brasil e a Santa Sé (Decreto 7.107/2010) “para assentar que o ensino religioso em escolas públicas deve ter natureza não confessional, com proibição da admissão de professores na qualidade de representantes das confissões religiosas”.

A Procuradoria-Geral da República defende a tese de que a única forma de compatibilizar o caráter laico do Estado brasileiro com o ensino religioso nas escolas públicas consiste na adoção de modelo não confessional, em que a disciplina deve ter como conteúdo programático a exposição das doutrinas, práticas, história e dimensões sociais das diferentes religiões, incluindo posições não religiosas, “sem qualquer tomada de partido por parte dos educadores”, e deve ser ministrada por professores regulares da rede pública de ensino, e não por “pessoas vinculadas às igrejas ou confissões religiosas”.

O ministro Barroso destaca três pontos a serem discutidos na audiência pública, para a qual poderá ser designada uma data adicional, caso seja necessário: as relações entre o princípio da laicidade do Estado e o ensino religioso nas escolas públicas; as diferentes posições a respeito dos modelos confessional, interconfessional e não confessional e o impacto de sua adoção sobre os sistemas públicos de ensino e sobre as diversas confissões religiosas e posições não religiosas; e, por fim, as diferentes experiências dos sistemas estaduais de educação com o ensino religioso.¹⁹⁵

A discussão não possui um caráter inédito, pois o debate acontece na comunidade acadêmica há muitos anos. As áreas de Teologia e das Ciências da Religião tentam encontrar um ponto norteador e unificador na caracterização do Ensino Religioso e sua função dentro do espaço escolar. Alguns acreditam que uma mudança no nome do componente curricular resolveria a questão de não torná-lo catequista, outros que o componente só deveria ser ministrado por cientistas da

¹⁹⁵ Reportagem completa disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=287077>> Acesso em: 11 maio 2015.

religião para deixá-la mais científica, e os teólogos solicitam sua atuação na construção de seus parâmetros curriculares. Sobre isso Klein e Junqueira argumentam:

[...] muitos profissionais da Teologia seguem reivindicando para si a tarefa de formar os profissionais para atuarem no Ensino Religioso, mas há entraves, pois, por mais científicas que sejam as pesquisas e sistematizações teológicas, elas sempre são confessionais ou interconfessionais e aí esbarram na legislação. É preciso considerar que não há Teologia a-confessional ou supraconfessional, isto porque a teologia sistematiza experiências religiosas e afirma que os adeptos de uma denominação religiosa devem crer e como devem agir na organização de sua vida para, então, serem considerados membros daquele grupo religioso. A sistematização da fé normatiza o modo de vida de um grupo religioso.¹⁹⁶

A formação do/da docente de Ensino Religioso é bastante deficitária no Brasil¹⁹⁷. Diante da falta de profissionais com formação na área, o componente curricular acaba sendo ministrado por docentes de diferentes áreas do conhecimento que estão com alguma “janela”¹⁹⁸ em sua grade de horários ou, simplesmente querem aumentar suas horas numa determinada instituição educacional. A função do/da docente de Ensino Religioso deveria estar ligada a esta descrição feita por Klein e Junqueira:

Sobre a atuação profissional para o Ensino Religioso, este tem uma grande contribuição a dar no sentido de: subsidiar os(as) educandos(as) a enfrentarem as questões que estão no cerne da vida, despertando-os para que possam desenvolver a religiosidade presente em cada um(a); orientar para a descoberta de critérios éticos, para que possam agir desde uma atitude dialógica e de reverência no processo de aproximação e de relação com as diferentes expressões religiosas. Para responder a estas exigências, é fundamental e indispensável que o profissional do Ensino Religioso tenha uma formação específica que o habilite e qualifique nesta área do conhecimento.¹⁹⁹

Enquanto este componente curricular não for ministrado por profissionais capacitados, o Ensino Religioso não passará de uma aula desatualizada e sem uma função pedagógica eficaz. Buscando, de forma aleatória, a opinião dos/das adolescentes sobre as aulas de Ensino Religioso foi realizada uma rápida pesquisa, por meio da conta pessoal da autora, na terceira rede mais acessada pelos/pelas

¹⁹⁶ KLEIN, Remí; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. Aspectos referentes à formação de professores de ensino religioso. *Revista Diálogo Educação*. Curitiba, v. 8, n. 23, p. 221-243, jan./abr. 2008. p.227.

¹⁹⁷ Para saber mais sobre este assunto, o texto de Ana Maria Cavaliere. *O Mal-Estar do Ensino Religioso nas Escolas Públicas*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n131/a0537131.pdf>> Acesso em: 08 abr. 2015.

¹⁹⁸ Termo utilizado para definir um período vago entre um período de aula e outro, no mesmo turno.

¹⁹⁹ KLEIN e JUNQUEIRA, 2008. p.227.

adolescentes: o *Twitter*. Nesta busca foi inserida no campo de busca da referida rede as palavras “aula de religião”, o resultado encontrado foi este:



Figura 46²⁰⁰

É com o intuito de promover uma maior significância e dinamicidade nas aulas de Ciências Humanas, com ênfase no Ensino Religioso, que se propõe o desenvolvimento do tema da morte a partir de uma Pedagogia Cemiterial aplicada no espaço escolar. A proposição de temáticas tão diferentes do comumente exposto em sala de aula, gerará um dos quesitos mais importantes no processo de aprendizagem: a atenção. Além disso, a curiosidade também será aguçada, com isso, serão ampliadas as possibilidades de criar e partilhar novas e significativas experiências no espaço escolar.

Falar sobre o tema da morte e apresentar a finitude humana comprovada nos cemitérios, permitirá que o/a adolescente virtualizado (a) tenha a oportunidade de pensar sobre o seu desenvolvimento humano, o desenvolvimento de seus valores e sobre a reafirmação ou ausência de suas crenças. Com isso, pretende-se

²⁰⁰ A busca foi realizada através da conta pessoal da pesquisadora no Twitter e o critério de busca estava restrito os termos: aula de religião. A verificação foi feita apenas para ilustrar o pensamento do/da adolescente expresso nesta rede social tão utilizada por eles quanto o Facebook no dia 13 de maio de 2015.

auxiliar na formação de um futuro adulto centrado na sua condição humana. Essa prática sobre a importância do resgate dos valores, dentro do Ensino Religioso, tem suporte no pensamento de Streck:

Em que medida a escola e o Ensino Religioso possibilitam espaços para que os alunos e alunas possam significar suas experiências e dar sentido a elas? Qual é o foco central da aprendizagem? Há uma preocupação pela condição humana? Pelo desenvolvimento de valores, princípios e crenças para que os adolescentes possam estabelecer um núcleo estável de sua identidade, uma noção de si, para poderem aprender a conviver com o diferente? Aprender a ser humano, a “reconhecer-se em sua humanidade comum”, é essencial para dar conta das novas demandas do século XXI.²⁰¹

Desenvolver uma experiência prática que confronte o/a adolescente com a finitude humana, por meio do espaço cemiterial, resolve algumas ansiedades que afligem o/a educador (a), como aguçar a curiosidade do/da adolescente, por exemplo. A Unesco destaca o ideal de uma educação significativa e humanista, de forma que “a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal e espiritual”.²⁰²

Concomitante a isso, acontece um intenso debate, dentro do meio educacional em relação à necessidade de criarmos novas práticas em sala de aula que atendam o/a adolescente virtualizado (a). O estudo do cemitério contribuirá na aproximação deste indivíduo com as questões ligadas à religiosidade e finitude. De acordo com Brandenburg a escola deve ser um espaço de partilha, convívio e aprendizagem:

Integrando a abordagem da religiosidade no cotidiano escolar ou integrando o cotidiano na prática do currículo escolar, haverá avanços no processo de desenvolvimento da educação integral, e a escola estará dando sua contribuição também no reconhecimento da religiosidade na vida escolar e na vida das pessoas que ali estão. Desse modo, a escola poderá ser um espaço em que se aprende a viver juntos, em que se aprende a conviver e a conversar sobre as diferentes dimensões da vida, inclusive e principalmente sobre a religiosidade.²⁰³

²⁰¹ STRECK, Gisela Isolde W. Adolescência e identidade: desafios educacionais em tempos de pós-modernidade. In: WACHS, Manfredo Carlos et all. *Práxis do Ensino Religioso na Escola*. São Leopoldo: EST-Sinodal, 2007. p. 205.

²⁰² DELORS, J. et al (org). Os quatro pilares da educação. In: DELORS, J. *Educação um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez, Brasília, DF, 2000, p. 89-101. (Relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre educação para o século XXI). p.99.

²⁰³ BRANDENBURG, Laude. A dimensão epistemológica da religiosidade. In: WACHS, Manfredo Carlos, FUCHS, Henri Luis, BRANDENBURG, Laude Erandi, KLEIN, Remí, REBLIN, Iuri Andréas (orgs.). *Ensino Religioso: Religiosidades e práticas educativas*. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2010, p.53-60. p.58.

O planejamento de uma metodologia didática sobre o tema da morte, com a utilização do cemitério foi sendo aperfeiçoado ao longo da pesquisa. O cemitério como ferramenta pedagógica foi aplicado nas aulas de História, Geografia, Arte, Sociologia, Teatro e Filosofia. O desafio de organizar a proposta de ação estava centrado na dificuldade de atender as necessidades dos/das docentes e de amparar as ansiedades do/da adolescente virtualizado (a). Macedo caracteriza o/a adolescente da seguinte forma:

A intensidade das vivências deste momento é traduzida pelo uso da palavra “revolução”, uma vez que a adolescência é realmente uma transformação radical, uma agitação que se dá no cerne do EU. Nesta situação de “turbilhão emocional”, o EU se vê ocupando o papel de protagonista e de espectador.²⁰⁴

O/A adolescente questiona tudo em sua volta como mecanismo de transgressão e testagem para a construção de sua própria identidade ideal. Além de estar se definindo enquanto indivíduo, ele está cercado por pressões externas que o abalam e o agitam.

Novas expectativas, disciplinas qualitativamente diferentes e um grande número de decisões difíceis são as exigências com as quais a sociedade saúda o adolescente, agora mais próximo de sua masculinidade ou feminilidade. Ao tentar satisfazer e cumprir essas exigências, os jovens irão apelar para recursos ideológicos de seu ambiente que estejam disponíveis e com os quais sintam afinidade pessoal, especialmente aqueles que estejam corporificados em líderes carismáticos e convincentes. Buscam figuras de apoio e designarão pessoas que quanto mais são bem-intencionadas como inimigos temporários, em contraposição aos quais sua identidade possa ser acelerada.²⁰⁵

A citação ressalta a importância das figuras de identificação na construção identitária do/da adolescente. Neste momento de testagem, o/a adolescente pode apresentar um comportamento mais ativo, agressivo e, até mesmo, de prepotência, como explica Macedo:

Ter que entrar em contato com questionamentos inquietantes, tais como sua identidade pessoal, profissional e sexual, obriga o adolescente a lançar mão de estratégias para se defender de sentimentos tão intensos e perturbadores. Por isso é que, muitas vezes ele mostra-se o oposto do que se passa real e internamente. A arrogância, a prepotência, o comportamento desafiador, questionador e a onipotência, são características de posturas assumidas, inconscientemente, para que o olhar do outro seja desviado de um verdadeiro adolescente indeciso, inseguro, temeroso e assustado. É como se o adolescente estivesse frente a um dilema entre assumir uma postura corajosa, de um desbravador de si mesmo e do mundo, e outra mais “cautelosa” que por vezes se confunde

²⁰⁴ MACEDO, Mônica Medeiros K.(org) *Adolescência e Psicanálise: interseções possíveis*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.p. 67.

²⁰⁵ FOWLER, 1992, p.72-73.

com o modelo infantil de independência e fragilidade do qual quer se distanciar. Muitas vezes, a dificuldade de encontrar e de se encontrar nas soluções escolhidas traduz-se nas posições extremas que o adolescente acaba adotando, posições que se espelham contradições e dilemas internos. A frágil demarcação entre coragem e descuido pode ser exemplificada nos comportamentos autodestrutivos do adolescente.²⁰⁶

O final da citação expõe que, nesta fase, os comportamentos autodestrutivos estão associados a sua inconstância emocional e social. Nesta etapa da vida, o/a adolescente necessita de atenção, de acolhimento e de espaços de fala e de escuta. É preciso que ocorra uma mudança no olhar do/da docente em relação a sua forma de agir e tratar o/a adolescente, principalmente àqueles que estão nos grupos de risco, já tratados nesta tese. Pensar numa nova prática docente na área de Ciências Humanas, com ênfase no Ensino Religioso, não é apenas uma possibilidade, mas uma necessidade.

De acordo com Kelma Matos a escola está se afastando do seu próprio público alvo: os/as discentes. Os/As docentes não estão atraindo a atenção de seus/suas discentes por não os compreenderem e por não adaptarem as aulas de acordo com a necessidade das turmas em que estão atuando. Para reforçar a necessidade de adaptação, Matos apresenta o pensamento de Madeira:

(...) se a escola não for sensível ao que efetivamente significa ser jovem hoje, será uma escola incapaz de manter os jovens no sistema (...). Os jovens pobres e ricos, desejam uma escola em que consigam aprender, mas que também seja um espaço agradável, onde possam encontrar amigos, ouvir música e namorar. É preciso, cada vez mais, que a equipe escolar procure conhecer a sua clientela, construindo um ambiente adequado às suas características e interesses.²⁰⁷

O espaço escolar e os/as docentes do século XX não estão conseguindo se adaptar aos adolescentes do século XXI. A comunicação está falha e o jogo de poder entre ambos os lados está gerando uma batalha sem vencedores. Não há como pensarmos numa educação integralizadora sem desenvolvermos uma pedagogia integral que alcance o/a adolescente, que hoje se preocupa mais com a sua vida virtual do que real.

A utilização do espaço Cemiterial promove o compartilhamento de histórias de vida que, dentro de uma sala de aula, ficariam restritas ao pensamento individual.

²⁰⁶ MACEDO, 2004, p. 75.

²⁰⁷ MADEIRA, 1998 apud MATOS, Kelma Socorro Lopes de. *Juventude, Professores e Escola: Possibilidades de encontros*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003, p 123.

O compartilhar de histórias é um recurso de aproximação entre docente e discente como expressa Klein:

Somos todos, enfim, histórias “em jogo” e, no processo educativo (em geral e não só religioso), almejamos que, a partir das histórias lidas, divididas e vividas, os nossos educandos se tornem cada vez mais sujeitos e protagonistas da sua própria história.²⁰⁸

Ao ler o texto de Streck, é perceptível o quanto a Pedagogia Cemiterial pode aliar-se ao espaço escolar como metodologia de ensino-aprendizagem nas aulas de Ensino Religioso:

A escola e o Ensino Religioso podem ser um espaço de acolhimento, de afeto, onde a dimensão grupal tem um papel relevante, no sentido de ajudar a estabelecer uma noção de identidade individual e de aprender a conviver com a pluralidade e a diversidade do mundo pós-moderno.²⁰⁹

O tema da morte e o espaço cemiterial podem ser trabalhados no meio escolar a partir da técnica de Projetos Interdisciplinares. Para Vasconcellos:

[...] a educação, no autêntico sentido, qual seja, enquanto processo de humanização e personalização, de construção de identidade e cidadania, implica sempre em práticas (realização) que estão permeadas por algum nível de referência reflexiva (elaboração), tanto no que diz respeito à orientação da atividade (plano de ação) e à intencionalidade (finalidade), quanto de interpretação de um dado contexto (realidade).²¹⁰

O espaço cemiterial também pode ser um importante aliado no resgate cultural de um local ou de uma identidade cultural, como aborda Araújo: “Os cemitérios são ótimos exemplos desta necessidade de manter “viva” a identidade cultural de um determinado grupo, que expressam esta ideia de diferentes maneiras, seja através de epitáfios, estatuária, fotografia ou símbolos”.²¹¹

Seguindo a ideia de preservação de memória, Borges ressalta :

Os dados dos falecidos contribuem para fortalecermos a memória coletiva e individual daqueles que ali viveram, do seu trabalho, do amor familiar e do seu papel diante do conceito de cidadania. Há necessidade de apreender o significado simbólico dos artefatos funerários derivados da adaptação dos elementos formais aplicados em outros espaços da “cidade dos vivos”. Enfim, existe o prazer de descobrir tamanha riqueza cultural e artística em

²⁰⁸ KLEIN, Remí .O processo educativo-religioso: histórias em jogo e novos olhares em formação. In: KRONBAUER, Selenir C. G.; SIMIONATO, Margareth F. (orgs). *Formação de Professores: abordagens contemporâneas*. São Paulo: Paulinas. 2008.p.87.

²⁰⁹ STRECK, 2007.p.205.

²¹⁰ VASCONCELLOS, Celso dos S. *Planejamento-Projeto de Ensino – Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico*. São Paulo: Libertad, 1999.p.124.

²¹¹ ARAÚJO. Thiago Nicolau. *Hermenêutica e Cemitérios: Um Olhar sobre o cemitério da Santa Casa em Porto Alegre. Ciências Sociais Y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 16, n.20, p.82-95, jan-jun de 2014. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaiseReligiao/article/download/50858/32095>> Acesso em: 20 maio 2015.

um espaço tão pequeno de uma cidade e que, a princípio, é rejeitado pelos vivos.²¹²

O cemitério também proporciona a reflexão sobre questões históricas e sociais de uma comunidade. De acordo com Bellomo:

Os cemitérios reproduzem a geografia social das comunidades e definem as classes locais. Existe a área dos ricos, onde estão os grandes mausoléus; a área da classe média, em geral com catacumbas na parede, e a parte dos pobres e marginais. A morte igualitária só existe no discurso, pois, na realidade, a morte acentua as diferenças sociais. As sociedades projetam os seus valores, crenças, estruturas socioeconômicas e ideológicas. Deste modo, a análise permite conhecer múltiplos aspectos da comunidade, constituindo-se em grandes fontes de conhecimento histórico.²¹³

Por ser um espaço de amplas possibilidades, o cemitério é uma escola ao céu aberto, que permite o desenvolvimento de projetos tanto na área de ciências humanas quanto na área de ciências biológicas e exatas. Brandenburg também comenta sobre a prática de projetos como recurso didático:

O trabalho por projetos é uma proposta muito pertinente ao Ensino Religioso, pois pode organizar, encaminhar e responder perguntas que crianças e jovens tem sobre a dimensão religiosa, sobre a função que a religião desempenha na sociedade ou sobre as inúmeras formas de manifestação e vivência da dimensão religiosa na sociedade.²¹⁴

Esta prática faz com que o/a docente conquiste a atenção dos/das adolescentes novamente para assuntos que permeiam as questões da morte e do morrer, além de fazer com que a prática pedagógica das aulas de Ciências Humanas e Ensino Religioso tenham o merecido destaque dentro da comunidade escolar.

²¹² BORGES, Maria Elizia. Arte funerária no Brasil: uma pesquisa peculiar no campo das artes visuais. *Locus: revista de história*, Juiz de Fora, v.37, n.01, p. 103-123, 2013. Disponível em: <<http://www.artefunerariabrasil.com.br/admin/upload/artigos/artigo%20revista%20locus,2013.pdf>> Acesso em: 21 maio 2015.

²¹³ BELLOMO, Harry R. *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCS, 2008. p.13.

²¹⁴ BRANDENBURG, Laude Erandi. Práxis educativa no Ensino Religioso: confluência entre teoria e prática. In: KRONBAUER, Selenir Gonçalves; STROHER, Marga Janete. *Educar para a convivência na diversidade: desafio à formação de professores*. São Paulo: Paulinas, 2009.p.87.

3.3. A escola vai até o cemitério ou o cemitério vai até a escola? A Pedagogia Cemiterial e sua inserção no espaço escolar

Trabalhar com o tema da morte e a temática cemiterial no espaço escolar é um exercício pouco explorado em nosso país. Além disso, a pesquisa cemiterial fica restrita às áreas de História, Arquitetura, Arte e Antropologia, não tendo muito espaço nas áreas da Teologia, Sociologia, Educação, Turismo e Psicologia. Falar de morte no Brasil é complicado e falar de cemitério é um desafio, principalmente se estivermos abordando este tema no ambiente escolar.

O termo “Pedagogia Cemiterial”²¹⁵ foi utilizado pela primeira vez, de forma acadêmica, no IV Encontro da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais que ocorreu na cidade de Piracicaba - SP, no ano de 2010. A ação pedagógica com a utilização do espaço cemiterial, como protagonista, no desenvolvimento de conteúdos curriculares foi iniciado pela pesquisadora desta tese, desde o ano de 2006, em História com discentes do primeiro ano do ensino médio.

O objetivo inicial desta prática em sala de aula relaciona-se à intencionalidade de despertar o interesse dos/das discentes pelos conteúdos de história, pois esta é habitualmente percebida como “chata”, teórica ou com assuntos muito “velhos”, não correspondendo a dinamicidade e volatilidade das informações que os/as adolescentes costumam receber diariamente de forma instantânea em seus *smartphones* e *tablets*.

Ao falar de morte, de como as pessoas morriam em cada etapa dos conteúdos desenvolvidos; a curiosidade sobre o local dos mortos passou a estar presente nas discussões em sala de aula. O cemitério conseguiu estabelecer um elo entre a teoria histórica e a prática educativa com adolescentes. E a partir desta prática foi possível comprovar aos discentes que a História poderia estar presente em tudo, até mesmo no cemitério.

Trabalhar com a temática da morte a partir do espaço cemiterial em sala de aula exigiu: planejamento, criatividade e principalmente habilidade retórica na hora de convencer a coordenação pedagógica e aos pais de liberarem os/as discentes

²¹⁵ RIGO, Kate Fabiani. Pedagogia Cemiterial. In: *Anais do IV Encontro da ABEC*. Piracicaba, 2010. CD-room Texto completo disponível em: <https://www.academia.edu/7621072/Pedagogia_Cemiterial_-_ABEC_2010> Acesso em: 15 abr. 2015.

para visitarem o espaço cemiterial com finalidade pedagógica. A necessidade de convencer a comunidade escolar à estudar questões relacionadas ao cemitério liga-se a ideia de “cegueira da morte” nas palavras de Edgar Morin: “Fazemos de conta que a morte não existe, pois a vida cotidiana é pouco marcada pela morte”.²¹⁶

Essa negação da morte se manifesta de diferentes maneiras como afirma Steyer:

A morte continua sendo um dos grandes tabus da civilização ocidental. O homem passa a maior parte de seus dias fugindo das discussões em torno dela, que sempre é motivo de pavor e ojeriza. Isso porque a morte permanece indecifrável, algo que o homem ainda não foi capaz de explicar em sua totalidade.²¹⁷

A autora Marisa Moura Verdade, complementa:

A consciência da morte, segundo os dados antropológicos, organiza-se de acordo com três perspectivas diante da morte, diferentes entre si, apesar de estreitamente relacionadas a saber: 1) a morte é um fato inevitável da existência; 2) a morte é um traumatismo do qual deriva uma ideia de destruição do ser; 3) a morte evoca imagens de outras vidas. Estes aspectos do processo de conscientização da morte fazem parte das discussões sobre os processos de ecologia mental. No momento, procuro deixar claro que toda morte impõe o sacrifício da vida, portanto, mesmo quando é desejada ou quando o risco é assumido intencionalmente, ela é traumática e significa uma perda lamentável. Por isso, é possível manter a afirmação: a humanidade não gosta de morrer.²¹⁸

Diante de todo este temor pela morte própria e do outro, a inserção da proposta foi realizada de forma gradual, por meio de um planejamento sistemático:

- Sondagem de interesse com a turma escolhida para a aplicação do cemitério como mediador de conteúdos curriculares.
- Apresentar à turma a relação existente entre o conteúdo desenvolvido e o uso do cemitério.
- Apresentar imagens do espaço cemiterial e seu potencial artístico
- Pedir uma análise pessoal das percepções dos/das discentes sobre o cemitério, antes e depois de uma breve explicação sobre a pesquisa cemiterial e a sua relação com o conteúdo selecionado.
- Realizar uma visita guiada no cemitério local.
- Promover um debate dirigido no cemitério com intuito de estabelecer um momento de aprendizado mútuo.
- Promover um debate dirigido e relatório sobre a visita no cemitério.
- Organizar com os/as discentes alguma culminância que envolva a comunidade escolar.

²¹⁶ MORRIN, Edgar. *O Homem e a Morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.p.63.

²¹⁷ STEYER, Fábio. Representações e Manifestações antropológicas da morte em alguns cemitérios do Rio Grande do Sul. In: BELLOMO, Harry R.(org.) *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCS, 2008. p. 90.

²¹⁸ VERDADE, 2006, p.39.

A inserção da temática da morte, e consequentemente, do cemitério em sala de aula, aconteceu com uma turma de primeiro ano do ensino médio em escola particular leiga, aliando o estudo de Grécia na Antiguidade com as alegorias cemiteriais. Como resultado desta ação foi a formação de um grupo extraclasse de pesquisa cemiterial dentro da escola.²¹⁹



Figura 47²²⁰

No mesmo ano, o tema do cemitério como um espaço de arte também foi abordado em outra instituição de ensino, agora confessional, numa turma de Ensino Técnico de Design Gráfico. Nesta turma a arte cemiterial foi norteadora das atividades e aliada aos temas do Romantismo, da Arte Neoclássica e do Modernismo a partir da temática cemiterial. O projeto proporcionou o trabalho interdisciplinar entre as docentes de História da Arte, Design Gráfico e Desenho Técnico. Como culminância desta integração interdisciplinar, as discentes do referido

²¹⁹ O grupo formou-se a partir do pedido dos/das discentes, com isso a docente (pesquisadora desta tese) aceitou a proposta de trabalhar com eles fora de seu horário contratual, de forma voluntária. O grupo extraclasse se reunia nas quartas-feiras com objetivo de estudar a arte existente nos cemitérios.

²²⁰ Foto do arquivo pessoal da pesquisadora. 2006.

curso apresentaram uma comunicação oral no II Encontro de Pesquisa Cemiterial²²¹ que ocorreu na PUCRS, em Porto Alegre.



Figura 48²²²

Com a criação do grupo extracurricular de 2006, na já referida escola particular leiga, discentes de variadas turmas começaram a se interessar pela temática cemiterial e passaram a integrar o grupo. Diante do interesse e do perfil dinâmico dos participantes, a pesquisadora inseriu mais um recurso de atenção e aliou a pesquisa cemiterial ao teatro, resultando na criação do Grupo Cemiterium Teatro e Pesquisa.²²³

²²¹ Em 2004 foi realizado, em conjunto com pesquisadores de São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Goiás e do Ceará o I Encontro sobre Cemitérios Brasileiros, na USP. Neste encontro foi fundada a ABEC (Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais), que tem por objetivo reunir, a cada dois anos, pesquisadores de todo Brasil para divulgar e publicar suas pesquisas.

²²² Foto retirada do arquivo pessoal da pesquisadora desta tese. 2006.

²²³ O grupo Cemiterium iniciou suas atividades, integradas com ao teatro no ano de 2007. Iniciou como um projeto extracurricular escolar e depois virou um grupo de teatro amador independente. Tinha por objetivo levar à temática cemiterial para o espaço escolar e comunidade em geral, através dos palcos. O Grupo manteve suas atividades até o ano de 2013.

Figura 49²²⁴

Desde o ano de 2006 até 2012, período em que a pesquisadora atuava como docente do ensino básico, o tema da morte e o espaço cemiterial sempre tiveram destaque nas turmas de 9º ano do ensino fundamental, 1º e 3º anos do ensino médio do ensino básico. A associação destas turmas com o tema foi proposital, considerando que nesta fase os/as adolescentes estão vivendo seus lutos e modificações biológicas, sociais, educativas e emocionais.

A morte e o cemitério invadiam o espaço escolar, a comunidade educativa se mobilizou e ocupou o espaço escolar para ver de perto como a temática poderia ser apresentada e representada por seus (suas) filhos (as) num projeto pedagógico. O primeiro projeto que levou o tema da morte e do cemitério para a escola através

²²⁴ Montagem produzida pela pesquisadora a partir do acervo fotográfico do Grupo Cemiterium.

de culminância aberta aos pais e demais representantes do núcleo escolar foi: Conflitos torturantes, cemitérios fascinantes. Neste projeto, os/as discentes criaram painéis com orientações gerais sobre os aspectos que poderiam ser estudados dentro da necrópole.



Figura 50²²⁵

Depois deste projeto temático, outros projetos utilizando o tema da morte e dos cemitérios também aconteceram²²⁶. Entretanto, o escolhido para finalizar essa narrativa de projetos foi desenvolvido no ano de 2012, numa escola particular de cunho confessional, com turma de 9º ano do ensino fundamental. Neste projeto, “O início do fim”, os/as discentes montaram um cemitério de conceitos. Com isso, cada um escolheu um conceito ou sentimento que julgavam estarem mortos ou que deveriam morrer, em nossa sociedade virtualizada.

²²⁵ Foto retirada do arquivo pessoal da pesquisadora. 2006.

²²⁶ Festas, Fenômenos e Final do Mundo (2007), Projeto Quem é o Loco? (2008), Projeto Tenso (2010), A Droga da Morte (2010) e Stop (2011).



Figura 51²²⁷

O cemitério é um potencial auxiliar no processo educativo, pois nele é possível desenvolver aspectos da História, períodos distintos da Arte, conceitos da Sociologia, conceitos de finitude, fé, religiosidade e questões sobre o tema da morte no Ensino Religioso. De acordo com Barbosa: “Componentes como a fé, ao contrário de serem subterfúgios alienatórios, servem para tornar a vida e as relações

²²⁷ Montagem elaborada pela pesquisadora a partir do seu arquivo pessoal. 2012.

mais saudáveis. Uma das razões é porque na fé e a partir dela se reconhece que a vida humana é finita”.²²⁸

Pensar no cemitério como um recurso de ensino aprendizagem é algo ousado no campo da Educação, já que a mesma se cerca de inúmeras teorias, mas dificilmente as coloca em prática. Para que o aprendizado ocorra acredita-se na necessidade de resgatar a ideia de reciprocidade de Bruner:

A vontade de aprender é um motivo intrínseco, ou seja, que encontra na prática tanto a fonte como a recompensa; torna-se um problema somente em condições especiais, como o de uma escola onde se determina um currículo confina-se os estudantes e segue-se um caminho fixo. O problema não está na aprendizagem em si, mas no fato de que as imposições da escola falham em despertar energias naturais que sustentam a aprendizagem espontânea – a curiosidade, o desejo de competência, a aspiração de seguir um modelo e a dedicação à reciprocidade social.²²⁹

Trabalhar com o espaço cemiterial provoca a curiosidade do grupo juvenil, incentiva à formulação de novas indagações e desenvolve o senso de reflexão sobre um tema que antes era visto como proibido ou inexistente: a morte. Também surge o interesse pelo desvendar do desconhecido, de acordo com Wadsworth: “O desconhecido e o não previsível podem provocar interesse e conflito cognitivo”.²³⁰

Considerando que o cemitério é um espaço de memória coletiva, individual, religiosa e cultural, se pode utilizar a ideia de Zanella para relacionar a utilidade pedagógica de aprendizagem que o estudo do espaço cemiterial pode oferecer:

A memória é um fator bastante importante na aprendizagem, pois que, sem ela as aprendizagens se tornariam sem significado. É a memória o elemento que faz a ligação entre o ontem e o hoje e, embora não existam ainda conhecimentos substanciais acerca de seu funcionamento, sabe-se que através dela, pelo menos em parte, aquilo que foi aprendido fica retido e, de alguma forma, alguns fatos podem ser reativados pela lembrança. A memória é elemento importante porque permite a identidade do ontem, estabelecendo a relação com o hoje, o agora. A retenção significa o reconhecimento e a reaprendizagem, processos sempre presentes quando se fala em aprendizagem.²³¹

Durante o desenvolvimento dos projetos que usaram o cemitério como objeto pedagógico, verificou-se que o tema foi divulgado pelos envolvidos de forma positiva, e não pejorativa. Quando aconteciam as saídas de estudos para o

²²⁸ BARBOSA, Iara Suckow. *Adolescente: eu já fui, meu filho é...por que somos tão diferentes?*. Curitiba: Encontro, 2008. p.107.

²²⁹ BRUNER, Jerome S. *Uma nova teoria de aprendizagem*. 3ed Rio de Janeiro: Bloch; Brasília: Instituto Brasileiro do Livro, 1975. p.125.

²³⁰ WADSWORTH, Barry J. *Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget*. São Paulo: Pioneira, 1993.p.154.

²³¹ ZANELLA, Liane. *Aprendizagem: uma introdução*. In: Rosa, Jorge La. *Psicologia e Educação: o significado de aprender*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.p.27-28.

cemitério, as turmas que não estavam envolvidas no projeto, perguntavam para os/as discentes participantes como havia sido o “passeio” e em seguida perguntavam a pesquisadora desta tese (em seu período de docência) quando seria a vez delas fazerem o mesmo “passeio”. O fato de perceberem e relacionarem a saída de campo como um passeio, e não como uma obrigação escolar, mostrou o quanto à temática é interessante aos olhos do/da adolescente do século XXI e o quanto eles se envolvem em projetos que os permitem participar e refletir sobre questões que rondam o mundo entre a vida e a morte.

4. PEDAGOGIA CEMITERIAL

O último capítulo se dedica a apresentar ideias de planos de aula e um material didático que contemple a temática da morte e do espaço cemiterial. Durante a pesquisa, foram encontrados trabalhos e pesquisas²³² que abordavam a importância de levar o tema da morte e do morrer aos bancos escolares. No entanto, não foram encontrados trabalhos ou pesquisas que se dedicaram a desenvolver um material didático norteador aos docentes interessados em inserir o tema da morte em suas aulas no ensino básico. A partir desta constatação, o último capítulo desta tese, se dedicou a montar protótipos e sugestões de atividades e planos de aula que abordam a morte e o cemitério como assunto pertinente a ser trabalhado nas escolas. Também foi elaborado um protótipo de livro didático a ser usado por docentes do século XX e aplicado aos discentes do século XXI.

O material didático-pedagógico foi elaborado a partir de pesquisas de campo em espaços cemiteriais do Brasil e da Alemanha. Também serviu como fonte de inspiração a visita ao Museum für Sepulkralkultur.²³³ O material gráfico criado a partir da série “Caveiras” do gravurista Mexicano José Guadalupe Posada, passou por um processo de modernização digital a partir de sua modificação digital num programa de edição de imagens on-line. A proposta pedagógica foi organizada a fim de promover uma aplicação prática em turmas do ensino básico (ensino fundamental série finais e ensino médio), levando em consideração que a mesma deve ser adaptada de acordo com o contexto sociocultural das turmas que venham adotar o material.

²³² Dentre os estudos encontrados sobre a importância de transpor o tema da morte para a escola, destaca-se: Os livros “*Conversando sobre o Luto*” de Edirrah Soares e Maria Aparecida Mautoni (2013); “*Pedagogia da Morte*” de Patrícia Marques (2013) e “*Educar para a morte*” de João Carlos Macedo (2011). E a dissertação de mestrado “*Conversando sobre a morte: uma proposta didático-pedagógica para crianças e adolescentes*” de Clarisse Luiz Krug (2002).

²³³ Museu da cultura Sepulcral, localizado na cidade de Kassel na Alemanha. O Museu conta com um rico acervo sepulcral e trabalha com projetos educativos dirigidos ao público escolar. Há uma variedade de ações e programas destinados ao tema da morte e do morrer em diferentes culturas e contextos. Site disponível em: <<http://www.sepulkralmuseum.de/>> Acesso: 03 maio 2015.

4.1. O cemitério e seu potencial educativo

Trabalhar com o espaço cemiterial provoca a curiosidade dos educandos e de todos os envolvidos na comunidade escolar. O espaço cemiterial possui inúmeros recursos de estudo e é uma excelente ferramenta pedagógica que resgata o interesse do/da adolescente *virtualizado (a)* do século XXI e auxilia o/a docente *desconectado (a)* do século XX a desenvolver uma atividade diferenciada e criativa com seus estudantes. O cemitério é uma “escola a céu aberto”²³⁴ por possibilitar o estudo das diversas áreas do conhecimento:

- Ciências Humanas (conceitos de coordenadas geográficas, espaço, localização, biografias, sociedades, religiosidade, fotografia, estatuária),
- Linguagens (análise de estilos literários e tradução dos epitáfios),
- Ciências Biológicas (flora, fauna, decomposição, solo),
- Ciências Exatas (geometria, estatística, proporção).

A aplicação da Pedagogia Cemiterial em sala de aula promove os/as discentes:

- A oportunidade de discutir e de refletir sobre a finitude humana,
- A visualização do espaço cemiterial como um local de memórias e de arte.
- A percepção prática de conteúdos como coordenadas geográficas, contaminação de solo, dados estatísticos sobre mortalidade, genealogia, história local, vegetação e fauna presentes nos cemitérios,
- A discussão sobre a diversidade religiosa presente em nosso país a partir dos túmulos e dos epitáfios.
- O conhecimento de ritos de despedida e a importância do respeito ao luto alheio.
- O desenvolvimento da criatividade e da expressão dos sentimentos por meio da arte funerária.
- Visualização da morte como fenômeno irreversível.
- A conscientização do patrimônio cultural existentes nos cemitérios.
- O desenvolvimento de novas abordagens artísticas que se utilizem do espaço cemiterial e do tema da morte como inspiração.

Temos um universo interdisciplinar num local que muitas vezes é restringido como a morada dos mortos. É preciso criar diversificadas práticas educativas que transformarão os/as estudantes do ensino fundamental ou médio em agentes de preservação e disseminação do estudo e da apreciação cemiterial.

²³⁴ A Pedagogia Cemiterial serviu de base para o projeto educacional intitulado “Trilha dos Ilustres Mortais” aplicado em escolas municipais do Bairro do Caju no Rio de Janeiro e coordenado por Marcelly Pereira. Disponível em: <<http://bairroeducador.blogspot.com.br/2013/02/ilustres-mortais.html>>. Acesso em 20 out. 2013.

4.2. As caveiras de Posada como recurso introdutório da temática da morte em sala de aula.

Utilizar as Caveiras de Posada liga-se ao propósito de difundir a cultura mexicana em relação ao seu culto aos mortos e de apresentar aos estudantes brasileiros o trabalho desenvolvido por José Guadalupe Posada.²³⁵ Posada foi um gravurista mexicano que utilizou dos traços da cultura mexicana para abordar problemas sociais de seu contexto através do tema da morte.

[...] o gravurista José Guadalupe Posada dedicou sua agilidade artística para representar a morte de maneira original; deu destaque especial à morte no imaginário da cultura popular mexicana. Ele começou a usar imagens de esqueletos que procuravam retratar as vaidades dos poderosos da época, juntamente com as das desigualdades sociais existentes. Fez muitas caricaturas da morte com conotações políticas, criando, assim, a tradição de criar caveiras no dia dos mortos, com o nome dos políticos e personagens da alta sociedade do momento; esta tradição continua até hoje, realizada de forma contínua, como modo de criticar, denunciar ou ridicularizar os políticos e os poderosos.²³⁶

As caveiras de Posada, usadas na construção deste capítulo, foram publicadas nos folhetins da Imprensa de Antonio Vanegas Arroyo e Tipografia 4ª de La Imprensa no início do século XX. Este material encontra-se disponível no acervo da Mapoteca do Ibero-Amerikanisches Institut (IAI) de Berlim, na Alemanha²³⁷.

A presente tese não pretende analisar as imagens, a biografia do artista e sua relação com o contexto mexicano em meados do século XX. A série de Caveiras foi utilizada como um instrumento visual-pedagógico para a introdução e sensibilização da temática da morte no espaço escolar, considerando que as

²³⁵ José Guadalupe Posada nasceu em 1852 na cidade de Aguascalientes e faleceu em 1913 na cidade do México. Sua vasta produção gráfica, estimada em mais de vinte mil ilustrações, com extraordinária imaginação e grande sentido humorístico da morte.

²³⁶ CONCONE, Maria Helena Villas Bôas; VILLASENOR, Rafael Lopez. A celebração da morte no imaginário popular mexicano. In: *Kairós*. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Saúde. v.15, 2012. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17036/12642>> Acesso em 05 abr. 2015.

²³⁷ A pesquisa, catalogação e recriação digital das Caveiras de Posada foram realizadas durante o programa de doutorado Sanduiche, na Alemanha entre os meses de abril e dezembro de 2014. A pesquisa teve o financiamento da CAPES numa parceria institucional entre a Faculdade EST e a Universidade de Göttingen, sob a orientação do Prof. Dr. Wilhelm Wachholz e co-orientação do Prof. Dr. Fritz Heindrich.

imagens possuem como tema central, a morte e traços da cultura mexicana em torno do dia dos mortos (Dia del Muertos).²³⁸

Dia dos Mortos se tornou uma celebração comemorativa que ainda mantém uma carga emocional e espiritual de convivência com os parentes falecidos, mas mediadas pelas concepções cristãs e ocidentais, nas quais os conceitos católicos e os costumes indígenas estão interligados. A oferenda é servida na crença de que a noite o morto retorna a sua casa para compartilhar com os vivos os alimentos e bebidas que tenham sido dispostos em sua honra. No entanto, este ritual é acompanhado por orações e cânticos sagrados alusivos ao funeral católico.²³⁹

A pesquisa ocorreu de forma empírica e com a manipulação *in loco* das imagens disponíveis, para consulta local, na mapoteca do Ibero-Amerikanisches Institut. Durante o processo de catalogação e arquivamento, 96 páginas de folhetins do século XX²⁴⁰ foram digitalizadas, dando destaque as que continham as caveiras do gravurista mexicano José Guadalupe Posada. A partir destas 96 páginas, foram catalogadas 461 caveiras.

²³⁸ O Dia dos mortos no México é uma data é vivida com muito entusiasmo, alegria, flores, comida, e caveiras sorridentes de açúcar; a morte é ridicularizada e celebrada com músicas, bebidas alcoólicas e rezas. Para saber mais: CONCONE, 2012.

²³⁹ “El Día de Muertos se ha convertido en un festejo conmemorativo que aún conserva una carga emotiva y espiritual de convivencia con los parientes fallecidos, pero matizada por concepciones cristianas y occidentales, en el que se entremezclan costumbres y conceptos católicos e indígenas. La ofrenda se ofrece con la creencia de que esa noche los muertos regresaran a sus casas a compartir con los vivos los alimentos y bebidas que han instalado en su honor. Sin embargo, este ritual se acompaña de rezos y cantos sacros en clara alusión de las honras fúnebres católicas” – Tradução nossa. LIMONES, Carlos Alberto Mercado; CERRILLO, Luz de Lourdes Serna. *Catrina y sepulcro* - Cultura y espacios funerarios en México. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2006. p.42.

²⁴⁰ Folhetins da Imprensa de Antonio Vanegas Arvo e Tipografia 4ª de La Imprenta. Ambos os folhetins com divulgação editorial de 1902 até 1913.

Figura 52²⁴¹

Deste montante, foram selecionadas 42 imagens com as caveiras que foram alteradas digitalmente²⁴² com a intenção de deixá-las mais atrativas para o uso didático com adolescentes virtualizados. A seleção ocorreu de acordo com o potencial atrativo que as mesmas teriam em relação ao público adolescente.

A seguir, exemplifica-se por meio de recorte ilustrativo e comparativo entre o material encontrado na mapoteca do IAI e o material manipulado digitalmente por meio de programa virtual de edição de fotos.

²⁴¹ Material disponível para consulta local na Mapoteca do Ibero-Amerikanisches Institut. Pasta nº1.

²⁴² A manipulação das imagens foi realizada a partir de um programa online de edição de fotos chamado pixlr. Disponível em: <<https://pixlr.com>> Acesso em: 10 out. 2014.

Figura 53²⁴³

Ao pensar no desenvolvimento de um material didático, que inserisse a temática da morte no espaço escolar foi necessário adaptar o material encontrado, uma vez que a intenção era de cativar o interesse e a atenção do/da adolescente virtualizado (a). A seguir uma amostra gráfica de como se deu o processo de alteração digital das imagens até sua finalização.

²⁴³ Material manipulado digitalmente pela autora desta tese.

Figura 54²⁴⁴

As “Caveiras” apresentadas nas obras de José Guadalupe Posada possibilitam o desenvolvimento de um trabalho introdutório sobre a temática da morte e fornece aos docentes e discentes a oportunidade de conhecerem o trabalho de um artista mexicano. Além de provocar a reflexão e o debate sobre a multiplicidade cultural existente em torno da temática da morte nas mais diversas regiões da América. Suas obras com a temática da cultura da morte no México podem ser usadas nas aulas de Ciências Humanas.

4.3. Propostas pedagógicas para a inserção da temática da morte no Ensino Básico

As propostas “A morte como instrumento de resgate e valorização da vida e da comunidade” e “Vivendo a partir de minhas mortes diárias” foram elaboradas para turmas de 9º ano do ensino fundamental e para turmas do 3º ano do ensino médio, respectivamente. Esta escolha também se dá por serem anos de conclusão de ciclo, de cisão e corte, em que jovens sentem na carne a morte de um grupo e o luto da separação. Ambas sugerem planos de estudos divididos em quatro aulas de

²⁴⁴ Material alterado digitalmente pela autora da tese.

cinquenta minutos cada. O planejamento²⁴⁵ levou em consideração a reduzida carga horária do Ensino Religioso ou de Valores (como é intitulada o referente componente curricular em muitas escolas do ensino público) existente nas escolas do ensino básico.

Para uma melhor visualização das propostas didáticas, optou-se por apresentar cada uma em separado. Por fim, o processo de criação do livro “Vamos começar pelo fim?” será exposto.

4.3.1. A morte como instrumento de resgate e valorização da vida e da comunidade

O projeto foi elaborado para uma turma de 9º ano do ensino fundamental, e a escolha específica desta série está associada à faixa etária selecionada para o desenvolvimento desta tese. Além disso, o 9º ano é o ano de encerramento, a MORTE de uma etapa escolar, é o final do ensino fundamental da educação básica, ano em que muitos grupos de amizade se desfazem, é um período de LUTO pelas separações destes vínculos, e o início das grandes modificações corporais e emocionais dentro do espaço escolar.

A adolescência é uma fase de transição como qualquer fase do desenvolvimento. É um período de lutos, [...], pois o adolescente tem de realizar a perda do seu corpo infantil, da sua identidade como criança e precisa elaborar a perda dos pais infantis.²⁴⁶

Pensando nestas modificações e nas características gerais de uma turma de 9º ano do ensino fundamental, foi criado um plano de ação em quatro aulas. A primeira aula tem por objetivo fazer uma sondagem sobre o quanto os/as discentes estão familiarizados (as) ou afastados (as) da temática da morte. Desta forma, o planejamento foi realizado a partir de uma perspectiva dialógica e interativa.

²⁴⁵ Faz-se necessário reforçar que, o plano criado é apenas um protótipo de ação e que o mesmo deve ser adaptado de acordo com a realidade do grupo e da carga horária disponível para a sua aplicação.

²⁴⁶ KOVÁCS, Maria Júlia. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014. p.54.

Aula 1
Duração: 1 período
Assunto: O que é a morte?
Objetivo: Apresentar aos discentes um momento de reflexão e discussão a partir da temática da morte e do morrer na sociedade contemporânea. Ter esclarecimentos sobre a temática da morte, no período da adolescência é de extrema importância, uma vez que é neste período em que o/a adolescente passa por um processo de luto pessoal por ter deixado o seu corpo infantil e estar se adaptando ao seu corpo juvenil. É um intenso período de experimentações e de testagens que podem resultar em condutas de risco a sua própria vida. Assim, acredita-se que falar e discutir sobre a morte e sobre a sua finitude faça com que o/a adolescente pense antes de cometer uma atitude de risco.
Plano de ação
1ª parte: Perguntar aos discentes o que é a morte.
2ª parte: Breve explicação a partir das respostas dadas pelos/pelas discentes
3ª parte: Os/As discentes devem registrar, por meio da escrita ou do desenho, como descreveriam a morte, caso ela fosse uma pessoa.
4ª parte: recolhimento da atividade
Recursos: Folha em branco, lápis, caneta, borracha e lápis de cor ²⁴⁷

O segundo plano de aula apresenta a cultura mexicana diante da temática da morte e do morrer. A aula seria calcada na exposição e análise das obras de José Guadalupe Posada, e após a apresentação da temática incentivar os/as discentes a utilizarem a sua criatividade a partir do que foi apresentando em aula. Esta aula tem o objetivo de mostrar aos discentes uma visão cultural diferente sobre as questões de morte e morrer.

²⁴⁷ Observação: recolher esta atividade auxiliará o/a docente a perceber o quanto o assunto pode motivar ou assustar os discentes. Será um recurso fundamental para poder conduzir de maneira adequada às próximas aulas.

Aula 2
Duração: 1 período
Assunto: A morte é uma festa? A Arte de José Posada
Objetivo: Apresentar a temática da morte por meio de obras artísticas, com ênfase nas obras de José Guadalupe Posada. A utilização das obras do artista Mexicano tem como intuito a discussão da temática da morte a partir de um referencial latino-americano, além de ilustrar e informar aos discentes sobre a cultura da morte no México.
Plano de Ação
1ª parte: Levar a turma para um espaço com audiovisual para que as imagens possam ser visualizadas pelos/pelas discentes.
2ª parte: Explicar brevemente o ritual mexicano e a cultura da festa dos mortos.
3ª parte: Ao passar as imagens, deixar uns dois minutos para os/as discentes observem e escrevam suas impressões sobre cada imagem apresentada.
4ª parte: Perguntar aos discentes sobre suas percepções diante das imagens. O que pensaram sobre crianças e adultos participarem de uma festa em comemoração a memória dos mortos. Como imaginam a reação da comunidade local, caso fosse organizada uma festa dos mortos ao estilo mexicano no dia de Finados.
4º parte: Pedir aos discentes que criem possíveis manchetes sobre uma hipotética realização de uma festa dos mortos, nos moldes mexicanos, no jornal da cidade. Discutir no grande grupo os resultados.
Recursos: Data Show e caderno

Num terceiro momento, seria introduzida a temática da morte em tempos de virtualização. A intenção desta aula é provocar a discussão e um momento de reflexão em torno do tema a partir da interação entre grupos e do debate dirigido. Esta aula pode ajudar a verificar as reações dos/das discentes diante do tema e identificar aqueles que podem estar vivendo uma ideação suicida.

Aula 3
Duração: 1 período
Assunto: Rituais e memória mortuária em tempos de virtualização
Objetivo: Apresentar aos discentes os diferentes tipos de rituais funerários e as formas encontradas pelos vivos para relembrar os seus mortos. O tema desta aula está ligado diretamente a virtualização da morte. Atualmente, os/as adolescentes compadecem ao luto alheio por meio das redes sociais. A participação de crianças e adolescentes nos rituais funerários da pós-modernidade está cada vez menor, uma vez que as famílias acreditam que estão os poupando do sofrimento. Grandes partes dos/das adolescentes virtualizados sabem pouco sobre os tipos de destinação do corpo pós-morte.
Plano de Ação
1ª parte: Breve explicação sobre a dinâmica do enterramento, cremação e transformação do morto em diamante.
2ª parte: Divisão da turma em grupos
3ª parte: Em dez minutos os/as discentes deverão discutir a forma que gostariam de ter o destino final de seus corpos.
4ª parte: Cada grupo deve ter apenas três minutos para apresentar suas conclusões
5ª parte: Perguntar ao grande grupo como eles se sentiram ao ter que pensar sobre o seu próprio morrer. A expressão das respostas pode ser em forma de debate ou registro pessoal que pode ou não ser entregue ao docente. A forma que se dará a quarta etapa está diretamente ligada ao perfil da turma.
Recursos: Data show

Por fim, a última aula apresentaria o espaço cemiterial como um lugar de saudade, arte e muita história. A última aula tem como objetivo incentivar o desenvolvimento de uma culminância prática que envolva toda a comunidade escolar sobre o tema da morte e do cemitério.

Aula 4
Assunto: Onde moram nossos mortos?
Objetivo: Apresentar o cemitério como um espaço de memória e de arte. Muitas pessoas não conhecem o valor histórico, cultural e comunitário dos cemitérios. A cultura pós-moderna está substituindo suas necrópoles por lugares que pouco se parecem com um cemitério, como no caso dos cemitérios parques ou o aumento das cremações. Essa dinâmica faz com que os antigos cemitérios comunitários ou confessionais sejam esquecidos pela própria comunidade. Apresentar aos adolescentes o cemitério como lugar de memória é uma forma de revitalizar o espaço e de incentivar a preservação da história local.
Plano de Ação
1ª parte: Perguntar aos discentes sobre o que eles pensam do cemitério. Possuem o hábito de visitar? Visitam alguém no cemitério? Como se lembram daqueles que já foram?
2º parte: Mostrar imagens de obras, sem dizer que são de cemitério e ir perguntando o que pensam sobre elas.
3º parte: Mostrar o cemitério como importante lugar de memória e arte
4ª parte: Propor a criação de uma culminância que apresente para o espaço escolar a importância de se falar sobre a morte numa época marcada pela violência. Essa culminância deve ser nomeada pelos/pelas discentes e organizada de maneira interativa e participativa por todos da turma. O/A docente será apenas um mediador no processo.
Sugestões de temas e perguntas norteadoras para o desenvolvimento do projeto: Como quero ser lembrado pelas próximas gerações? O cemitério pode ser um lugar de arte? Cemitério de sentimentos. Quais valores morreram na sociedade atual? O que morreu em mim? Como será o cemitério do futuro? Enterro dos sentimentos que não me fazem bem. Uma festa em nome dos mortos. Um cemitério de tristezas
Recursos: Data show

4.3.2. Vivendo a partir de minhas mortes diárias

Este projeto foi desenvolvido pensando em turmas de 3º ano do ensino médio da educação básica, época em que o/a discente passará por mais um período de luto, que não está mais associado apenas ao seu corpo infantil, mas de desligamento de seu grupo escolar. É o momento de pressão emocional e social, uma vez, que o término do ensino médio representa uma ruptura do seu status de adolescente para jovem adulto (a), já que agora ele/ela está apto (a) socialmente para escolher uma profissão e sair da casa de seus pais para construir sua própria história.

A adolescência é um período do desenvolvimento em que a vida e a morte encontram o seu auge. A vida pela sua possibilidade de desenvolvimento pleno e a morte como uma continuação desta plenitude, embora o adolescente dê o tempo todo a impressão de que, para ele, ela não existe. A passagem para assim chamada vida adulta demanda um assentamento de toda a impulsividade desta fase, e a construção da profissão, de seu lugar na comunidade, a constituição da família e a criação dos filhos.²⁴⁸

Considerando este contexto, o projeto criado para adolescentes em final do ciclo escolar, a primeira aula foi montada com o intuito de verificar o conceito de morte definido pela turma. Nesta aula o/a docente terá a oportunidade de analisar e observar os/as discentes que possam estar envolvidos numa prática autolesiva ou com uma ideação suicida mais evidente.

²⁴⁸ KOVÁCS, 2014, p.57.

Aula 1
Duração: 1 período
Assunto: O que é a morte?
Objetivo: Apresentar aos discentes um momento de reflexão e discussão a partir da temática da morte e do morrer na sociedade contemporânea. Ter esclarecimentos sobre a temática da morte, no período da adolescência é de extrema importância, é neste período em que o/a adolescente passa por um processo de luto pessoal por ter deixado o seu corpo infantil e estar se adaptando ao seu corpo juvenil. É um intenso período de experimentações e de testagens que podem resultar em condutas de risco contra sua própria vida. Assim, acredita-se que falar e discutir sobre a morte e sobre a sua finitude faça com que o/a adolescente pense antes de cometer uma atitude de risco contra sua própria vida.
Plano de Ação
1ª parte: Perguntar aos discentes o que é a morte? Como enfrentamos a morte no dia-a-dia? É possível morrer sem estar morto?
2ª parte: Breve explicação a partir das respostas dadas por eles/elas.
3ª parte: Os discentes devem registrar por meio de uma breve redação a sua percepção sobre o que é a morte. Se já passaram por alguma situação de perda no meio familiar ou de convívio? É possível morrer sem estar morto? O que ou quem gostaria que fosse eterno?
4ª parte: recolhimento da atividade ²⁴⁹
Recursos: Folha em branco e caneta

Num segundo encontro, os/as discentes teriam a oportunidade de conhecer um pouco da cultura mexicana e sua relação com os cultos de morte. A aula seria baseada na exposição e análise das obras de José Guadalupe Posada, e após a apresentação da temática incentivar os/as discentes a utilizarem a sua criatividade a

²⁴⁹ Observação: recolher esta atividade auxiliará o/a docente a perceber o quanto o assunto pode motivar ou assustar os/as discentes. Também ajudará na sondagem de identificação dos/das discentes que estão passando por algum processo depressivo ou de luto não resolvido. Será um recurso fundamental para poder conduzir de maneira adequada às próximas aulas.

partir do que foi apresentando em aula. Reforça-se que o objetivo de apresentar a cultura mexicana liga-se a apresentação de outro olhar cultural sobre a morte e o morrer, e em hipótese alguma, tem-se a intenção de incentivar o comportamento suicidários.

Aula 2
Duração: 1 período
Assunto: A morte é uma festa? A Arte de José Posada
Objetivo: Apresentar a temática da morte por meio de obras artísticas, com ênfase nas obras de José Guadalupe Posada. A utilização das obras do artista Mexicano tem como intuito a discussão da temática da morte a partir de um referencial latino-americano, além de ilustrar e informar aos discentes sobre a cultura da morte no México.
Plano de Ação
1ª parte: Levar a turma para um espaço audiovisual para que as imagens possam ser melhor projetadas e visualizadas pelos/pelas discentes.
2ª parte: Explicar brevemente o ritual mexicano e a cultura da festa dos mortos e que o termo festa não está associado a um incentivo ao comportamento suicidários.
3ª parte: Discutir com os/as discentes sobre os impactos culturais que poderiam surgir se “Dia dos Mortos” fosse adotado em sua cidade no dia de Finados.
4º parte: Discutir com os/as discentes sobre o medo que temos de falar da morte, mesmo em tempos de violência.
5º parte: Pedir para que os/as discentes criem um folder explicativo e criativo convencendo a comunidade local a participar de uma festa dos mortos nos moldes mexicanos. Discutir no grande grupo os resultados.
Recursos: Data Show, folhas em branco, lápis de cor.

A terceira aula seria dedicada ao tema da morte e as novas formas de preservar a memória dos mortos. Tem o objetivo de provocar a discussão e um

momento de reflexão em torno do tema a partir da interação entre grupos e do debate dirigido. Além disso, incentivar a reflexão do tema por meio de uma atividade criativa e artística.

Aula 3
Duração: 1 período
Assunto: Rituais e memória mortuária em tempos de virtualização
Objetivo: Apresentar aos discentes os diferentes tipos de rituais funerários e as formas encontradas pelos vivos para relembrar os seus mortos. O tema desta aula está ligado diretamente a virtualização da morte. Atualmente, os/as adolescentes compadecem ao luto alheio por meio das redes sociais. A participação de crianças e adolescentes nos rituais funerários da pós-modernidade está cada vez menor, uma vez que as famílias acreditam que estão o poupando do sofrimento. Grande parte dos/das adolescentes do século XXI possui pouca informação sobre os tipos de destinação do corpo pós-morte.
Plano de Ação
1ª parte: Breve explicação sobre a dinâmica do enterramento, cremação e transformação do morto em diamante.
2ª parte: divisão da turma em grupos
3ª parte: Em dez minutos os/as discentes deverão discutir a forma que gostariam de ter o destino final de seus corpos.
4ª parte: Cada grupo deve ter apenas três minutos para apresentar suas conclusões
5ª parte: Debater no grande grupo as conclusões apresentadas
6ª parte: Pedir aos discentes que tirem fotos durante dois dias de situações, lugares e momentos em que a morte esteve presente. A partir destas fotos, fazer uma montagem poética sobre o tema geral do projeto “Vivendo a partir de minhas mortes diárias”. Essa montagem deve ser entregue de forma impressa e depois ser exposta na própria sala de aula da turma, a fim de promover a discussão a partir do olhar deles sobre suas mortes diárias. Os trabalhos não devem ser identificados.
Recursos: Data show

Por fim, a última aula dedicada ao projeto tem o objetivo de proporcionar aos adolescentes momentos de reflexão e de discussão sobre as mortes diárias vividas por eles. É uma forma de deixar a aula significativa e dinâmica e de dar aos docentes a oportunidade de conhecer melhor as angústias e medos que assustam seus/suas discentes.

Aula 4
Assunto: Vivendo a partir de minhas mortes diárias
Objetivo: Fazer com que os/as discentes tenham a possibilidade de enxergar as suas ansiedades e de seus/suas colegas nesta época tão intensa de suas vidas. Estes/Estas discentes não estão passando apenas por um processo de mudança corporal, mas estão a um passo de uma mudança social: o final do ensino médio. Sabemos que o/a adolescente do século XXI se expressa por meio de imagens e por seus constantes “<i>selfies</i>” compartilhados nas redes sociais. A ação tem o objetivo de promover o debate e a reflexão sobre a existência individual e coletiva, além de possibilitar um olhar mais atento aos pedidos de socorro que, muitas vezes não escutamos por falta de atividades de expressão do/da próprio (a) adolescente.
Plano de Ação
1ª parte: Recolher o material solicitado e misturá-los.
2º parte: Distribuir aleatoriamente aos discentes e pedir para que montem no fundo da sala um memorial da turma.
3º parte: Deixá-los observando as imagens (se possível com uma trilha musical que possibilite a reflexão do grupo) e depois pedir para que sentem no chão em frente ao memorial.
4ª parte: discutir sobre suas percepções em relação ao processo de execução, escolha das fotos, criação e exposição.
5ª parte: Perguntar o como gostariam de ser lembrados: por suas mortes ou por suas vitórias diárias? Como fariam uma antítese deste memorial?
4ª parte: Propor a criação de uma culminância que apresente para a

comunidade escolar a importância das mortes diárias e quanto é difícil ser adolescente num período no qual ser perfeito é uma regra e não uma opção.
Essa culminância deve ser nomeada pelos/pelas discentes, organizada de maneira interativa e participativa por todos da turma. O/A docente será apenas um mediador no processo.
Recursos: Montagens elaboradas pelos próprios discentes, fita dupla face e som.

As propostas apresentadas são apenas sugestões e são de livre modificação para atender de forma adequada a turma participante de acordo com o seu contexto. São apenas linhas norteadoras pensadas para melhor desenvolver a temática da morte e do cemitério em um contexto escolar. Os planos de aula apresentados neste item servem para auxiliar o/a docente a melhor perceber as angústias e dúvidas que assolam seus/suas discentes frente aos temas da morte e do morrer.

4.4. Vamos começar pelo fim?

O projeto “Vamos começar pelo fim?” foi organizado em forma de livro para facilitar a aplicação da temática da morte e do morrer no espaço escolar. O objetivo inicial, deste capítulo estava pautado apenas na organização dos planos de aula que pudessem ser aplicados no ensino básico. No entanto, ao trabalhar com a edição das caveiras de Posada foi percebido o potencial didático das imagens e a partir disso foi iniciado o processo de criação e montagem de um livro didático. Este livro deveria ter como características: a fácil manipulação, textos curtos e provocativos, atividades que promovessem a interação do/da docente e do/da discente a partir da discussão da temática da morte e do espaço cemiterial em sala de aula.

O projeto foi discutido entre a pesquisadora e o seu orientador, e ambos chegaram ao consenso de que a criação de um livro poderia auxiliar o/a docente a melhor conduzir o projeto e sua aplicabilidade dentro da escola. Cada página do livro tem uma intenção, deste modo se faz necessário explicar cada uma delas, iniciando pela capa.

O título do livro “Vamos começar pelo fim?” tem a intenção de chamar a atenção do/da adolescente e de provocar a curiosidade, tanto por meio do nome quanto da imagem da caveira com a foice sentada num relógio. Sendo esta uma maneira de provocar o debate sobre a morte e finitude, já na capa do material.



Figura 55

A estrutura do livro segue a lógica de capítulos curtos, com pouco texto, muito espaço e algumas ilustrações. O objetivo está em oferecer um material didático que suscite a reflexão e o desenvolvimento da criatividade a partir de um tema que gera curiosidade ao mesmo tempo em que provoca o medo.

Table of Contents	
Sobre o livro	4
Onde a morte pode estar presente?	5
E quando a morte chega?	6
Fases do Luto	7
Eu vejo a morte como...	8
Podemos morrer, mesmo quando estamos vivos?	9
Vivendo a partir das minhas mortes diárias	10
Qual a melhor maneira de dizer adeus?	11
A morte pode ser comemorada?	12
Posada e suas caveiras	13
Onde moram os mortos?	14
Uma arte cheia de sentimento	15
Desafiando a imaginação	16
Material Gráfico Complementar	17
Animações com o tema da morte	19
Imagens de Posada	20
Sobre a Autora	21

2

Figura 56

A introdução consiste numa apresentação provocativa e com perguntas que incitem o debate interativo entre docentes e discentes. As perguntas podem ser evidenciadas pelo/pela docente e respondidas pelos/pelas discentes, sendo esta uma forma de oportunizar a expressão do pensamento do/da discente em relação ao tema da morte e do morrer.

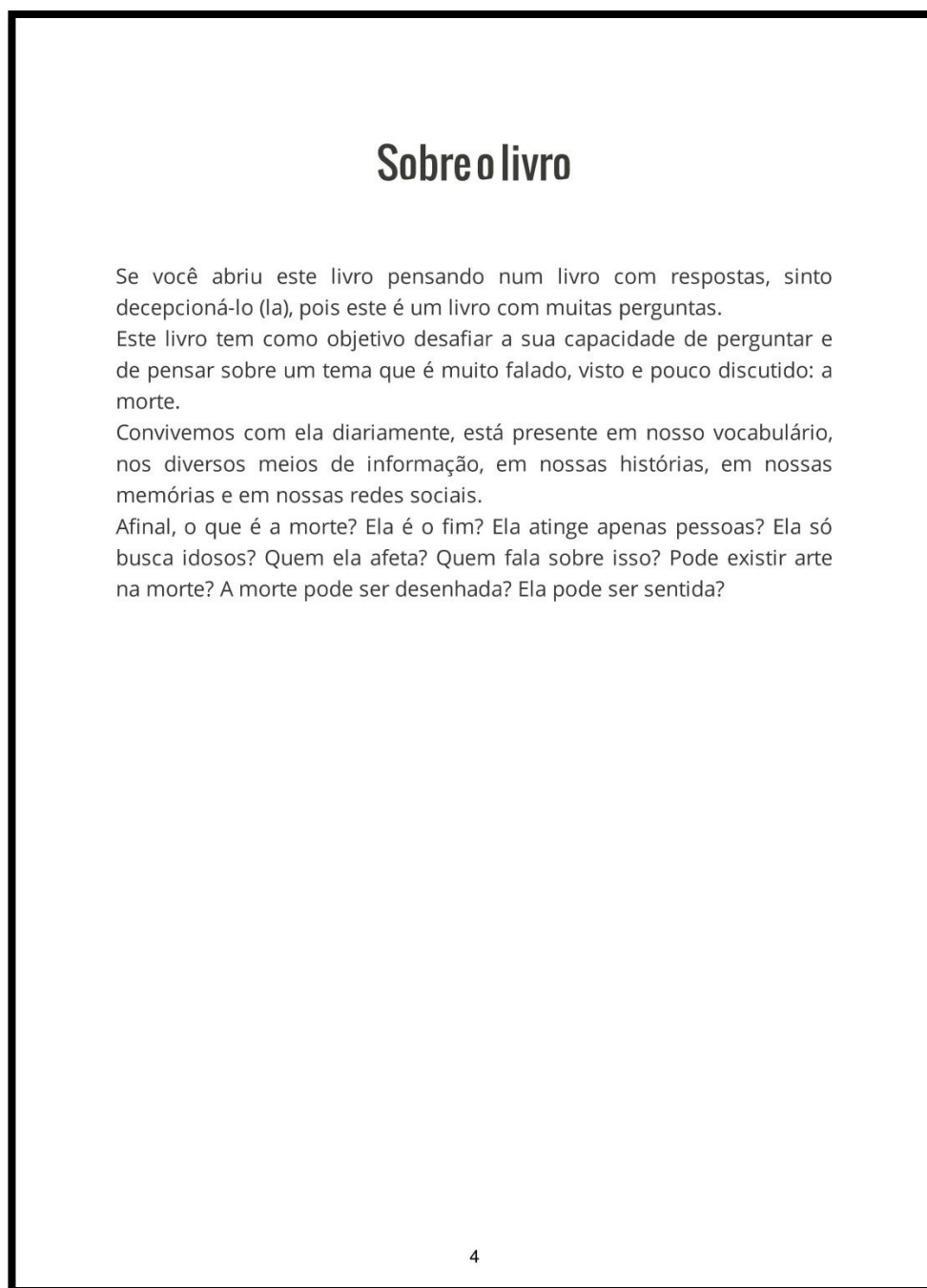


Figura 57

O capítulo de abertura tem o objetivo de fazer com que o/a adolescente reflita sobre a morte e como ela pode ser encontrada. É um capítulo de sondagem, que permitirá aos docentes uma visão ampla da turma, em relação aos seus saberes sobre o tema da morte. O amplo espaço em branco permite o registro escrito ou ilustrativo das percepções do/da adolescente diante do tema.

Onde a morte pode estar presente?

Utilize este espaço para registrar situações e lugares onde a morte pode estar presente.

5

Figura 58

O próximo capítulo apresenta a morte e sua relação com o processo de luto. Como abordado nos demais capítulos desta tese, a sociedade contemporânea pouco fala de morte e do morrer e com isso não se sabe mais como agir com o enlutado. Desta forma, o capítulo faz com que o/a adolescente pense e se coloque no lugar de alguém que perdeu alguma pessoa próxima. Além disso, permite que o/a adolescente reflita sobre a morte como um ato permanente que provoca a dor naqueles que ficam.

E quando a morte chega?

A morte não acolhe apenas um grupo étnico, uma classe social, uma comunidade religiosa ou uma faixa etária específica. Nem sempre sabemos como agir ou como falar com alguém que esteja passando por uma perda ou em processo de luto.

Cada pessoa reage de uma maneira diante da presença da morte, assim, registre como você gostaria que agissem com você num momento de perda?

Em grupos pensem em estratégias para ajudar uma pessoa que perdeu algum ente querido ou um(a) amigo (a).

Figura 59

O capítulo a seguir apresenta de forma superficial as fases do luto. A superficialidade da abordagem está ligada ao intuito de provocar a curiosidade do/da adolescente e de fazer com que ele/ela mesmo (a) busque as informações no espaço virtual e depois crie de forma artística uma maneira de explicar suas descobertas para os/as demais colegas.

Fases do Luto

Quando alguém perde uma pessoa querida ou um bichinho de estimação, é normal passar por períodos de negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Estes períodos são chamados de: as fases do Luto.

Pesquise na internet sobre estas fases e pense em estratégias artísticas para explicar cada uma delas para alguém que não conheça estas etapas.

7

Figura 60

O próximo sugere que o/a discente expresse em palavras ou imagens como ele/ela descreveria a morte e qual a aparência que ela teria. É um capítulo que auxilia o/a adolescente a expressar seu imaginário sobre esta figura tão temida na sociedade virtualizada.

Eu vejo a morte como...

Use este espaço para descrever a sua visão de morte. Se ela fosse uma pessoa, como ela seria?

8

Figura 61

O capítulo a seguir tem o objetivo de fazer com que o/a discente amplie o seu pensar sobre a morte e que debata com seus pares, o que significa morrer na adolescência. Neste momento, o/a docente terá a oportunidade de observar seus/suas discentes em relação aos comportamentos autolesivos e suicidários.

Podemos morrer, mesmo quando estamos vivos?

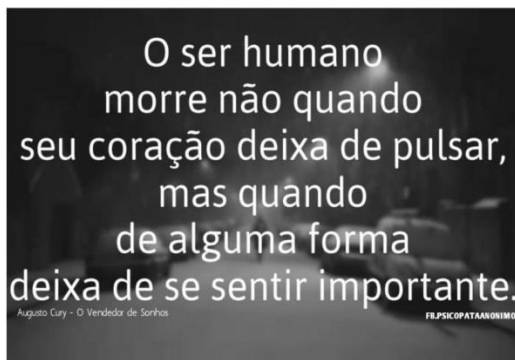
Quais são as situações em que podemos morrer e ainda permanecemos vivos? Registre em forma de história, poema, música ou desenho uma destas situações.

9

Figura 62

A seguir, o capítulo tem o objetivo de sondar as angústias percebidas pelos discentes nesta fase da adolescência. Como ele/ela se percebe diante de si e dos outros, sendo este, mais um momento que possibilitará a observação do/da docente em relação aos discentes que estão ou próximos de entrar nas zonas de risco do comportamento autolesivo e suicidários.

Vivendo a partir das minhas mortes diárias



Você concorda com esta postagem? É possível morrer e permanecer vivendo? Como lidar com nossas mortes diárias? Como você lida com suas angústias? Quem te ouve ou abraça nestes momentos de morte?

Para pensar sobre isso de uma forma mais prática, proponho a você que tire fotos, durante dois dias, de situações, lugares e momentos em que a morte esteve presente. Depois de feitas as fotos, crie uma montagem poética com o tema deste capítulo: “Vivendo a partir de minhas mortes diárias”. Essa montagem deve ser entregue de forma impressa e, depois pode ser exposta (sem identificação) em algum lugar onde as pessoas possam também pensar sobre suas mortes diárias.

Figura 63

O próximo capítulo tem como tema central os tipos de procedimentos que podem ser realizados depois da morte. Ele proporcionará uma reflexão por parte do/da adolescente sobre a melhor forma de dizer adeus a uma pessoa próxima.

Qual a melhor maneira de dizer adeus?

Numa época em que somos consumidos por inúmeras tarefas do cotidiano. Numa época onde não temos tempos de pensar sobre nossas vidas, como pensaremos sobre a morte?

Quando ela chega, o que podemos fazer: Como devemos proceder?

Busque informações sobre as diferentes formas de se despedir das pessoas que foram levadas pela morte.

Depois de realizada a pesquisa, discuta com seus colegas como você gostaria de ter o seu final conduzido por seus parentes e amigos.

Como você acha que eles iriam reagir? A sua cerimônia seria religiosa?

Seria registrada nas redes sociais? Como você gostaria de ser lembrado por seus amigos e familiares? O que você ainda quer fazer antes de morrer?

Figura 64

O capítulo apresenta uma cultura do morrer diferente da nossa: o dia dos mortos no México. Ele permite que o/a discente tenha contato com outra cultura e com outra forma de encarar a morte do outro.

A morte pode ser comemorada?

Sim, em diversos países da América Latina a morte é comemorada com uma grande festa. O Dia dos Mortos é considerado um importante feriado no México. As comemorações ocorrem do dia 31 de outubro ao dia 2 de novembro. Toda a decoração é composta por cores, caveiras decoradas e muita comida. De acordo com a crença popular os mortos podem interagir com os vivos nestas datas específicas.



No período de Finados, os vivos dão as boas-vindas às almas que já partiram com o oferecimento de flores, alimentos que são especialmente preparados, além de velas e incensos.

E você, como enxerga o dia dos Finados? Como você e sua família homenageiam as pessoas queridas que já partiram?

Pesquise mais sobre a Festas dos Mortos no México, e partir dela, crie alguma maneira explicativa e criativa que convide e convença as pessoas a participarem de uma festa dos mortos nos moldes mexicanos em sua cidade.

Como você acha que a comunidade local iria reagir ao convite e a este evento?

Figura 65

O próximo capítulo apresenta o gravurista mexicano José Guadalupe Posada e sua série de Caveiras. Neste é possível conhecer de forma sucinta a história do gravurista e sua relação com a cultura mexicana em relação ao culto de seus mortos.

Posada e suas caveiras

José Guadalupe Posada nasceu no dia 2 de fevereiro de 1852, na cidade de Aguascalientes, México. Era um artista popular que ficou conhecido por sua série de gravuras que transformavam personalidades políticas mexicanas em caveiras e, as colocavam em situações do cotidiano local.

Foi com o tema da morte que Posada conseguiu extravasar suas angústias sociais e com suas caveiras conseguiu chamar a atenção de todos sobre os problemas sociais enfrentados pelo México em seu tempo.



E você. Como poderia usar o tema da morte para expressar suas angústias sociais ou pessoais?

Use o seu talento artístico, literário ou fotográfico para usar o tema da morte como mediador de seus sentimentos e indagações.

Figura 66

O capítulo seguinte apresenta o cemitério como a morada dos mortos e seu potencial de ação educativa para o/a docente. É um capítulo que incentiva a reflexão sobre o espaço dos mortos e sua relação com a história local.

Onde moram os mortos?



Como você define um cemitério? Você se sentiria bem passeando por um? Você já visitou algum cemitério? Você tem quem visitar no cemitério? Você acha que o cemitério é um bom lugar para se lembrar de alguém?

Quais são os outros espaços que podemos encontrar e lembrar daqueles que já morreram?

O que podemos descobrir no cemitério? Que tipo de informações podemos conseguir sobre uma determinada localidade?

Figura 67

Neste capítulo o cemitério passa a ser apresentado como um local repleto de arte e significado. Ele incentiva o/a docente a propor uma saída de estudos ou aos discentes pesquisarem na internet sobre os campos santos e suas obras de arte. É um capítulo que permite o trabalho interdisciplinar.

Uma arte cheia de sentimento

É tão estranho, tem pessoas que acham esse lugar mórbido e até mesmo sombrio. Como podem pensar isso de um local tão tranquilo, com uma vizinhança silenciosa. É bem arborizado e acima de tudo cheio de arte.

Sim ARTE, pois conseguir expressar sentimentos humanos através de alegorias, só pode ser arte. Aqui entram pessoas de todos os tipos, a maioria com seus olhos cheios de lágrimas, outros com os olhos curiosos e muitos ainda com os olhos assustados. (Melancolia - Grupo Cemiterium- Kate Rigo - 2008)



O cemitério é um espaço repleto de sentimento. Um lugar onde descansam pessoas que um dia foram amadas por muitos ou por alguém. Um lugar que conseguiu transformar sentimentos como: dor, luto, saudade, esperança, tristeza, fé, melancolia em lindas obras de arte conhecidas como alegorias.

Busque na internet ou no cemitério da sua cidade alegorias que expressam o sentimentos das famílias em relação aos seus mortos. Caso não encontre alegorias, procure epitáfios que traduzam esses sentimentos. Os epitáfios são as frases que ficam junto ao túmulo.

Figura 68

O novo capítulo desafia o/a docente e o/a discente a pensarem em conjunto em uma culminância interativa e significativa no meio escolar. Nele é possível encontrar sugestões de temas norteadores para o planejamento da atividade que poderá ou não ser apresentada para toda a comunidade educativa local.

Desafiando a imaginação

Depois de termos pensado, discutido, visualizado e criado a partir da temática da morte, não seria interessante dividir tudo isso com a comunidade escolar?

O que você acha de elaborar em conjunto uma grande culminância, levando as obras de José Guadalupe Posada e a arte cemiterial para dentro da escola.

Vocês podem pensar em eventos que abordem diversas temáticas como:

Como quero ser lembrado pelas próximas gerações?

O cemitério pode ser um lugar de arte?

A morte e as religiões

Como será a morte e o morrer sem a religião?

Quais valores morreram na sociedade atual?

O que morreu em mim?

Como será o cemitério do futuro?

Enterro dos sentimentos que não me fazem bem

Uma festa em nome dos mortos

Um cemitério de tristezas

Figura 69

O material complementar serve para ampliar a ação didática do/da docente e para mostrar um pouco mais sobre o trabalho desenvolvido pelo gravurista mexicano José Guadalupe Posada. As imagens podem ser usadas apenas como ilustrações, bem como para iniciar um debate no grande grupo.

Material Gráfico Complementar



17

Figura 70

O capítulo a seguir expõe uma lista de animações que desenvolvem o tema da morte, do luto e do morrer. São animações de três a oito minutos de duração, que podem ser passadas em sala de aula e gerar boas discussões entre o/a docente e sua turma.



Figura 71

O material didático foi montado a partir do perfil do/da adolescente do século XXI e do/da docente do século XX, tanto pertencente ao ensino público como ao ensino privado. A proposta de ação foi desenvolvida com o intuito de não deixar o planejamento engessado, pode ser alterada de acordo com a realidade ou o perfil da escola e da turma em que será aplicado. O livro tem o objetivo de inserir o tema da morte no espaço escolar, bem como prevenir e identificar os comportamentos autolesivos e ideações suicidas no meio escolar.

CONCLUSÃO

Chegado o momento de pensar, discutir e expor as considerações finais desta pesquisa de doutorado peço licença ao leitor para utilizar este espaço e escrever na primeira pessoa e colocar minhas impressões num tom mais humanístico do que científico. Justifico esta mudança do trato formal impessoal para o trato formal pessoal, pois a pesquisa mexeu com as minhas emoções e me provocou variados sentimentos no decorrer de sua construção.

Iniciei o projeto apenas pensando em inserir a Pedagogia Cemiterial no contexto escolar a partir do Ensino Religioso, pois percebia que meus/minhas discentes, pertencentes à escola privada de cunho confessional, estavam bastante afastados das questões que envolviam a fé ou o sentimento religioso, mesmo estando em escolas²⁵⁰ que se gabavam por estampar em seus folders de apresentação, que sua missão se baseava em “Educar com competência, atualização e comprometimento mediando os conhecimentos em base à proposta pedagógica pastoral [...]” ou ainda a “Instituição tem como missão oportunizar à sociedade de [...] um projeto de educação básica de qualidade, com referenciais teóricos modernos, com base em uma filosofia e uma ética cristãs, a partir de um contexto [...], contribuindo para a preparação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas tarefas na construção de uma sociedade justa, fraterna, participativa e solidária”. No entanto, a prática dentro destas escolas não correspondia às expectativas criadas nos folders, a preocupação estava focada na de captação de novas matrículas ²⁵¹ e não na formação plena e cristã de seus/suas discentes.

No transcorrer do doutorado e acompanhando os meus/minhas discentes dentro do espaço escolar e também no espaço virtual, percebi que não se tratava apenas de um distanciamento religioso ou confessional, mas sim de um distanciamento deles/delas com eles/elas mesmos (as), ou seja, suas postagens explicavam seus silêncios na sala de aula, sua agressividade com os/as colegas e sua apatia no desenvolvimento de atividades que exigiam uma participação mais efetiva ou direta.

²⁵⁰ Não serão identificadas as escolas e nem suas confessionalidade por uma questão ética.

²⁵¹ Este era o termo utilizado nas reuniões dos docentes.

A partir deste momento a pesquisa começou a “caminhar sozinha”, pois me apresentou um problema maior do que havia sido previsto inicialmente: o comportamento suicida e o comportamento autolesivo. Os assuntos que eram abafados no espaço escolar e escancarados no espaço virtual. Falar sobre cemitério no ambiente escolar era mais fácil do que conseguir falar sobre ideação suicida ou sobre o comportamento lesivo, mesmo que o segundo acontecesse nos banheiros da escola, e a coordenação nos orientava a não comentar o assunto com ninguém, afinal a escola tinha uma reputação a zelar.

Diante de todo esse silêncio, perante o sofrimento reprimido ou simplesmente ignorado pela instituição escolar e pelas próprias famílias, iniciei a pesquisa nas Páginas do *Facebook*, e na primeira sondagem, datada em 05 de setembro 2013, registrei a presença de cinco Páginas que incentivavam o comportamento suicida e autolesivo entre adolescentes de 13 aos 17 anos de idade. Este resultado gerou certo alívio, afinal não eram tantas Páginas dedicadas ao assunto, mas o número de agregados, contudo assustava, pois variava de 20.000 a 395.883 integrantes ativos.

Outro fator me deixou desconfortável, a falta de sensibilidade e empatia com o sentimento alheio vindo de profissionais ligados à Educação e à própria Teologia. Fato constatado ao ouvir de vários colegas (tanto da escola quanto do doutorado) que o/a discente da escola privada não possui motivos para se deprimir, que ele/ela possui tudo que quer e tem dinheiro para bons tratamentos. Tachavam como “frescura” e “falta de limites” o comportamento dos/das adolescentes que demonstravam sonolência excessiva, desânimo e isolamento social durante as aulas. Não havia um olhar e muito menos uma preocupação em entender o que poderia estar acontecendo com aquele discente.

No Brasil, existe um imaginário que pessoas com uma condição econômica favorecida não possuem problemas emocionais e nunca irão ser afetadas pela depressão, afinal elas têm dinheiro. Este mito deve ser desfeito, é preciso falar e atender a todos que estejam passando por um processo depressivo, não podendo mais haver esse tipo de preconceito, principalmente dentro das instituições escolares, acadêmicas e confessionais.

Esse resultado preliminar me levou a refletir sobre a imagem de Deus que estava sendo compartilhada no *Facebook* por adolescentes e se esta imagem compartilhada combinava com as provocações feitas pelos/pelas adolescentes aos

seus/suas docentes de Ensino Religioso ou aos representantes religiosos ligados a pastoral das escolas. Uma das provocações que marcou a minha memória foi um ex-aluno do 9º ano que foi colocado em recuperação por responder na prova que Deus era como um amigo imaginário: ninguém o vê e só aparece na imaginação de quem acredita na sua existência. Conforme apresentado no capítulo um, essa visão de amigo imaginário se fez presente na pesquisa virtual, em imagens como esta:



Figura 72²⁵²

Como ressalta a pesquisadora Maria Júlia Kovács “O que mais tem relação com o medo da morte é o grau de incerteza/certeza, ou seja, o grau de envolvimento religioso de cada um. Os religiosos e ateus convictos têm menos medo da morte do que os medianamente envolvidos”²⁵³ Pensando no contexto de bricolagem religiosa, no qual nossos/nossas adolescentes estão se desenvolvendo, o medo da morte e a curiosidade pela morte vem ocupando o espaço virtual de forma progressiva e desordenada. Conforme constatado nos gráficos apresentados no capítulo dois, o crescimento exponencial das Páginas ligadas ao incentivo do comportamento autolesivo em relação às Páginas de apoio à extinção do comportamento autolesivo entre adolescentes foi evidente.

²⁵² Página Comunitária *Ateus e Agnósticos do Brasil*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ateusbr/photos/pb.299320020111339.-2207520000.1431568749./744478205595516/?type=3&theater>> Acesso em: 20 jun. 2014.

²⁵³ KOVÁCS, 1992 apud VERDADE, 2006, p.56.

Passar meses recebendo atualizações das Páginas monitoradas em meu perfil pessoal me oportunizou a experiência de sentir a tristeza, a desesperança, o desespero por não poder fazer absolutamente nada, afinal me propus a desenvolver uma pesquisa etnográfica virtual não participante. O sentimento de impotência provocou o sentimento de raiva, desânimo, inquietação, e a partir desta mistura de anseios me concentrei e busquei estratégias efetivas de ação, que pudessem de alguma forma, dar voz e auxiliar este/esta adolescente que grita por socorro no espaço virtual, por meio das Páginas do *Facebook*.

Em decorrência desta realidade surgiu o plano de montar um material didático prático, de fácil aplicação, com mais oportunidades de expressão e de reflexão a serem usadas em sala de aula. Com a ideia, surge um novo desafio de pesquisa: como montar um material didático que será ministrado por docentes do século XX e recebido por discentes do século XXI? A resposta para resolver este desafio pedagógico culminou nos planos de aula e no livro didático exposto no capítulo quatro. Além de pensar na dinâmica do material, foi necessário encontrar uma figura de identificação que agradasse o/a adolescente virtualizado (a).

Ao observar os acessórios utilizados por eles, percebi uma forte identificação e consumo de acessórios que estampassem a imagem dos protagonistas das animações “O Estranho Mundo de Jack”²⁵⁴ e “A Noiva Cadáver”²⁵⁵. Com isso, iniciei uma busca sobre artistas da América que utilizavam o tema Caveiras em suas obras, e desta forma cheguei até as obras do gravurista mexicano, José Guadalupe Posada. Ao me deparar com o material e pensar no perfil do/da adolescente virtualizado (a) senti a necessidade de revitalizar as caveiras centenárias de Posada através de uma interferência artística e digital realizada por meio de um programa virtual de edição de imagens.

O capítulo três focou na escola por abrigar e atender o/a adolescente durante a semana, além de levantar a discussão sobre o papel desta instituição na construção emocional destes indivíduos em formação. Diante da minha experiência

²⁵⁴ Filme de animação norte-americano realizado em 1993 por Henry Selick, *The Nightmare Before Christmas* tem por verdadeiro mentor Tim Burton, o autor da história e das respectivas personagens. O argumento foi adaptado por Caroline Thompson, a produção esteve a cargo de Tim Burton e Denise DiNovi. Disponível em: <<http://folhadepoesia.blogspot.com.br/2015/03/o-estranho-mundo-de-jack-nightmare.html>> Acesso em: 24 maio 2015.

²⁵⁵ Título Original: *Corpse Bride*. Ano do lançamento: 2005. Produção: EUA. Gênero: Animação. Direção: Tim Burton e Mike Johnson. Roteiro: Caroline Thompson, John August, Pamela Pettler. Disponível em: <<http://www.ccine10.com.br/a-noiva-cadaver-critica/>> Acesso em: 10 maio 2015.

como docente do ensino básico que trabalhou diretamente com o tema da morte e do cemitério em sala de aula, obtive a credibilidade necessária para falar e discutir sobre a importância de abordar estes temas em sala de aula. Esta pesquisa foi desenvolvida a partir de uma experiência prática e a academia me proporcionou o embasamento teórico desta prática. Por uma escolha, ética e metodológica, não measurei os relatórios que foram coletados ao longo dos anos em relação aos projetos executados nas escolas em que eu atuava como docente. Depois da resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, seria necessário obter uma declaração de livre consentimento assinada pelos pais dos/das discentes que participaram das atividades, por uma questão de tempo, esse procedimento se tornou inviável. Assim, estes dados e depoimentos não foram inseridos e nem analisados nesta tese.

A criação do Grupo Cemiterium e sua permanência em minha rotina semanal por sete anos consecutivos provaram o quanto falar de morte e colocar o/a adolescente em confronto com a sua finitude, a partir do espaço cemiterial, pode auxiliar o/a adolescente a valorizar a sua vida e a do outro. A união entre a morte e o teatro rendeu excelentes histórias, momentos de reflexão e uma percepção sobre a vida diferenciada dos/das adolescentes que não tiveram esse contato com os projetos ou com as peças teatrais desenvolvidas pelo Grupo.

O espaço cemiterial possui inúmeros recursos de estudo e é uma ferramenta pedagógica que aguça a curiosidade do/da adolescente, auxiliando o/a docente a diversificar suas aulas nas áreas das Ciências Humanas, com ênfase no Ensino Religioso, por desenvolver uma atividade diferenciada e criativa com seus/suas discentes. A aplicação da Pedagogia cemiterial propicia aos discentes e aos docentes um rico momento de troca, identificação e de reflexão sobre os mais variados temas e valores que perpassam nossas vidas e que são de fundamental importância na construção dos futuros adultos que irão compor a sociedade do futuro.

É necessário criar espaços de debate dentro do espaço escolar, desenvolver propostas didáticas que possibilitem troca de informação e experiências (negativas ou positivas) dentro da sala de aula. Promover encontros informativos sobre o tema da prática autolesiva e da ideação suicida juvenil aos docentes e familiares dos/das discentes é de suma importância. Somente a partir da difusão da informação que poderemos auxiliar docentes e familiares a identificar os/as adolescentes que estão

nos grupos de risco. A escola precisa se reinventar e precisa se mostrar como um ambiente de troca, descobertas e alegria, e não um lugar de pressão, tristeza e desilusões.

É preciso discutir de forma direta os assuntos abordados nesta tese com os/as adolescentes, além de mostrar aos adultos que, um/uma adolescente mesmo com tão pouca idade, pode marcar em seu corpo os registros de suas aflições e desilusões. Também é preciso discutir, nas capacitações docentes, a relação existente entre rendimento escolar e a depressão, uma vez que, por falta de informação, muitos/muitas docentes ainda confundem um grave quadro depressivo com preguiça ou desinteresse.

É urgente desenvolver estratégias de ação mais dinâmicas dentro das escolas e das instituições de cunho religioso, tanto nos espaços reais como nos espaços virtuais. O/A adolescente virtualizado (a) está pedindo a nossa atenção e a nossa orientação, seja no espaço escolar como no espaço virtual.

É imprescindível investir num setor ativo de atendimento psicológico nas escolas, para que o/a discente tenha a oportunidade de falar com um profissional capacitado a diagnosticar e auxiliar o/a adolescente em seu processo depressivo. Além disso, seria importante uma ação pastoral ativa, dentro das escolas de caráter confessional, para que o/a discente tenha a oportunidade de pensar e discutir sobre suas percepções sobre a fé em tempos de virtualização.

É indispensável que pesquisadores, docentes e profissionais da saúde estejam atentos e dispostos a pensar constantemente em novas estratégias de atendimento e de análise deste (a) adolescente que, se modifica a cada novo aplicativo disponível para download.

A pesquisa não se encerra com esta tese, e muito menos se esgotam as possibilidades de novos projetos de ação que auxiliem o/a adolescente virtualizado a perceber-se como ser finito e que os cemitérios podem ser um espaço de educação e de contemplação da arte. As ideias disponibilizadas nesta tese foram desenvolvidas com a finalidade de difundir o tema da morte e do cemitério no espaço escolar, sendo eles elementos norteadores para o/a docente que pretenda trabalhar com o tema, mas não saiba por onde começar o planejamento.

Esta é a finalização de uma etapa desta pesquisa, na qual organizei algumas propostas e atividades que contemplam com o tema da morte no espaço escolar, com o objetivo de informar a comunidade educativa e consequentemente

para tentar diminuir os índices de comportamentos suicidários e autolesivo com adolescentes em idade escolar. A segunda etapa será realizada no curso de Psicologia, no qual estou inserida como aluna da graduação. Neste segundo momento, pretendo pensar e desenvolver ações específicas na área da psicoterapia com adolescentes pertencentes ao grupo de risco suicidários.

Por fim, encerro esta etapa de pesquisa com este último post. Ele foi escolhido por representar as dores do/da adolescente virtualizado (a) e para nos lembrar que nossa permanência enquanto espécie humana depende diretamente da nossa necessidade de nos mantermos vivos.

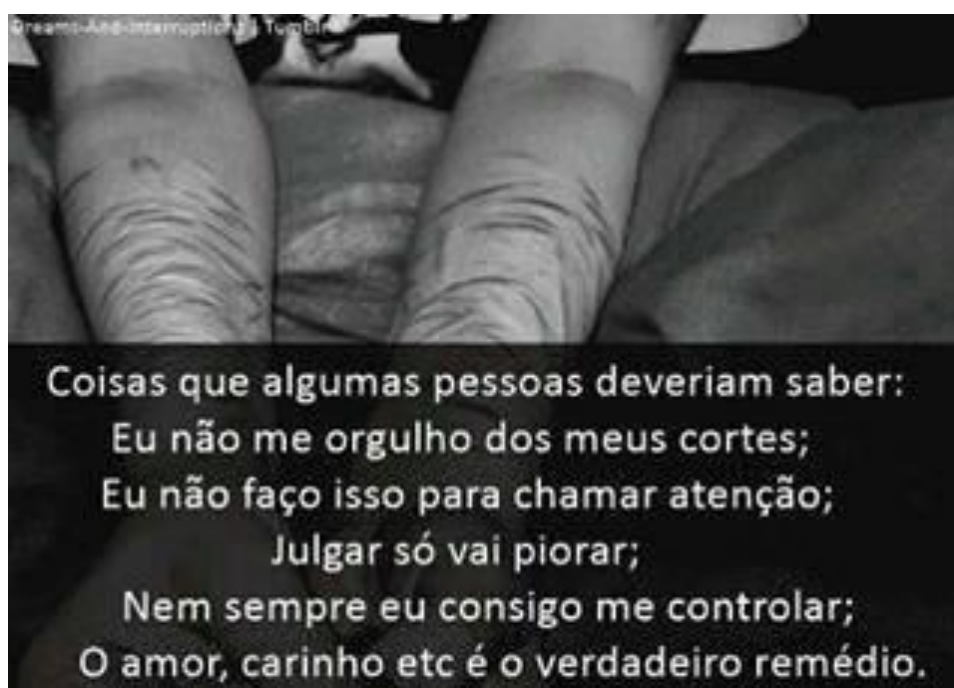


Figura 73²⁵⁶

256 Página Grupo de Apoio Auto Mutilação. Disponível em:
 <<https://www.facebook.com/Automutilacao.apoio/photos/a.140438396112779.30593.140416632781622/293573724132578/?type=1&theater>> Acesso: 07 fev.15.

REFERÊNCIAS

ADAM, Júlio; HANKE, Ezequiel. Juventude Mediatizada: um estudo sobre as possibilidades de uma religião vivida na e através da mídia. *Revista de Teologia e Ciências da Religião*. V. 4 • n. 1 • dezembro/2014. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs-2.3.4/index.php/theo/article/view/453>> Acesso em: 07 jan. 2015.

ARAÚJO. Thiago Nicolau. Hermenêutica e Cemitérios: Um Olhar sobre o cemitério da Santa Casa em Porto Alegre. *Ciencias Sociales Y Religión/Ciências Sociais e Religião*. Porto Alegre, ano 16, n.20, p.82-95, jan-jun de 2014. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaisReligiao/article/download/50858/32095>> Acesso em: 20 maio 2015.

BARBOSA, Iara Suckow. *Adolescente: eu já fui, meu filho é...por que somos tão diferentes?*. Curitiba: Encontro, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Sociedade Líquida*. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/4_Encontro_Entrevista_A_Sociedade_Liquida_1263224949.pdf> Acesso em: 18 abr. 2013.

BELLOMO, Harry R. Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia. Porto Alegre: EDIPUCS, 2008.

BERTOLETE, José Manoel. *O suicídio e sua prevenção*. São Paulo: Unesp, 2012.

BORGES, Maria Elizia. Arte funerária no Brasil: uma pesquisa peculiar no campo das artes visuais. *Locus: revista de história*, Juiz de Fora, v.37, n.01, p. 103-123, 2013. Disponível em: <<http://www.artefunerariabrasil.com.br/admin/upload/artigos/artigo%20revista%20locus,2013.pdf>> Acesso em: 21 maio 2015.

BORGES, Vivian Roxo. *Ideação suicida na Adolescência*. 2004. 68f. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004.

BRANDENBURG, Laude. A dimensão epistemológica da religiosidade. In: WACHS, Manfredo Carlos, FUCHS, Henri Luis, BRANDENBURG, Laude Erandi, KLEIN, Remí, REBLIN, Iuri Andréas (orgs.). *Ensino Religioso: Religiosidades e práticas educativas*. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2010, p.53-60.

BRANDENBURG, Laude Erandi. Práxis educativa no Ensino Religioso: confluência entre teoria e prática. In: KRONBAUER, Selenir Gonçalves; STROHER, Marga Janete. *Educar para a convivência na diversidade: desafio à formação de professores*. São Paulo: Paulinas, 2009.

BRÁS, Marta; SANTOS, José Carlos. Prevenção do suicídio em meio escolar. In: SARAIVA, Carlos Braz; PEIXOTO, Bessa; SAMPAIO, Daniel. *Suicídio e Comportamentos Autolesivos*. Lisboa: Lidel. 2014.

BRETON, David Le. Escarificações na Adolescência: Uma abordagem antropológica. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 16, n.33, p.25-40, jan/jun.2010.

BRONFENBRENNER, Urie. *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais Humanos*. Porto Alegre: Artmed, 2012.

BRUNER, Jerome S. *Uma nova teoria de aprendizagem*. Rio de Janeiro: Bloch; Brasília: Instituto Brasileiro do Livro, 1975. 3ed.

CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2011.

CONCONE, Maria Helena Villas Bôas e Villaseñor, Rafael Lopez. A celebração da morte no imaginário popular mexicano. In: *Kairós*. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Saúde. v.15, 2012. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17036/12642>> Acesso em 05 abr. 2015.

CRUZ, Diana; SAMPAIO, Daniel. Psicoterapias nos comportamentos autolesivos. In: SARAIVA, Carlos Braz; PEIXOTO, Bessa; SAMPAIO, Daniel. *Suicídio e Comportamentos Autolesivos*. Lisboa: Lidel. 2014.

DEBORD, Guy. *A sociedade do Espetáculo*. comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Ebook. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf>. Acesso em 18/04/2013.

DELORS, J. et al (org). Os quatro pilares da educação. In: DELORS, J. *Educação um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez, Brasília, DF, 2000, p. 89-101. (Relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre educação para o século XXI).

Deus X Wi-fi. Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/LtCHiOPFtUQ/T6rb0RBdj7I/AAAAAAAAAD_k/KtaQfo7CH3U/s1600/Wifi+onipresente,+onisciente.jpg> Acesso: 03 abr. 2015.

Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt1876_14_08_2006.html> Acesso em: 10 maio 2015.

DULLO, Eduardo; MONTERO, Paula. Ateísmo no Brasil: da invisibilidade à crença fundamentalista. *Revista Novos Estudos*. no.100. São Paulo, nov. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002014000300057&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 06 maio 2015.

FOWLER, James. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

FREUD, Anna apud GALLANTIN, Judith. *Adolescência e Individualidade: uma abordagem conceitual da Psicologia da Adolescência*. São Paulo: Harper & Row do Brasil Ltda, 1978.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1991.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; Teófilo, Debora Nascimento. Elementos religiosos do universitário. *Revista Rever*. Ano 13. Nº 02. jul/dez 2013.

KLEIN, Remí. O processo educativo-religioso: histórias em jogo e novos olhares em formação. In: KRONBAUER, Selenir C. G.; SIMIONATO, Margareth F. (orgs). *Formação de Professores: abordagens contemporâneas*. São Paulo: Paulinas. 2008.

KLEIN, Remí; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. Aspectos referentes à formação de professores de ensino religioso. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 8, n. 23, p. 221-243, jan./abr. 2008.

KNUTTZ, Gilberto. *Nove provas de que o Google é, na realidade, Deus*. Disponível em: <<http://cybervida.com.br/nove-provas-de-que-o-google-e-na-realidade-deus>>. Acesso em 04 jun.14.

KOVÁCS, Maria Júlia. *Morte e Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2013.

KOVÁCS, Maria Júlia. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

LECOUTEX, Claude. *História dos Vampiros: autópsia de um mito*. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Unesp, 2005.

LEVIN, Jeff. How Faith Heals: A Theoretical Model. *EXPLORE*. March/April 2009, Vol. 5, No. 2. p.90.

LIMONES, Carlos Alberto Mercado. CERRILLO, Luz de Lourdes Serna. *Catrina y sepulcro - Cultura y espacios funerarios en México*. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2006.

LIPOVETSKI, Gilles. *Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia, empresa*. Porto Alegre: Editora Sulina. 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LIRIO, Luciano. *Adolescentes do século XXI*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2013.

LISBOA, Carolina; WENDT, Guilherme Welter. Adolescência no contexto das novas tecnologias de informação e comunicação. In: HABIGZANG, Luíza; KOLLER, Silvia H. *Trabalhando com Adolescentes: teoria e intervenção psicológica*. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MACEDO, Monica Medeiros Kother; AYUB, Renata. A escuta da adolescência em tempos de excessos. In: MACEDO, Monica Medeiros Kother; GOBBI, Adriana Silveira. *Adolescência e psicanálise: intersecções possíveis*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

MACEDO, Monica; GOBBI, Adriana e WASCHBURGER, Evelise. O corpo na Adolescência: território de enlaces e desenlaces. In: MACEDO, Monica e GOBBI, Adriana. *Adolescência e psicanálise: intersecções possíveis*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

MARCHI, Caio Favero. O Design da Página “Feed de Notícias” do Facebook e o Comportamento FOMO. In: *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste / Comunicação Multimídia*, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-06691.pdf>> Acesso em: 02 abr. 2015.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. *Juventude, Professores e Escola: Possibilidades de encontros*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

MAZZEI, Tatiana Anchieschi. Perenidade On Line: Quando a Morte Não é o Fim de Tudo Redes sociais, sites e aplicativos abrindo caminhos para a estética da imortalidade a partir de nossos rastros digitais. In: *XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste/ DT05 - Rádio, TV e Internet*. 2013. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0962-1.pdf>> Acesso em: 12 set. 2013.

MELLO, Fernanda Cristina de Carvalho. Eu, você e todos nós. *Revista Estudos Sociológicos*. Araraquara, v.16, n.30, p.245-249, 2011. p.247. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/viewFile/3898/3579>> Acesso: 06 maio15.

MERLIN, Guacira. *Manual tentará reduzir alto índice de suicídios no Rio Grande do Sul*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2012/05/manual-tentara-reduzir-alto-indice-de-suicidios-no-rio-grande-do-sul.html>> Acesso em 03/04/13.

MILESKI, Jéssica Letícia e RECH, Sandra Regina. *Influência Bilateral do Consumo: O Comportamento do Consumidor e o Setor de Referência*. v.8 n.11, 2013. Disponível em: <http://www.ceart.udesc.br/dapesquisa/11/artigos/MODA_influencia_bilateral_do_consumo.pdf> Acesso: 02 abr. 2015.

MIRANDA, Melissa. *Inércia: a Geração no limite do tédio*. Aparecida: Ideias & Letras, 2011.

MORRIN, Edgar. *O Homem e a Morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

NETO, Lauro. *Prática de automutilação entre adolescentes se dissemina na internet e preocupa pais e escolas*. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/saude/pratica-de-automutilacao-entre-adolescentes-se-dissemina-na-internet-preocupa-pais-escolas-14050535#ixzz3Sn5X6IHu>> Acesso em: 25 fev. 2015.

NOVAES, Regina. Os jovens "sem religião": ventos secularizantes, "espírito de época" e novos sincretismos. Notas preliminares. *Revista Estudos Avançados*. vol.18 no.52 São Paulo Set./Dec. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340142004000300020&script=sci_arttext&tlng=es> Acesso: 18 fev 2015.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. *A desafeição religiosa de jovens e adolescentes*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/511180-desafeicao-religiosa-esse-conceito-seria-central-para-entendermos-os-sem-religiao-entrevista-especial-com-pedro-ribeiro-de-oliveira>> Acesso em: 07 mar.15.

Organização Mundial de Saúde. Disponível em: <<http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2014/focus-adolescent-health/en/>> Acesso em: 03 mar. 2015.

Página Comunitária *Pulsos*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pulsos.234/photos/pb.528670287196606.2207520000.1423973096./651492398247727/?type=3&theater>> Acesso: 07 fev. 2015.

Página Comunitária † *Estranha Inútil* †. Disponível em: <<https://www.facebook.com/estranhainutil/photos/a.408796915952847.1073741829.400177016814837/410482779117594/?type=1&theater>> Acesso em 12 mar. 2015.

Página Comunitária † *Suicida da alma* †. Disponível em: <<https://www.facebook.com/suicidadaalmaoficial/photos/a.607860262578480.1073741828.607853429245830/873631822667988/?type=1&theater>> Acesso: 16 set. 2014.

Página Comunitária † *Suicide* †. Disponível em: <<https://www.facebook.com/717371361648982/photos/a.717397708313014.1073741828.717371361648982/811295872256530/?type=1&theater>> Acesso em: 09 jan. 2015.

Página Comunitária *A menina dos pulsos cortados*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/AMeninaPulsos/photos/a.911153095577373.1073741827.911148005577882/927873597238656/?type=1&theater>> Acesso em: 10 jan. 2015.

Página Comunitária *A menina solitária*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/AmeninasolitariaOficial/photos/pb.292846630847667.-2207520000.1393169569./432113033587692/?type=3&theater>> Acesso em: 23 fev. 2014.

Página Comunitária *A morte.* Disponível em:
 <<https://www.facebook.com/curtiramorte/photos/pb.192255920884595.2207520000.1431011578./631422013634648/?type=3&theater>> Acesso em: 03 maio 2015.

Página Comunitária *A morte.* Disponível em:
 <<https://www.facebook.com/curtiramorte/photos/pb.192255920884595.2207520000.1431012936./488376777939173/?type=3&theater>> Acesso em: 30 jan. 2014.

Página Comunitária *A morte.* Disponível em:
 <<https://www.facebook.com/curtiramorte/photos/pb.192255920884595.2207520000.1431011343./663386023771580/?type=3&theater>> Acesso em 15 maio 2013.

Página Comunitária *A morte.* Disponível em:
 <<https://www.facebook.com/507158169381778/photos/pb.507158169381778.-2207520000.1431401679./526810224083239/?type=3&theater>> Acesso em 17 abr. 2014.

Página Comunitária *Alma Suicida.* Disponível em:
 <<https://www.facebook.com/almasuicida.oficial?ref=profile>> Acesso em: 19 dez. 2014.

Página Comunitária *Apenas uma Garota que Sofre Calada* Disponível em:
 <<https://www.facebook.com/221730914676886/photos/pb.221730914676886.-2207520000.1432305999./233279623522015/?type=3&theater>> Acesso em: 20 mar. 2015.

Página Comunitária *Apenas uma Garota que Sofre Calada.* Disponível em:
 <<https://www.facebook.com/221730914676886/photos/a.224378751078769.1073741829.221730914676886/327975747385735/?type=1&theater>> Acesso em: 11 fev. 2015.

Página Comunitária *Ateus e Agnósticos do Brasil.* Disponível em:
 <<https://www.facebook.com/ateusbr/photos/pb.299320020111339.2207520000.1430950754./856598971050105/?type=3&theater>> Acesso em: 23 jan. 2015.

Página Comunitária *Auto-mutilação um beco sem saída.* Disponível em:
 <<https://www.facebook.com/573052846090412/photos/a.626278854101144.1073741829.573052846090412/824208534308174/?type=1&theater>> Acesso em: 10 jan. 2015.

Página Comunitária *Deus.* Disponível em:
 <<https://www.facebook.com/AmoDeusS2?fref=ts>>. Acesso em 04 jun. 2013.

Página Comunitária *Deus.* Disponível em:
 <<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.321709647940466.69498.321694901275274&type=3>>. Acesso em 03 jun. 2013.

Página Comunitária *Deus.* Disponível em:
 <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=416634888447941&set=a.321709647940466.69498.321694901275274&type=3&theater>>. Acesso em 06 ago. 2013.

Página Comunitária *Deus.* Disponível em:
<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=416634888447941&set=a.321709647940466.69498.321694901275274&type=3&theater>>. Acesso em 06 ago. 2013

Página Comunitária *Diga não a auto-mutilação.* Disponível em:
<<https://www.facebook.com/DigaNaoAAutoMutilacao?ref=profile>> Acesso em: 19 dez. 2014.

Página Comunitária *Diga Não A Auto-Mutilação.* Disponível em:
<<https://www.facebook.com/DigaNaoAAutoMutilacao/photos/a.505437122817858.129273.505434866151417/663497193678516/?type=3&theater>> Acesso: 07 fev. 2015.

Página Comunitária *Eu suicida †.* Disponível em:
<<https://www.facebook.com/507158169381778/photos/pb.507158169381778.2207520000.1431400776./538113259619602/?type=3&theater>> Acesso em: 30 mar. 2014.

Página Comunitária *Eu Suícida †.* Disponível em:
<<https://www.facebook.com/507158169381778/photos/pb.507158169381778.2207520000.1431400247./542205425877052/?type=3&theater>> Acesso em: 19 fev. 2014.

Página Comunitária *Eu suicida.* Disponível em:
<<https://www.facebook.com/507158169381778/photos/pb.507158169381778.-2207520000.1431400952./535863063177955/?type=3&theater>> Acesso em: 30 jan. 2014.

Página Comunitária *Garota suicida.* Disponível em:
<https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=481307682001411&id=170381189760730> Acesso em: 27 dez. 2014.

Página Comunitária *Guarda os Pulsos pro final.* Disponível em:
<<https://www.facebook.com/787952274589818/photos/a.787953984589647.1073741827.787952274589818/922259654492412/?type=1&theater>> Acesso em: 12 maio 2015.

Página Comunitária *Jogos Suicidas.* Disponível em:
<<https://www.facebook.com/pagejogossuicidas.com.br/photos/pb.228912397232692.2207520000.1431387162./263856870404911/?type=3&theater>> Acesso em: 19 dez. 2014.

Página Comunitária *Morre que Passa.* Disponível em:
<<https://www.facebook.com/morrequepassa2?fref=ts>> Acesso em: 21 abr. 2015.

Página Comunitária *Nunca faça o primeiro corte.* Disponível em:
<<https://www.facebook.com/DigaNaoAAutoMutilacao?ref=profile>> Acesso em: 19 dez. 2014.

Página Comunitária *Nunka faça seu primeiro corte.* Disponível em:
<<https://www.facebook.com/1441984189415014/photos/a.1441995956080504.1073741828.1441984189415014/1471013876512045/?type=3&theater>> Acesso: 07 fev. 2015.

Página Comunitária *Princesa suicida e seus cortes*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/princesaekortes/photos/a.695919490472579.1073741829.670762546321607/751513501579844/?type=1&theater>> Acesso: 07 fev. 2015.

Página Comunitária *Psicopata Anônimo*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=552211291503109&set=pb.314187328638841.-2207520000.1374195263.&type=3&theater>> Acesso em 18 jul. 2014.

Página Comunitária *Psicopatas anônimos*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=551394068251498&set=pb.314187328638841.-2207520000.1374195935.&type=3&theater>> Acesso em: 17 jan. 2015.

Página Comunitária *Sorrir, aguentar e disfarçar*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/AguentarSorrirEDIisfarcar/photos/pb.624712790878475.-2207520000.1431386734./814024175280668/?type=3&theater>> Acesso em: 19 dez. 2014.

Página Comunitária *Uma Alma depressiva*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/umaalmadepressiva/photos/a.704678742908198.1073741829.639966429379430/840895772619827/?type=1&theater>> Acesso em: 17 jan. 2015.

Página Comunitária *Uma Alma Depressiva*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/umaalmadepressiva/photos/a.704678742908198.1073741829.639966429379430/765671836808888/?type=1&theater>> Acesso: 17 jan. 2015.

Prevenção do Suicídio e Promoção da Vida. Disponível em: <http://www.saude.rs.gov.br/upload/1367264760_Guia%20de%20Bolso.pdf> Acesso em: 23 maio 2015.

RENDEIRO, Márcia Elisa. Orkut e Facebook: as teias da memória em meio às redes sociais. *Ciências Sociais Unisinos*. São Leopoldo, Vol. 47, N. 3, p. 257, set/dez 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/938/93821299009.pdf>> Acesso em: 03 set. 2013.

Reportagem digital do Globo.com. *Oito a cada dez internautas do Brasil estão no Facebook, diz rede social*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/08/oito-cada-dez-internautas-do-brasil-estao-no-facebook-diz-rede-social.html>> Acesso em: 05 maio 2015.

Revista VEJA. *Depressão é a doença mais frequente na adolescência, segundo OMS*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/oms-adverte-que-depressao-e-a-doenca-mais-frequente-na-adolescencia/>> Acesso em: 03 mar. 2015.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. *Religiosidade jovem: pesquisa entre universitários*. São Paulo: Loyola/Olho d'Água, 2009.

RIBEIRO, Pedro de Oliveira. *A desafeição religiosa de jovens e adolescentes*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/511180-desafeicao-religiosa>>

esse-conceito-seria-central-para-entendermos-os-sem-religiao-entrevista-especial-com-pedro-ribeiro-de-oliveira>. Acesso em 03 jun. 2013.

RIGO, Kate Fabiani e ARAÚJO, Thiago Nicolau. VIVENDO ENTRE MUNDOS: Adolescência Vampirizada e sua relação com a morte. In: *IV Congresso da ANPTECRE: o Futuro das Religiões no Brasil*. Disponível em: <http://www.unicap.br/anptecre/wp-content/uploads/2013/12/ANPTECRE_IV-Congresso.pdf> Acesso em: 10 maio 2015.

RIGO, Kate Fabiani. Curtir? Compartilhar? Comentar? Chorar? Ciberespaço e suas Manifestações sobre a Morte no Facebook a partir da Perspectiva da Imortalidade de Zygmunt Bauman. In: *Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. p.460-476. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/viewFile/107/34>> Acesso em: 10 maio 2015.

RIGO, Kate Fabiani. E quando Deus vira Google. O adolescente e sua percepção sobre Deus no Facebook. In: *1º Simpósio Sudeste da ABHR - Diversidades e (in) Tolerâncias Religiosas*. São Paulo: ABHR, 2013. v. 1. p. 1832-1842. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/09/Anais-simp%C3%B3sio-da-ABHR-Sudeste.pdf>> Acesso em: 02 maio 2015.

RIGO, Kate Fabiani. Pedagogia Cemiterial. In: *Anais do IV Encontro da ABEC*. Piracicaba, 2010. CD-room Texto completo disponível em: <https://www.academia.edu/7621072/Pedagogia_Cemiterial_-_ABEC_2010> Acesso em: 15 abr. 2015.

RIZZUTO, Ana-Maria. *O nascimento do Deus Vivo: um estudo psicanalítico*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

ROQUE, Marta. Internet. In: SAMPAIO, Daniel. *Suicídio e Comportamentos Autolesivos: dos conceitos à prática clínica*. Lisboa: Lidel, 2014.

SAMPAIO, Daniel; PEIXOTO, Bessa et all. *Plano Nacional de Prevenção do Suicídio 2013-2017*. Programa Nacional para a Saúde Mental. Direção –Geral da Saúde, Lisboa, 2013.

SANTOS, Nazaré, NEVES, Ema Lima. Adolescência e comportamentos suicidários. In: SARAIVA, Carlos Braz; PEIXOTO, Bessa; SAMPAIO, Daniel. *Suicídio e Comportamentos Autolesivos*. Lisboa: Lidel. 2014.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SPRINTHALL, Norman. COLLINS, Andrews. *Psicologia do Adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista*. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2011.

STEYER, Fábio. Representações e Manifestações antropológicas da morte em alguns cemitérios do Rio Grande do Sul. In: BELLOMO, Harry R.(org.) *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCS, 2008.

STRECK, Gisela Isolda W. Adolescência e identidade: desafios educacionais em tempos de pós-modernidade. In: WACHS, Manfredo Carlos et al. *Práxis do Ensino Religioso na Escola*. São Leopoldo: EST-Sinodal, 2007.

VASCONCELLOS, Celso dos S. *Planejamento-Projeto de Ensino – Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico*. São Paulo: Libertad, 1999.

VERDADE, Marisa Moura. *Ecologia mental da morte: troca simbólica da alma com a morte*. São Paulo: Casa do Psicólogo: FASPESP, 2006.

VIEIRA, José Álvaro Campos. Os “sem religião”: dados para estimular a reflexão sobre o fenômeno. In: *Revista Horizonte*. Belo Horizonte, vol. 13, no. 37, p. 605-612, Jan./Mar. 2015. p.605-606. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.21755841.2015v13n37p605>> Acesso em: 10 abr. 2015.

WADWORTH, Barry J. *Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget*. São Paulo: Pioneira, 1993.

WAGNER, Adriana; VERZA, Fabiana; SPIZZIRRI, Rosane; SARAIVA, Caroline Eifler. *Adolescência & comunicação virtual*. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

WHO. *Suicide prevention and special programmes*. Geneva: World Health Organization, 2006 apud CRUZ, Diana; SAMPAIO, Daniel. Psicoterapias nos comportamentos autolesivos. In: SARAIVA, Carlos Braz; PEIXOTO, Bessa; SAMPAIO, Daniel. *Suicídio e Comportamentos Autolesivos*. Lisboa: Lidel. 2014.

ZANELLA, Liane. Aprendizagem: uma introdução. In: Rosa, Jorge La. *Psicologia e Educação: o significado de aprender*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

Anexo I

Páginas catalogadas no decorrer da pesquisa

	Páginas que surgiram de setembro de 2013- dezembro de 2014
	1. Pequenas Suicidas https://www.facebook.com/pages/Pequenas-Suicidas/1562748593965227
	2. Pulsos que Choram . https://www.facebook.com/pages/Pulsos-que-Choram-/1556958164549930?fref=ts
	3. Sentimentos de uma menina que Queria apenas ser Normal https://www.facebook.com/pages/Sentimentos-de-uma-menina-que-Queria-apenas-ser-Normal/871984682852575?fref=ts
	4. Frases Depressivas https://www.facebook.com/FrasesDepressivasOficial?fref=ts
	5. Alyce https://www.facebook.com/Alyceoff?fref=ts
	6. Meu sorriso é tão falso https://www.facebook.com/pages/Meu-sorriso-%C3%A9-t%C3%A3o-falso/1483964988521529?fref=ts

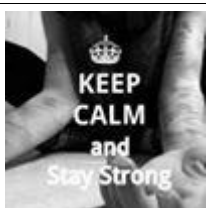
	7. † Estranha Inútil † https://www.facebook.com/estranhainutil?fref=ts
	8. Menina suicida stay strong https://www.facebook.com/Meninasuicidastaystrong
	9. Ta tudo tão coisado https://www.facebook.com/pages/Ta-tudo-t%C3%A3o-coisado/653589378058455?ref=br_rs
	10. Mentas Pertubadas https://www.facebook.com/pages/Mentas-Pertubadas/652551591493601
	11. Pulsos Suicidas https://www.facebook.com/pages/Pulsos-Suicidas/812270132136612
	12. Nossos Cortes :3 https://www.facebook.com/pages/Nossos-Cortes-3/1390833907863803

	13. Auto Mutilação ? - Nunca mais https://www.facebook.com/pages/Auto-Mutila%C3%A7%C3%A3o-Nunca-mais/1401367936762664
	14. Diga não á auto - mutilação https://www.facebook.com/pages/Diga-n%C3%A3o-%C3%A1-auto-mutila%C3%A7%C3%A3o/1412729632312375
	15. Auto mutilação https://www.facebook.com/pages/Auto-mutila%C3%A7%C3%A3o/624217084286300
	16. Contra auto mutilação https://www.facebook.com/pages/Contra-auto-mutilac%C3%A3o/458973547549925
	17. Auto Mutilação Frases https://www.facebook.com/pages/Auto-Mutila%C3%A7%C3%A3o-Frases/1669702566587745
	18. Diário de uma Rockeira Suicida https://www.facebook.com/pages/Di%C3%A1rio-de-uma-Rockeira-Suicida/719991098065230

	19. Na mente de um suicida https://www.facebook.com/na.mente.de.um.suicida
	20. D3pr3ss1v0s https://www.facebook.com/pages/D3pr3ss1v0s/1461392904072328
	21. Uma Suicida Anônima https://www.facebook.com/pages/Uma-Suicida-An%C3%B4nima/760050360682967
	22. Eu Suícida † https://www.facebook.com/pages/Eu-Su%C3%ADcida-/507158169381778
	23. Pensamentos De Uma Suicida https://www.facebook.com/mentesdeumasuicida
	24. Anjos Suicidas https://www.facebook.com/OfficialAnjosSuicidas

	25. Lágrimas , Cortes , Sofrimento e Dor https://www.facebook.com/pages/L%C3%A1grimas-Cortes-Sofrimento-E-Dor/492973940789467
	26. Sumindo Desse Mundo https://www.facebook.com/SumindoDesseMundo
	27. † Suicide † https://www.facebook.com/pages/-Suicide-/717371361648982
	28. † Garota Suicida.† https://www.facebook.com/pages/-Garota-Suicida/257902187722081
	29. Auto-mutilação https://www.facebook.com/FracassadoAmor
	30. Auto-mutilação https://www.facebook.com/pages/Auto-mutila%C3%A7%C3%A3o/909072019110263

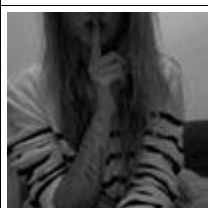
	31. Auto-Mutilação https://www.facebook.com/kinder.ovo.foreves
	32. Auto-mutilação https://www.facebook.com/pages/Auto-mutila%C3%A7ao/385774134896294
	33. Auto-Mutilação † Tem Solução https://www.facebook.com/auto.mutilacao.solucao
	34. Auto-mutilação. https://www.facebook.com/pages/Auto-mutila%C3%A7%C3%A3o/187503411438325
	35. Auto-mutilação https://www.facebook.com/pages/Auto-mutila%C3%A7%C3%A3o/1499860636900736
	36. Auto-Mutilação https://www.facebook.com/pages/Auto-Mutila%C3%A7%C3%A2o/618457894867960
	37. Auto-mutilação https://www.facebook.com/pages/Auto-mutila%C3%A7ao/1483502478538241

	38. Auto-Mutilação https://www.facebook.com/pages/Auto-Mutila%C3%A7%C3%A3o/173276276203335
	39. Auto-mutilação https://www.facebook.com/pages/Auto-mutila%C3%A7%C3%A3o/550865588271070
	40. Auto-mutilação um beco sem saída https://www.facebook.com/pages/Auto-mutila%C3%A7%C3%A3o-um-beco-sem-sa%C3%ADda/573052846090412
	41. Auto-mutilação https://www.facebook.com/pages/Auto-mutila%C3%A7%C3%A3o/1384625541784294
	42. Auto-mutilação https://www.facebook.com/pages/Auto-mutila%C3%A7%C3%A3o/1449022675335305
	43. Auto-mutilação https://www.facebook.com/pages/Auto-mutila%C3%A7%C3%A3o/488889381240760
	44. Automutilação https://www.facebook.com/AutoMutilacao2.0

	45. Grupo de Apoio- Auto Mutilação https://www.facebook.com/Automutilacao.apoi
	46. Auto-mutilação não julgue ajude . https://www.facebook.com/pages/Auto-mutila%C3%A7%C3%A3o-n%C3%A3o-julgue-ajude-/589327301115524
	47. Nunka Faça Seu Primeiro Corte https://www.facebook.com/pages/Nunka-Fa%C3%A7a-Seu-Primeiro-Corte/1441984189415014
	48. Diga Não A Auto-Mutilação https://www.facebook.com/DigaNaoAAutoMutilacao
	49. AutoMutilação Tem Cura https://www.facebook.com/pages/AutoMutila%C3%A7%C3%A3o-Tem-Cura/1425164794413529
	50. Auto-Mutilação De Marau https://www.facebook.com/maraunamutilacao
	51. Auto-mutilação sz ' https://www.facebook.com/pages/Auto-mutila%C3%A7%C3%A3o-sz-/631146860254449

	52. Auto-mutilação https://www.facebook.com/pages/Auto-mutila%C3%A7%C3%A3o/1446096835674392
	53. Whapp https://www.facebook.com/pages/Whapp/357206404436220
	54. Não à automutilação https://www.facebook.com/NaoAAutoMutilacao
	55. Não a auto-mutilação https://www.facebook.com/pages/N%C3%A3o-a-auto-mutila%C3%A7%C3%A3o/1517843475093722
	56. Ajuda a Auto-Mutilação https://www.facebook.com/pages/Ajuda-a-Auto-Mutilação/1414857418784017
	57. Ajuda imediata Auto-Mutilação https://www.facebook.com/pages/Ajuda-imediata-Auto-Mutila%C3%A7%C3%A3o/127925064049786
	58. Stop auto-mutilação https://www.facebook.com/pages/Stop-auto-mutila%C3%A7%C3%A3o/579332338785986

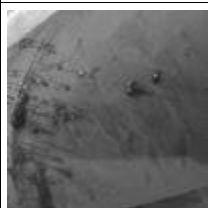
	59. Nunca mais 'auto-Mutilação' https://www.facebook.com/pages/Nunca-mais-auto-Mutila%C3%A7%C3%A3o/441158672663487
	60. Diga não a Auto-Mutilação https://www.facebook.com/pages/Diga-n%C3%A3o-a-Auto-Mutila%C3%A7%C3%A3o/150761148407370
	61. Juntos contra á auto-mutilação. https://www.facebook.com/contramutilacao
	62. Untitled https://www.facebook.com/naaoautomutilacao
	63. Diga Não A Auto-Mutilação https://www.facebook.com/pages/Diga-N%C3%A3o-A-Auto-Mutila%C3%A7%C3%A3o/697505776942835
	64. Ajudando a vencer a auto-mutilação https://www.facebook.com/pages/Ajudando-a-vencer-a-auto-mutila%C3%A7%C3%A3o/240141192776706
	65. Diga NÃO a Auto-Mutilação https://www.facebook.com/pages/Diga-N%C3%83O-a-Auto-Mutila%C3%A7%C3%A3o/609265889114005

	66. Apenas Pequenos Cortes https://www.facebook.com/Apenas.Pequenos.Cortes.BBS
	67. Estou morrendo por dentro mas ninguém vê https://www.facebook.com/pages/Estou-morrendo-por-dentro-mas-ningu%C3%A9m-v%C3%AA/303948513040911
	68. Meus cortes são marcas de guerra https://www.facebook.com/pages/Meus-cortes-s%C3%A3o-marcas-de-guerra/409882129142121
	69. Delirios Suicidas DDS https://www.facebook.com/incompreendidos8
	70. Pulsos https://www.facebook.com/pages/Pulsos/641363589293839
	71. Meu mundo obscuro https://www.facebook.com/Umagarotasolitaria.com.br
	72. Fique Forte https://www.facebook.com/FiqueForteAnjo

	73. Gritos silenciosos https://www.facebook.com/pages/Gritos-silenciosos/561218027300484
	74. Princesa de pulsos marcados https://www.facebook.com/pages/Princesa-de-pulsos-marcados/630576690382767
	75. Anjos † † https://www.facebook.com/anjos2402
	76. Cortes de um psicopata doentio https://www.facebook.com/pages/Cortes-de-um-psicopata-doentio/894760617207054
	77. Frases de um jovem suicida https://www.facebook.com/pages/Frases-de-um-jovem-suicida/429620303795941
	78. Anjos Depressivos https://www.facebook.com/pages/Anjos-Depressivos/618486411592381
	79. Sorry, I'm not perfect https://www.facebook.com/pages/SorryIm-not-perfect/1650165745209498

	80. • †pensamentos suicidas† •% https://www.facebook.com/www.Umpoucodemim
	81. Stay Strong † https://www.facebook.com/pages/Stay-Strong-/1530644343831014
	82. Sil3nc3 https://www.facebook.com/sil3nc3.pl3as3
	83. Auto-mutilação † https://www.facebook.com/pages/Auto-mutila%C3%A7%C3%A3o-/581249425323458
	84. Suicida ∞ https://www.facebook.com/pages/Suicida-/394833770654216
	84. Um corpo vivo em uma alma morta. https://www.facebook.com/pages/Um-corpo-vivo-em-uma-alma-morta/1438361769735637
	86. Tristezas e Depressões https://www.facebook.com/pages/Tristezas-e-Depress%C3%B5es/1498627420360604

	87. Garotas Revoltadas https://www.facebook.com/pages/Garotas-Revoltadas/712038938842283
	88. Pensamentos Suicidas † https://www.facebook.com/pages/Pensamentos-Suicidas-/619625774774743
	89. Pensamentos Suicidas † https://www.facebook.com/pages/Pensamentos-Suicidas-/635150283224785
	90. † Diários de uma Suicida † https://www.facebook.com/suicidaanonima
	91. Anjo suicida https://www.facebook.com/anjosuicidacicatrizes
	92. † Apenas Cortes † https://www.facebook.com/pages/-Apenas-Cortes-/289605014548023
	93. Uma Alma Depressiva https://www.facebook.com/umaalmadepressiva

	94. Gritos Silenciosos https://www.facebook.com/pages/Gritos-Silenciosos/510261845755804
	95. Mortos invisíveis. https://www.facebook.com/mortosinvisiveis
	96. Escondizando https://www.facebook.com/escondizando
	97. Cutting adolescente https://www.facebook.com/CuttingAdolescente
	98. Stay Strong https://www.facebook.com/Stay.Strong0007
	99. Exclu1dos . https://www.facebook.com/pages/Exclu1dos-/264413963728726
	100. Pensamento Depressivo † https://www.facebook.com/PensamentosDepressivoos

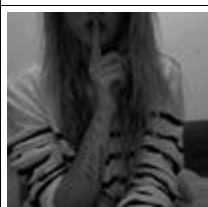
	101. Cortes '-' https://www.facebook.com/pages/Cortes-/637686732963374
	102. Uma suicida imperfeita https://www.facebook.com/pages/Uma-suicida-imperfeita/688531421208083
	103. Princesa suicida e seus cortes https://www.facebook.com/princesaekortes
	104. Uma Suicida Sufocada https://www.facebook.com/pages/Uma-Suicida-Sufocada/673345442707995
	105. 1mmortais https://www.facebook.com/Imm0rtais
	106. Desabafos de uma auto-mutiladora https://www.facebook.com/pages/Desabafos-de-uma-auto-mutiladora/1411066275812124
	107. Cortes e Dores https://www.facebook.com/pages/Cortes-e-Dores/271469313010039

	108. Silent Suicide https://www.facebook.com/SilentSuicide01
	109. O lado obscuro da alma https://www.facebook.com/pages/O-lado-obsкуро-da-alma/592563027502790
	110. Automutilação e Depressão https://www.facebook.com/pages/Automutila%C3%A7%C3%A3o-e-Depress%C3%A3o/675206752489694
	111. Diário de uma anja suicida https://www.facebook.com/pages/Di%C3%A1rio-de-uma-anja-suicida/1443722689185014
	112. Suicid3s https://www.facebook.com/pages/Suicid3s/760458517303158
	113. Suicída depressivo https://www.facebook.com/pages/Suic%C3%ADda-depressivo/131490470358084
	114. Sofrendo em Silêncio https://www.facebook.com/adordos1lencio

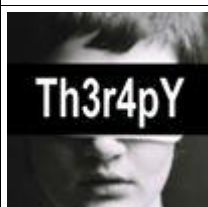
	115. Sintomas da depressão https://www.facebook.com/pages/Sintomas-da-depress%C3%A3o/578445288891471
	116. Uma Garota em crise https://www.facebook.com/pages/Uma-Garota-em-crise/364525716991551
	117. Garota suicide https://www.facebook.com/pages/Garota-suicide/493672244074863
	118. Princesa com cicatrizes . https://www.facebook.com/cicatrizesdeumaguerreira12
	119. Psicopata suicida.³ https://www.facebook.com/pages/Psicopata-suicida%C2%B3/691360930914060
	120. Um anjo depressivo https://www.facebook.com/pages/Um-anjo-depressivo/771359399547289
	121. Princess Depressive †† https://www.facebook.com/pag.Criacios666

	122. Adolescente em Crise https://www.facebook.com/UmaAdolescenteEmCrisee
	123. Menina Triste https://www.facebook.com/pages/Menina-Triste/1394194934155553
	124. Um mundo sem volta https://www.facebook.com/pages/Um-mundo-sem-volta/595033877257966
	125. Palavras também mata https://www.facebook.com/pages/Palavras-tamb%C3%A9m-mata/445618448905300
	126. Pensamentos Depressivos https://www.facebook.com/pages/Pnsamentos-Dpressivos/724706007573862
	127. Uma Rockeira Suícida https://www.facebook.com/pages/Uma-Rockeira-Su%C3%ADcida/590476327698245
	128. Garota Anti-Social Depressiva ∞ https://www.facebook.com/garotadepressivaantisocial

	129. Nem Tudo o Tempo Pode Levar. https://www.facebook.com/Nemtudoootempopodelevar
	130. Despedaçados https://www.facebook.com/des287
	131. Garota suicida https://www.facebook.com/pages/Garota-suicida/170381189760730
	132. † Princesa Mórvida † https://www.facebook.com/pages/-Princesa-M%C3%B3rbida-/590536924372308
	133. Suicida Anonima . https://www.facebook.com/abistinec3
	134. Lagrimas de uma estranha garota https://www.facebook.com/pages/Lagrimas-de-uma-estranha-garota/483488881711262
	135. Pensamentos da vida de um garoto revolta. https://www.facebook.com/pages/Pensamentos-da-vida-de-um-garoto-revolta/454067114704795

	136. Terror Depressivo https://www.facebook.com/TerrorDepressivoOficial
 Dá. Dá tanto. E ninguém percebe isso.	137. Apenas mais uma menina Solitária https://www.facebook.com/AMUMS2014
	138. Uma Girl Sem Sonhos https://www.facebook.com/Umagirlsemsonhos
	139. A menina Solitária https://www.facebook.com/AmeninasolitariaOficial
 Im Fine	140. A marca de uma Lágrima https://www.facebook.com/pages/A-marca-de-uma-L%C3%A1grima/235758183258831
	141. Vale dos suicidas https://www.facebook.com/pages/Vale-dos-suicidas/1942917452516371
	142. Mente de um Automutilante https://www.facebook.com/pages/Mente-de-um-Automutilante/168393539989102

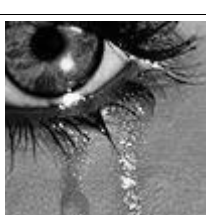
	143. Apenas uma suicida https://www.facebook.com/SuaVidaSuicida
	144. Pensamentos de um garoto suicida https://www.facebook.com/CortesMefazemBem
	145. Guarda os Pulsos" pro final saída de emergência" https://www.facebook.com/pulsos.234
	146. Meninas Que Escondem Lágrimas Através de Sorrisos https://www.facebook.com/pages/Meninas-Que-Escondem-L%C3%A1grimas-Atrav%C3%A9s-de-Sorrisos/451200111643340
	147. Alma Suicida. https://www.facebook.com/almasuicida.oficial
	148. Apenas uma Garota que Sofre Calada https://www.facebook.com/pages/Apenas-uma-Garota-que-Sofre-Calada/221730914676886
	149. Garota Suicida https://www.facebook.com/pages/Garota-Suicida/238605456299920

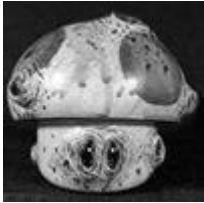
	150. Diário De Uma Suicida. https://www.facebook.com/DoceSuicida
	151. Princesas marcadas https://www.facebook.com/pages/Princesas-marcadas/217136361823661
	152. Apenas mais uma depressiva https://www.facebook.com/pages/Apenas-mais-uma-depressiva/241533016017883
	153. Mentos Doentias https://www.facebook.com/mentesdoentiasd3vil
	154. † Meio Psicopata † https://www.facebook.com/pages/-Meio-Psicopata-/401573879986350
	155. Anjo Deprimido https://www.facebook.com/AnjoDeprimido
	156. Th3r4pY https://www.facebook.com/pages/Th3r4pY/207745916083647

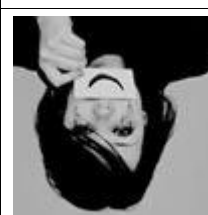
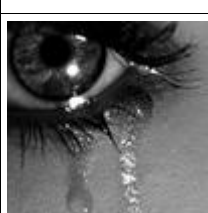
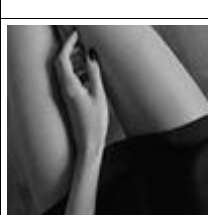
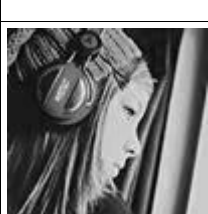
	157. Cortes , dores e sofrimento 2.0 https://www.facebook.com/pages/Cortes-dores-e-sofrimento-20/362776847197744
	158. Jogos Suicidas https://www.facebook.com/pagejogossuicidas.com.br
	159. Coração Suicida https://www.facebook.com/umcoracaosuicida
	160. Minha Automutilação :/ https://www.facebook.com/pages/Minha-Automutila%C3%A7%C3%A3o-/618220014912744
	161. Mente De Um Depressivo https://www.facebook.com/mente.de.um.depressivo123
	162. Girl Morta https://www.facebook.com/Girlmortaforever
	163. Os pensamentos de uma adolescente https://www.facebook.com/pages/Os-pensamentos-de-uma-adolescente/1431249843765293

	164. Pensamentos de uma suicida https://www.facebook.com/pages/Pensamentos-de-uma-suicida/272710859545846
	165. Psicodélica em Crise https://www.facebook.com/pages/Psicod%C3%A9lica-em-Crise/171717959661476
	166. Desabafos de uma mente Suicida https://www.facebook.com/DesabafosDeUmaMenteSuicida
	167. † Suicida da alma † https://www.facebook.com/suicidadaalmaoficial
	168. Suicídio Mental https://www.facebook.com/freedomofsuicide
	169. † Anjos Machucados † https://www.facebook.com/pages/-Anjos-Machucados-/1375860559333457
	170. Psicopatas & Suicidas https://www.facebook.com/PsicopatasSuicidas

	171. Pensamentos, escuros. https://www.facebook.com/pages/Pensamentos-escuros/168144846660239
	172. Suicidas S.A https://www.facebook.com/SuicidasS.A
	173. Suicide Girls https://www.facebook.com/SuicideGirls
	174. Aguentar, Sorriir, e Diisfarçar † https://www.facebook.com/AguentarSorriirEDIisfarcar
	175. Uma Adolescente Problemática https://www.facebook.com/pages/Uma-Adolescente-Problem%C3%A1tica/363268900452648
	176. Unforgiven. https://www.facebook.com/UnforgivenOficial
	177. Pensamento de um adolescente em colapso https://www.facebook.com/PensamentoDeUmAdolescenteEmColapso

	178. Psicopata Obscuro https://www.facebook.com/pages/Psicopata-Obscuro/571115219614534
	179. Menten Insanas & Alucinadas https://www.facebook.com/InsanosAlucinados
	180. Coruja Depressão https://www.facebook.com/CorujaDepressao
	181. Pequena suicida. https://www.facebook.com/www.pequenasuicida.com.br
	182. Meu Doce Sacrifício https://www.facebook.com/meuscortes
	183. † Paradise Lost † https://www.facebook.com/pages/-Paradise-Lost-/400622746716928
	184. Lagrimas de sangue https://www.facebook.com/lagrimadesangue

	185. Psicopata Anônimo https://www.facebook.com/PsicoAnonimo
	186. A Morte https://www.facebook.com/curtiramorte
	187. †Anjos sem Asas† https://www.facebook.com/pages/Anjos-sem-Asas/628232627285710
	188. Ninguém se importa" https://www.facebook.com/pages/Ningu%C3%A9m-se-importa/859378960780789
	189. Pulsos manchados https://www.facebook.com/pages/Pulsos-manchados/523320414479276
	190. Pulsos Cortados † https://www.facebook.com/pages/Pulsos-Cortados-/533464000124487
	191. Pulsos Marcados https://www.facebook.com/pages/Pulsos-Marcados/637477179700567

	192. Garota Suicida †† https://www.facebook.com/garotasuicidaaameninadocio
	193. Um anjo com os pulsos marcados https://www.facebook.com/pages/Um-anjo-com-os-pulsos-marcados/287600654770206
	194. †Diário de uma princesa Depressiva† https://www.facebook.com/pages/Di%C3%A1rio-de-uma-princesa-Depressiva/329052377278337
	195. Vestígios de uma Estranha. https://www.facebook.com/pages/Vest%C3%ADgios-De-Uma-Estranha/884112881613747
	196. Apenas Uma Garota Suicida https://www.facebook.com/pages/Apenas-Uma-Garota-Suicida/875061192525857
	197. Pulsos Marcados https://www.facebook.com/pages/Pulsos-Marcados/495657973907884
	198. Posso não demonstrar, mas sinto https://www.facebook.com/eusintos2

	199. Depressão pós nada https://www.facebook.com/pages/Depres%C3%A3o-pos-nada/1482561472022516
	200. Mundo dos Depressivos https://www.facebook.com/www.mundodosdepressivos.com.br